

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A Libertação da Alma Sonhadora: Experiências de Educação Ambiental vivenciadas  
com detentas da Penitenciária Estadual de Rio Grande.**

**Janaina Amorim Noguez**

**Rio Grande**  
**2006.**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A Libertação da Alma Sonhadora: Experiências de Educação Ambiental vivenciadas  
com detentas da Penitenciária Estadual de Rio Grande.**

**Janaina Amorim Noguez**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do Grau de Mestre ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação Ambiental, da  
Fundação Universidade Federal do Rio Grande.  
Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães  
Rodrigues.

**RIO GRANDE**

**2006.**

## **PRESÍDIOS<sup>1</sup>**

Cada vez mais presídios são construídos no mundo.

São prisões de pedra que aprisionam o corpo, a alma, e a mente humana.

O indivíduo entra ladrãozinho, se torna mula. Entre mula se torna traficante. Entra assaltante se torna assassino psicopata, viciado, revoltado, e a juíza da comarca nada faz para melhorar o sistema, só sabe condenar, aprisionar, não tem interesse de abrir oportunidade digna de trabalho remunerado para que o preso saia melhor e profissionalizado, ela só pensa em prender, condenar, isolar, aumentando assim o ódio, a revolta, a marginalidade, o tráfico dentro do presídio.

Alguém devia reaver o sistema e melhorar,

Assim como está não dá para agüentar e em nada vai ajudar o preso se modificar,

Só vai induzido mais e mais a se marginalizar, para não enlouquecer sem nada poder fazer.

Escrevo tudo que vejo, sou fraca demais para me manifestar e sozinha, ninguém vai me ajudar,

Talvez alguém acolhe o que escrevo e tenta o sistema analisar e algumas cláusulas da lei modificar

Ou assimilar para a vida do preso melhorar e evitar que dentro do presídio parem de traficar, matar-se,

Talvez você que está lendo não esteja compreendendo acha que estou mentindo ou exagerando, inventando, porque não está relatando, ou nunca teve ninguém seu deste lado dos muros do presídio,

Mas o sistema sabe que estou descrevendo porque no presídio estou vivendo e o que vejo escrevendo.

---

<sup>1</sup> Escrito no dia 20/06/05 às 00h38min pela presa *Sara* (nome fictício), participante da pesquisa.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às presas, participantes da pesquisa, da Penitenciária Estadual de Rio Grande.

## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que colaboraram para que este sonho se tornasse realidade. Assim, agradeço principalmente a meus pais e minha irmã por terem acreditado em mim.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Victor Hugo. Este sim, soube ensinar-me a ser crítica e criativa.

Às presas da Penitenciária Estadual de Rio Grande pelo apoio e confiança depositados na minha pessoa enquanto pesquisadora e também amiga.

Aos funcionários da PERG pelo espaço concedido.

A minha amiga Dayse e Joice pelas dicas e compreensão!

Ao Luis, com carinho!

À CAPES pelo financiamento recebido.

## SUMÁRIO

**RESUMO.....**

**ABSTRACT.....**

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....**

**1. CONSTRUINDO O SENTIDO DA LIBERTAÇÃO DOS MEUS SONHOS .....**

1.1 O que me aproximou com a temática de pesquisa.....

1.2 Meus sonhos.....

**2. O PRESÍDIO .....**

2.1 Vivenciando e compartilhando sonhos no presídio: Uma Utopia da Educação Ambiental? .....

**3. PERCORRENDO CAMINHOS.....**

3.1 O Processo de unitarização .....

3.2 O Processo de categorização.....

3.3 Como se dá o processo de categorização .....

3.4 O novo emergente .....

**4. REFAZENDO CAMINHOS .....**

**5. CRIANDO UMA NOVA METODOLOGIA.....**

5.1 Os primeiros passos .....

5.2 No segundo encontro o impasse .....

5.3 Finalmente, o encontro.....

5.4 O pensamento é liberdade? .....

5.5 A marca: ex-presidiária! .....

5.6 Saudade palavra triste .....

5.7 Todos iguais e tão desiguais! .....

5.8 Estética .....

5.9 As lembranças das esquecidas .....

5.10 O último e eterno encontro .....

5.11 Depois do estágio docência.....

5.12 Recomeçar.....

5.13 O encontro com o advogado .....

5.14 Os preparativos para o natal.....

5.15 A nossa árvore de natal .....

5.16 A ceia de natal.....

**PARA FINALIZAR, SEM CONCLUIR .....**

## ABSTRACT

Being enrolled on a Máster degree with the Ambient Education Graduate Program, from the Federal University of Rio Grande (FURG), involved in the research field of *non-formal* Ambient Education, I have proposed myself to a challenge at this moment of my life: have a master degree. Besides that, the biggest challenge was to fulfill my research, which had as main focus to investigate the dreams of the prisoners at the State Prison of Rio Grande (PERG). The dreams, found in this dissertation, are referred as *dreamy* images, meaning images of happiness, joy, freedom, hope. These dreams do not refer to asleep dreams, for the night, but they refer to awake dreams, for the day, in which people are the protagonists who build up images according to their desires, feelings and emotions. Yet, as secondary focus, I reflect, in this text, the existence of certain principles of Ambient Education in the relationships among the prisoners. These principles are the ones of cooperation, community and solidarity. In this consists the prisoners' dream, adding to these institutional fellows, (again) meaning their images and utopian imagination. This work means to me not only a Graduate research. It had a changing and transforming function on my person. Every time I would go immerse into the subject, I would go through the process of metamorphosis. Thus, I have the desire explaining this freedom process of my soul, through the experience that I lived with the PERG prisoner women, during the research activity. As a scientific point of reference, this work goes over the discussions on Ambient Education. *Esthetic Education* and the *Dreamy Ecology*. About the information research activity in itself, I could say it was marked in two moments: one, before the selection of the research project, in which I realized pilot-interviews with two PERG prisoners, with the of receiving selection, when the *evaluation committee* suggested that I *participate* deeper in the jail, thus giving more emphasis to the qualitative *nature* of the research, based on the principles of *living research with action*, where the researcher has a more frequent contact with the participants of the research itself. Thus, with the challenge *presented*, I went to PERG and, with the help of some employees, created a group of *prisoner women*, who were interested in discussing themes related to their lives. These themes generated from group discussions were chosen by the prisoner women themselves, meaning that I did not prepare our meetings with a predetermined *activity*, although I had an idea of what they would like to work with, because on the interviews that took place with the prisoner I realized that the dream of the prisoners are fundamentally the going back home, living with their children e a good job, bringing personal satisfaction and enough earning to support their family. Lastly, with the accomplishment of this work I would like to soften for a new social environment, in which prejudice and exclusion be *minimized* and these people be accepted by the society, understanding them as human beings, with feelings, emotions and dreams.

**Key words:** Dreams; Ambient Education; Prisoners.

## RESUMO

Como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal de Rio Grande, inserida na linha de pesquisa Educação Ambiental Não Formal, propus-me a um desafio neste momento da minha vida: fazer mestrado. Além disso, desafio maior foi realizar a minha pesquisa, a qual teve como objetivo principal investigar inicialmente os sonhos dos presidiários(as) da Penitenciária Estadual de Rio Grande – PERG. Os sonhos, nesta dissertação, são referenciados como imagens oníricas, ou seja, imagens de felicidade, alegria, liberdade, esperança, expectativas de vida dos participantes da pesquisa. Não se referem aos sonhos adormecidos, da noite, e sim aos sonhos diurnos, despertos, nos quais os sujeitos são protagonistas e constroem suas imagens conforme seus desejos, sentimentos e emoções. Ainda, como objetivos secundários, reflito, neste texto, sobre a existência de alguns princípios da Educação Ambiental nas relações entre os presidiários. Estes princípios são os de cooperação, coletividade e solidariedade. Isso constitui o sonho dos presos e das presas, e contribuem para a vida destes sujeitos institucionalizados, (re) significando suas imagens e imaginações utópicas. Este trabalho, para mim, caracterizou-se ainda como não só mais uma pesquisa de mestrado. Teve um caráter de mudança e transformação da minha pessoa. Entrei em processo de metamorfose cada vez mais ao imergir no tema. Assim, tenho a intenção de explicitar este processo de libertação da minha alma, através da experiência vivida com as detentas da PERG, na atividade de pesquisa. Como referencial científico, o trabalho se debruça nas discussões sobre a Educação Ambiental, a Educação Estética e a Ecologia Onírica. Sobre a atividade de coleta de dados em si, posso dizer que esta fase foi marcada por dois momentos: um, antes da qualificação do projeto de pesquisa, em que fiz entrevistas-piloto com dois presos da PERG, a fim de obter dados iniciais sobre os sonhos dos presidiários; o outro momento evidenciou-se após a qualificação, quando a banca pediu-me para que me inserisse mais profundamente no presídio, dando ênfase assim a uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada nos princípios da pesquisa-ação, onde o pesquisador tem um contato mais freqüente com os participantes da mesma. Assim, com o desafio lançado, fui até a PERG e, com a ajuda de algumas funcionárias, formei um grupo de presas, as quais estavam interessadas em discutir temas relacionados às suas vidas. Estes temas geradores das discussões em grupo foram escolhidos pelas próprias participantes da pesquisa, ou seja, não esquematizei nossos encontros *a priori*, mesmo tendo noção do que elas gostariam de trabalhar, já que nas entrevistas feitas com os presidiários, percebi que os sonhos dos presos são fundamentalmente a volta para casa, a convivência com os filhos e o trabalho justo, que traga recompensa pessoal e um salário capaz de sustentar a família. Enfim, com a realização deste trabalho, gostaria de sensibilizar as pessoas para um novo convívio social, no qual o preconceito e a exclusão sejam problematizados e as pessoas discriminadas sejam aceitas pela sociedade, entendendo-as como seres humanos, que têm sentimentos emoções e sonhos.

Palavras-Chave: Sonhos; Educação Ambiental; Presidiários (as).

## **1. CONSTRUINDO O SENTIDO DA LIBERTAÇÃO DOS MEUS SONHOS**

Neste capítulo, exponho e reflito a minha história acadêmica e os meus sonhos. O relato da minha história pessoal/profissional irá situar e esclarecer o leitor sobre os motivos das minhas escolhas. A discussão sobre os meus sonhos conduzirá a mente e o espírito dos possíveis leitores e também a minha a um universo mais sensível, de caráter mais reflexivo sobre as coisas do mundo, aquilo que nos fazem pensar e acreditar como certo, verdade única e absoluta.

A seguir, discorro e discuto/reflito sobre a minha trajetória profissional. Abordo os aspectos relevantes desta caminhada, que constituiu e ainda constitui a vida de mais uma cidadã terrena, mais uma Janaina, que luta por um mundo melhor e não se satisfaz com as mediocridades e as mesquinharias que o sistema proporciona. Eu, assim como muitas pessoas, estou lutando, dia após dia, para não sucumbir, inserida em um sistema perverso como o nosso e, por isso, a experiência do mestrado pode trazer achados muito significativos, que marcaram a minha vida pessoal e profissional.

### **1.1 - O que me aproximou com a temática da pesquisa**

O ingresso na Universidade foi uma das grandes marcas positivas de minha vida escolar. Logo no primeiro vestibular, fui aprovada e selecionada para o curso de Pedagogia. Era ainda uma adolescente na época (tinha 17 anos), mas talvez nem tanto imatura para tal feito, pois sempre cumpri com todas as minhas obrigações acadêmicas.

Para obter a aprovação no vestibular, dediquei-me muito aos estudos. Enquanto as amigas iam para a praia, em pleno verão, eu ficava em casa estudando, alugando as fitas do cursinho pré-vestibular a fim de recuperar as aulas e os conteúdos perdidos. O tempo era extremamente aproveitado. Todo segundo era valioso para estudar.

Na realidade, esta foi a marca de toda a minha educação formal. Meu sonho escolar era de ser a aluna exemplar e a filha “direita”. Na tentativa de corresponder a este sonho a minha história escolar básica foi cumprida a risca. Quero dizer com isto que em toda a história de ensino fundamental e médio, dedicava-me às atividades propostas, estudando bastante e preocupando-me com as questões de ordem escolar.

Ingressei no curso de Pedagogia em 1999. Durante o curso, despertei para uma consciência mais crítica sobre o mundo, a educação e suas implicações sócio-ambientais. Neste sentido, as disciplinas estudadas e as leituras efetivadas no decorrer do curso tiveram um papel fundamental neste processo de conscientização crítica sobre a realidade.

É necessário salientar, para ser mais específica, que as disciplinas voltadas mais para a área social (Sociologia, Didática, Filosofia, História da Educação e Políticas Públicas) foram as mais marcantes para mim durante o período da graduação, pois preocuparam-se em debater as questões sociais do nosso país e do mundo. Como não tinha muito interesse nas áreas do conhecimento voltadas para a Psicologia, embora observando sua importância, era (e ainda sou) apaixonada pela discussão das questões pertinentes ao meio social, mais precisamente a Sociologia e a Filosofia.

As leituras das obras de Paulo Freire orientaram-me muito no sentido de questionar as relações de poder<sup>2</sup>, evidenciadas no cotidiano escolar e também social. O autor discute, entre outras coisas, o conceito de conscientização, que se faz necessário elucidar, pois muitas vezes este é utilizado erroneamente.

Situo meu entendimento sobre conscientização conforme a idéia de Freire (1980, p. 26), que diz: “(...) A conscientização implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. E assim a conscientização foi acontecendo comigo, ou seja, transpus a lógica de observação empírica da realidade, e comecei a questionar as ordens políticas, os interesses de classe, a ideologia, enfim, o sistema capitalista como um todo.

É imprescindível não ter uma visão fatalista da realidade, acreditando que estas condições existenciais de pobreza, discriminação, autoritarismo e poder sempre estiveram aí e sempre estarão. É necessário perceber que essas condições sociais foram historicamente construídas, por homens e mulheres intencionalmente conscientes.

Como não podemos acreditar que essa condição é eterna, é preciso que os sujeitos sociais se mostrem comprometidos com a mudança das condições sociais. Nesse sentido, “(...) Freire entende que é possível engajar a educação nesse processo de conscientização e de movimento de massas”. (GADOTTI, 1991). Ou seja, é dever do educador crítico

---

<sup>2</sup> Relações de poder entendidas na perspectiva freireana, sendo o autoritarismo do professor sobre seus educandos, como que os alunos nada soubessem e o educador trouxesse o conhecimento pronto à turma.

desafiar os homens e as mulheres a pensarem criticamente sobre a realidade na qual se inserem.

Foi assim que, neste processo de conscientização crítica sobre a realidade, fui me engajando à causa estudantil e participando de projetos de pesquisa e de extensão, de seminários, palestras, semanas acadêmicas, coordenação de diretório acadêmico e outras atividades, durante o período de formação universitária. Assim fui construindo minha *práxis acadêmica*, tanto participando das propostas sugeridas em sala de aula (ambiente formal institucionalizado), como das atividades da FURG voltadas aos meus interesses enquanto estudante de universidade pública.

Estes acontecimentos me fizeram amadurecer muito em relação a minha escolha profissional, que ainda se constituía durante o curso. Afinal, universidade não se faz apenas dentro da sala de aula, ela acontece também nos outros espaços (institucionais ou não) onde há aprendizagem e vivências acadêmicas significativas.

É neste sentido que o conceito de educação e aprendizagem já vem sendo ampliado até mesmo pela legislação educacional. Afirmo isto, pois segundo a LDB 9394/96, art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, LDB, 1996). Desse modo, a educação não é só dever da escola, mas sim da sociedade como um todo, pois a aprendizagem acontece em todos os momentos em que há mudanças de atitudes, comportamentos e conceitos, ou seja, ela acontece em qualquer espaço em que ocorra a interação social.

A constituição em mim da idéia de ser educador foi sendo construída a partir da aprendizagem nos quatro anos de faculdade e de experiências didáticas. Obviamente, esta aprendizagem não ficou estagnada lá no período da graduação, mas sim foi-se reformulando no decorrer do curso de Especialização e, atualmente, pela passagem no Mestrado em que, enquanto profissional, certamente obtive um salto qualitativo no que se refere à questão da pesquisa.

Sobre a profissão de educador, Freire e outros educadores dizem que ela teve um grande declínio no que tange ao prestígio sócio-econômico nas últimas décadas. Neste sentido, se o profissional desejar ser valorizado, deve encarar a profissão não como um

“bico”, algo que se faz para ganhar um “pouquinho mais”, mas a profissão deve ser valorizada principalmente pelos próprios profissionais da área.

Ser educador está muito longe de “pegar um bico”. Ser educador é estar incompleto como tal na busca diária de aprofundamento teórico, sem tornar-se duro com uma ótica positivista e linear, mas, sobretudo, ter rigorosidade metódica na práxis pedagógica, assumindo ao mesmo tempo um sentimento de sensibilidade e paixão pelo ato de ensinar/aprender.

Ser educador é ter compromisso com seus sonhos, acreditar neles e tentar torná-los realidade. Falo da realidade que liberta, que transforma as pessoas e essas transformam o mundo. Defendo um espaço em que todas as pessoas (que são diferentes) possam ter seus direitos garantidos, respeitando suas limitações, e que elas possam ter acesso às oportunidades que a vida e a sociedade oferecem.

A partir do momento em que pretendo falar de sonhos, de utopia, faz-se necessário apresentar a minha utopia enquanto educadora e cidadã. Penso que nossa sociedade está extremamente carente de todos os valores necessários a uma vida digna, humana e livre. Estes valores devem estar baseados na solidariedade, na comunhão entre as pessoas e os povos, no respeito à diferença, na honestidade e na possibilidade ontológica que todo ser humano tem de *ser mais*, ou seja, ser mais feliz. O sonho, neste sentido, promove a possibilidade da felicidade, pois realimenta nossas imagens e imaginações utópicas.

É a capacidade e a possibilidade de sermos mais felizes e de sonharmos que nos caracteriza enquanto seres humanos e nos diferencia dos outros animais. Para sermos mais felizes no nosso cotidiano, é preciso dar asas à imaginação, aos nossos sonhos, pois a realidade realiza-se através da manifestação concreta de nossos sonhos, desejos e vontades a partir do momento em que colocamos em prática o que sonhamos e imaginamos. O sonho de hoje possivelmente será a realidade do amanhã.

Toda esta construção filosófica e ideológica foi me constituindo durante o curso de Pedagogia. Através desta impregnação teórica, fui me apaixonando pela educação e enraizando em mim um sentimento de luta por ideais solidários e transformadores, contrapondo-se à lógica capitalista.

Esta constituição sólida e radical não me faz menos sensível. Muito pelo contrário, a forma radical (no sentido de raiz, de buscar a origem das coisas) como estou me constituindo enquanto educadora constrói em mim um sentimento muito bonito, pois penso

que é possível, através de uma práxis coerente, modificar algumas perspectivas nefastas (como a exclusão social) assoladas pelo capitalismo.

E certamente foi por esta crença que optei por estudar desde a graduação o universo prisional, por acreditar que aquelas pessoas são responsáveis por sua situação de exclusão, mas também são vítimas de um todo organizado, que necessita de instituições excludentes (como presídios, manicômios, hospitais, asilos, orfanatos, etc.) para manter o *status quo*.

Assim, neste processo intenso, fui constituindo as minhas relações na universidade, aliando-me aos docentes e discentes que partilhavam dos mesmos sonhos e compromissos. Foi uma época muito boa, no sentido da minha constituição humana e profissional.

Em março do ano de 2003, aconteceu a minha formatura da graduação e fui intitulada Pedagoga. A partir daquele momento, teria um compromisso social muito importante, a licenciatura, compromisso este que já tinha sido assumido desde o ingresso no curso.

Antes da minha formatura, como requisito parcial para obtenção do grau, deveria realizar uma monografia de final de curso. Nesta oportunidade, a idéia central do meu trabalho era pesquisar de que maneira o profissional da educação, mais precisamente o professor, poderia interferir na produção da marginalidade, sempre acreditando no poder potencializador do educador, pois quando o mesmo abstém-se da sua capacidade de persuasão, implicitamente estará contribuindo para a conservação do *status quo*, na medida em que omite o seu papel de interventor social e a sua capacidade de construção de um conhecimento e de uma sensibilidade capazes de interferir no pensamento e na ação dos alunos. Neste sentido, definia-se a minha hipótese de pesquisa, além da idéia central.

Percebi, a partir da coleta de dados feita naquele momento, que os sujeitos pesquisados acreditavam na escola enquanto possibilidade de ascensão social. Ou seja, eles colocavam sobre a instituição escolar um papel muito importante e decisivo enquanto futuro de vida, tanto profissional quanto pessoal e financeiro, principalmente das classes populares, pois é através dela, a escola, que estes sujeitos vislumbravam um presente e um futuro dignos. E aí fica a seguinte reflexão para todos os profissionais da educação: Será que a escola está preparada para trabalhar com todas essas expectativas das classes populares?

Naquele momento, ficou a seguinte reflexão em mim: De que forma a escola e seus profissionais contribuirão para que seus discentes tenham uma perspectiva de futuro

almejada, já que se coloca à escola (e a seus profissionais) um papel tão importante como este? Será que a instituição escolar está sendo conivente com as expectativas dessas pessoas? A quem ela está servindo? De que maneira ela pode mudar a realidade de exclusão social?

Os presos entrevistados naquela oportunidade acreditavam que a escola poderia oferecer-lhes condições melhores de sobrevivência, de trabalho e de um futuro digno. Pensavam que essa instituição seria capaz de promover-lhes a ascensão social desejada: estudar, trabalhar, ganhar um salário digno que fosse capaz de satisfazer as necessidades da família.

Meu ponto de vista é igualmente positivo com relação à escola. Penso que, para as classes populares, talvez a escola seja a única alternativa de um futuro melhor; mas acredito também que nem todos chegarão aos patamares que almejam; nem todos conseguirão conquistar seus sonhos por intermédio da escola; afinal, o sistema capitalista, no qual a escola está imersa, é irreduzível nesse sentido: alguns serão as cabeças pensantes da sociedade e a grande maioria da população, a massa de manobra, os assalariados, os explorados.

Para que a escola possa atender a todas essas expectativas (ou quase todas), penso que o sistema deveria mudar seu paradigma, sair da perspectiva cartesiana, fragmentada, que tanto qualifica o sistema capitalista, o qual diferencia e separa a alma e o corpo, o homem e a natureza.

Ao transcender essa perspectiva epistemológica, baseada nos princípios capitalistas, a escola poderia aventurar-se nas raízes do paradigma complexo, que entende a complexidade do mundo, das coisas, e suas relações, sem desvalorizar “(...) o limite, o tempo, a história; a diferença, a diversidade, a outridade”. (LEFF, 2003, p.20)

Nesse sentido, a escola deveria valorizar a racionalidade ambiental, ao invés da racionalidade científica e capitalista. A primeira valoriza as questões referentes à sustentabilidade, aos valores intrinsecamente benéficos à constituição do homem enquanto ser que se entende história da humanidade e, por isso, responsabiliza-se com suas ações, já que essas serão deixadas para as futuras gerações. A segunda perspectiva, a racionalidade científica e capitalista, está:

(...) associada a uma racionalidade científica e tecnológica que busca incrementar a capacidade de certeza, previsão e controle sobre a realidade... O saber ambiental questiona a racionalidade científica como instrumento de

dominação da natureza e sua pretensão de dissolver as externalidades do sistema através de uma gestão racional do processo de desenvolvimento. (LEFF, 2001, p.136)

É com essas premissas que o pensamento ambiental/educacional complexo vem se modificando, na busca do entendimento de algo complexo, ou seja, do entendimento de que as relações são interdependentes e não fragmentadas como propunha o pensamento cartesiano. O mundo e as coisas estão imbricados por uma teia de relações, e é por esse motivo que temos que pensar, sim, na educação e nos processos de exclusão social, em especial, neste texto, na questão da criminalidade, nos presidiários.

É possível perceber no nosso cotidiano que, muitas vezes, a questão da criminalidade aparece como uma alternativa de conseguir um retorno financeiro mais rápido para sustentar a pessoa “criminosa” e sua família, já que a escola não conseguiu propiciar o retorno do que, como exemplo, os participantes da minha pesquisa da graduação gostariam. A escola foi incapaz de propiciar-lhes a ascensão social tão creditada a ela. Por essa, e talvez outras razões, muitas pessoas enxergam o crime, principalmente o roubo e o tráfico de drogas, como a maneira mais fácil de conseguir dinheiro.

Algumas pessoas já me perguntaram se tenho alguma pessoa próxima (parente, amigo, namorado, etc.) que esteja preso. Essa pergunta deixou-me várias vezes pensativa. Na verdade, atualmente conheço algumas pessoas que estão presas, mas quando iniciei essa temática de pesquisa, não conhecia ninguém. Esses cidadãos que cito, não têm nenhum grau de parentesco comigo, nem amigos são. São pessoas distantes do meu convívio, mas que acabei conhecendo por intermédio de outrem.

Ficava pensativa quanto a essas perguntas. Pois será que quando alguém começa a ter uma vivência um tanto mais solidária com as situações do mundo, as pessoas em geral logo acham que isso não é uma motivação interna? Acreditam que é uma reação a uma situação pessoal vivida.

Será que não podemos ter essas iniciativas simplesmente por motivação própria? Ou devemos só nos mobilizar por uma causa, quando aquilo aconteceu próximo com um ente querido?! Parece até um tanto egoísta pensar assim, pois esse tipo de mobilização deve acontecer na busca de um mundo melhor para todos, não só porque algo atingiu alguém pontualmente.

Nesse sentido, tomemos, por exemplo, Gandhi, Martin Luther King, Cristo, Chico Xavier e tantas outras pessoas que dedicaram suas vidas a uma causa maior, um trabalho em prol dos outros. E tantos anônimos que se entregam a uma utopia por um mundo melhor.

Esta pergunta fez-me refletir bastante, até com um pouco de indignação, ou curiosidade, melhor dizendo; mas, com certeza, com demasiada inquietação epistemológica. Por que será que quando alguém começa a ter uma atitude um pouco mais diferenciada do que aquilo que se espera, principalmente na academia, logo as pessoas acham que não é por livre vontade e, sim, porque esta pessoa já deve ter alguma história de vida ligada à determinada situação? Se fosse por isso, Freire nunca teria se envolvido com a educação, pois começou sua vida acadêmica no Direito, mas logo passou para a licenciatura e, no entanto, hoje é considerado um dos pensadores mais importantes do Brasil e do mundo na sua área.

Investigo essa causa simplesmente por vontade própria e não porque alguém próximo a mim está preso ou presa. Minha formação profissional, como pedagoga, foi baseada em pensadores críticos, os quais influenciaram a minha escolha por esta temática de pesquisa, por acreditar que algo pode ser feito para modificar as relações sociais capitalistas.

Até mesmo antes de ingressar na Pedagogia, tinha um pensamento revolucionário, capaz de ajudar o próximo. Certamente, por esta vontade intrínseca, a minha constituição enquanto pessoa teve vontade de fazer Serviço Social, como curso de graduação.

Como a universidade mais próxima a Rio Grande, cidade em que nasci e cresci, que possui esse curso é a UCPel (Universidade Católica de Pelotas), universidade particular, não tive condições financeiras para pagar o curso.

Então optei pela Pedagogia. Hoje penso que fiz a coisa certa, pois acredito que o referencial da educação pode construir em mim uma sensibilidade maior à causa dos excluídos. Talvez, se tivesse seguido por outro caminho, pensaria que o assistencialismo resolveria os problemas do mundo.

Percebo que as situações da vida cotidiana são construções históricas, são passíveis de mudanças através da revolução. Nesse caso, não sou partidária de uma revolução armada, sanguinária, mas sim de uma revolução cotidiana e pacífica, onde o que deve

morrer são os pensamentos e atitudes mesquinhas, desumanas e desiguais, aniquiladoras de sonhos.

Penso que os presidiários, assim como são responsáveis por seus delitos, são igualmente vítimas de um sistema capitalista, o qual não dá oportunidades de vida com dignidade e justiça a todos os cidadãos. Afirmando isto, pois, na minha primeira pesquisa, foi levantado através de prontuários estatísticos da PERG que, em primeiro lugar, o tipo de condenação que mais aparece é o tráfico de drogas e, em segundo, fica o roubo. Isso é uma maneira socialmente considerada ilícita de ganhar dinheiro! Dinheiro este que, muitas vezes, serve para sustentar os presos e seus familiares.

Percebi, em uma entrevista feita, que os presos por tráfico geralmente não se consideram como “bandidos”, “pessoas malfeitoras” e de “conduta duvidosa”. Eles simplesmente arrumam uma maneira fácil de ganhar dinheiro para sobreviver. Certamente, muitos estejam desempregados e essa situação, considerada ilícita pela sociedade, pode aparecer como única alternativa de sobrevivência e renda familiar.

Essas pessoas geralmente são oriundas de classes sociais desprivilegiadas dos acessos à cultura e à educação, e muito mais desprivilegiadas de um poder aquisitivo digno. Então tomam um caminho mais curto para chegar à realização pessoal oferecida pelas condições financeiras, pois, sem dinheiro, não é possível satisfazer as próprias necessidades básicas nesse sistema no qual estamos inseridos.

Sabendo de todas essas realidades levantadas através da coleta de dados, minha iniciativa foi a de tentar desenvolver uma sensibilidade mais aguçada para entender essa complexa realidade, que é a institucionalização prisional. Não gostaria de vê-los de forma preconceituosa, mas sim entendê-los enquanto pessoas, mesmo que estivessem sendo tratados de forma diferenciada das outras pessoas livres.

Nesta primeira atividade de pesquisa no presídio, durante a graduação, considerei aspectos quantitativos e qualitativos. Os quantitativos mostraram-se presentes através de uma amostragem nos prontuários, verificando a relação entre o grau de escolaridade e o tipo de crime cometido pelos sujeitos. Percebi que o maior número de internações na PERG acontece devido ao tráfico de drogas e, dos 66 prontuários analisados, 50 dos presos não tinham o ensino fundamental completo. Aí fica evidente a relação entre a baixa escolaridade e a criminalidade.

Após esta verificação, apliquei um modelo de questionário com perguntas abertas e fechadas a oito presos que tiveram contato com a escola formal. Assim excluí os analfabetos do foco de estudo, pois a intenção era perceber a produção da marginalidade realizada pela escola formal.

Percebi, como considerações finais neste estudo, que os detentos entrevistados da PERG possuem uma visão positiva da escola. Crêem nela como uma forma de *ressocialização* na coletividade, enquanto recuperadora da dignidade e da credibilidade junto aos demais cidadãos; e, ainda, acreditam na sua capacidade de ascensão social, na busca de um trabalho melhor, mais digno, bem remunerado e de respeito. Com esta análise, pude compreender que, para as camadas populares, a escola ainda é vista como a melhor forma de ascensão social.

Após o término da graduação, fui fazer a especialização (curso *latu sensu*). No trabalho científico realizado nesta ocasião, apresentei e discuti uma perspectiva histórica baseada na mesma temática de pesquisa trabalhada na graduação. Ou seja, verifiquei se as diferentes legislações educacionais (LDB's) deram algum respaldo educacional aos detentos das instituições prisionais; ou seja, se na evolução das legislações educacionais houve algum incentivo à educação nos presídios.

Foi verificado, nesta discussão teórica, que apenas a legislação aprovada em 1996 dá sustento à educação no presídio, mas não de forma explícita. Cronologicamente, as legislações assim discorrem.

A primeira legislação educacional, a Lei 4.024/61, ficou permeada por uma discussão ideológica partidária e preocupou-se mais em diferenciar uma educação para pobres e outra para ricos.

A lei 5.692/71, posterior à lei 4.024/61, teve em seu cerne o intuito de preparar o aluno para o mercado de trabalho. Mas na íntegra isso não aconteceu, pois, conforme Ghiraldelli (1990) houve muitas condições precárias de infra-estrutura e falta de professores especializados para a mão-de-obra que se necessitava em plena ditadura militar.

Já a lei 9394/96 alega o seguinte:

Art. 36 § 1º: Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não pudessem efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do

alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, LDB, 1996).

Assim, com a perspectiva de uma Educação para Jovens e Adultos (EJA), além dessa legislação entender que a escolarização poderá estender-se aos movimentos sociais, às associações de bairros, aos sindicatos, e a outros locais não formais, entendo que a questão escolar também poderá estender-se até o presídio, pois é uma das instituições inseridas no corpo social e que possui uma grande necessidade da EJA, já que a grande maioria desses jovens e adultos, como comprovado na minha monografia de graduação, não possui a escola básica completa.

É importante ressaltar que o meu trabalho de especialização dá esta interpretação à LDB, pois ela, na íntegra, não fala da educação aos presos de forma objetiva. Ela dá essa brecha, a EJA, para a minha argumentação, mas ainda é muito genérica quanto a esse assunto. E certamente por não ser específica/particular, acaba reproduzindo a marginalidade e a exclusão escolar, pois não se preocupa especificamente com esse problema social, a criminalidade.

Penso que não é só um dever do judiciário cuidar dessa questão, caso contrário as políticas públicas acabam agindo de forma totalmente fragmentada, como se vê. O judiciário, no meu entender, deveria ser o último órgão/instituição a preocupar-se com a “delinqüência”. Antes, a escola, as instituições de proteção à criança e ao adolescente, o sistema de geração de emprego e renda, deveriam já ter-se preocupado e atuado nessa questão, no sentido da retificação do problema, antes que chegue às últimas conseqüências.

Ainda é necessário observar e refletir a contradição existente na lei 9.394/96, pois ela defende a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) para aquelas pessoas que não conseguiram terminar a educação básica (ensino fundamental e médio completos), mas ao mesmo tempo exige a obrigatoriedade do ensino fundamental extensivo ao ensino médio, a todos os menores, sendo responsabilidade da família e dever do Estado cumprir tal determinação legal.

Observando, nas entrelinhas, como é possível haver pessoas adultas que não conseguiram concluir a educação básica, se essa deve ser realizada obrigatoriamente em idade própria? Ou seja, a lei se contradiz!

Saindo da especialização, fui fazer mestrado. O curso escolhido foi o Mestrado em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Nesta

oportunidade decidi continuar estudando e refletindo sobre a mesma temática de pesquisa, o presídio (PERG). Assim, com base em todo este amadurecimento teórico e exploratório, que vem sendo construído desde a graduação, pretendi aprofundar ainda mais o campo teórico-metodológico da minha pesquisa.

Após toda esta explanação sobre o desenvolvimento das pesquisas que fiz, pretendo, a seguir, esclarecer o leitor sobre a atual proposta investigativa. A temática continua sendo os presidiários da PERG, mas os princípios metodológicos mudaram e aprofundaram-se.

Pretendo agora, no mestrado, discutir a questão dos sonhos dos presidiários da Penitenciária Estadual de Rio Grande (PERG), compreender suas perspectivas de vida, suas idéias de liberdade, seus ideais, devaneios, etc. Para isto utilizarei as contribuições de alguns autores, que falam da possibilidade de sonhar que todos os seres humanos possuem, da possibilidade que temos de reinventar a vida, dando um olhar mais esperançoso às nossas ações. Pretendo atrelar esta discussão aos princípios da Educação Ambiental.

Conforme a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, um de seus artigos diz o seguinte:

Art. 4º São princípios básicos da educação ambiental:

I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;

II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; (...) IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; (...) VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;

VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural. (BRASIL, Lei 9195/97)

Conforme citação, entendo que os princípios da Educação Ambiental estão baseados na convivência pacífica entre os povos e as pessoas, a solidariedade, o respeito humano e todos os valores essenciais para uma vida digna e feliz. Neste sentido, pretendo entrelaçar estes princípios aos sonhos dos presidiários, percebendo-os como seres humanos que sonham, que planejam suas vidas, que cultuam suas memórias e que desejam ter uma vida mais humana, solidária, digna e feliz.

Neste momento da minha história enquanto pesquisadora, pretendo realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, considerando ainda mais o que os entrevistados têm a dizer sobre suas vidas e histórias, do que preocupar-me com questões do tipo quantitativo, como nos dois momentos anteriores, na minha pesquisa de graduação e especialização.

Após este referencial introdutório da minha proposta de pesquisa, pretendo dar continuidade ao tema, discutindo, em um próximo momento, o conceito de Educação Ambiental que defendo e como os sonhos dos presidiários estão situados neste contexto.

Logo, a partir de todo este arcabouço introdutório e exemplificando a minha trajetória acadêmica como possibilidade de entendimento da minha opção de pesquisa, pretendo dar seguimento aos referenciais teóricos e metodológicos que constituirão o meu trabalho de pesquisa neste momento do mestrado.

A seguir, faço uma discussão sobre os meus sonhos, pois antes de discutir sobre os sonhos dos presidiários, quero discutir sobre os meus próprios sonhos, já que sem eles este trabalho não seria possível.

## **1.2 Meus sonhos**

Esta etapa do trabalho teve como proposta refletir sobre os sonhos, sobre os meus sonhos. Para isso foi primeiro necessário ler sobre o referencial teórico solicitado tanto pelo orientador quanto pela banca de professores presente na minha qualificação do projeto. Assim, alguns livros de Bachelard e a tese de doutorado do meu orientador proporcionaram meu primeiro contato com a possibilidade de sonhar.

Pensar e escrever sobre os meus sonhos foi algo que o meu querido e “destrambelhado” orientador pedia, desde o início dos nossos encontros em 2004. Algo difícil isto, pois já estávamos no final do ano de 2005 e parece que ainda não entendia o que ele queria me dizer. E eu resisti até o fim para cumprir o pedido que ele havia feito; ou, quase no fim do processo, entendi o que dissera durante tanto tempo em tantos encontros “em vão”. Por quê? Talvez por medo de me expor, de aparecer, por não saber como, ou melhor, não querer que a transformação acontecesse em mim. Talvez não quisesse desvendar o que deveria descobrir, ou seja, que até então não sabia falar por mim, e me expressava através daquilo que os outros falavam, e não através dos meus sentimentos e emoções.

Certamente por isto que tinha tanta dificuldade em escrever a minha justificativa, como ele sempre pedia. Hoje, percebo que não me ensinaram e eu também não quis aprender a fazer uma justificativa de um projeto de pesquisa. Aprendi a realizar aquelas justificativas técnicas, mas não aquela que revelasse a minha intenção de pesquisa e aquela que demonstrasse as emoções da pesquisadora frente ao projeto de pesquisa, pois a partir

do momento que se faz a escolha de um tema a ser pesquisado, esta escolha está repleta de sentimentos, emoções e empatia entre o tema e a pessoa que pesquisa.

Através da leitura breve da dissertação do amigo Rodrigo, ex-orientando do professor Victor Hugo, percebi que ele descreveu uma passagem de sua vida detalhadamente, uma história um pouco triste, mas que, com certeza, justificava a escolha do seu tema de pesquisa e apresentava um marco histórico em sua vida, ou seja, sua opção por trabalhar com a filosofia de Sai Baba, um autor indiano, o qual defende alguns valores humanos que devem ser trabalhados nos diversos ambientes.

Em um encontro com o Professor/Orientador Victor Hugo e o Rodrigo, no dia dezois de novembro, nós brincávamos que eu e o Rodrigo éramos irmãos, filhos do Victor. Ele nos apresentou como irmãos e foi muito engraçado, pois começamos a conversar e dividir as experiências. Eu até mesmo argumentei que não sabia que poderia se realizar uma dissertação como a que o Rodrigo fez: poética, profunda e simples. Pensava que a dissertação deveria ter todo um caráter “científico”, difícil, cansativo de se entender. Esta era a minha opinião: que uma dissertação boa seria aquela cheia de citações de autores renomados, como se nós, *meros alunos*, não tivéssemos nada a contribuir; só deveríamos validar o que os grandes autores disseram; seria muita petulância se criticássemos os grandes pensadores, ou os ignorássemos.

O interessante é que, nesta conversa, eu e o Rodrigo percebemos que o Victor nos *pariu* para percebermos que a questão da ciência está nas próprias relações cotidianas, nas conversas com os colegas, nas dicas/sugestões do orientador e das outras pessoas que nos rodeiam.

Já que não consegui conversar com Capra, Freire, Leff, conversei com o Rodrigo, a Dayse, o professor Victor, a Joice, a professora Cleusa Dias, o professor Gomercindo, etc. Dialogo, peço sugestões, divido angústias com estas pessoas que fazem parte do meu cotidiano acadêmico e, por isto, científico. Não pretendo validar nenhuma teoria e sim realizar um trabalho que está me mostrando que o grande objeto de pesquisa sou eu mesma, na medida em que me transformo e que começo a perceber o mundo e as relações acadêmicas de outra forma, sem, é claro, desvalorizar o que a Humanidade construiu historicamente, mas tentando ser menos arrogante com a Ciência.

Quando o Victor pedia para eu falar de mim e eu recusava, com certeza eu não estava demonstrando algum problema de audição, ou algo parecido. O problema estava,

penso eu, na construção da minha história escolar e até mesmo na minha educação dentro do seio familiar. Talvez estas instituições (escola e família) não se dêem conta dos males que fazem em podar a dimensão poética e criativa do ser humano. Muitas vezes não possuem a sensibilidade em perceber essas dimensões nas pessoas, pois estão mais preocupadas em vencer conteúdo ou preparar o indivíduo para a socialização (no caso, a família).

Outra hipótese está centrada na intencionalidade do ato educativo, ou seja, existe um projeto educativo deliberado previamente, o qual diz, na maioria das vezes implicitamente, que os sujeitos não devem tomar consciência, não devem ser responsáveis por suas descobertas, pois só se pode descobrir o que se deve descobrir.

E hoje me encontro neste processo, sendo que não imaginava que fazer pesquisa seria tão fascinante, quando percebi que poderia ser feito desta forma. Muitas vezes é angustiante, como todo processo de ruptura e descoberta, mas percebi que poderia ser menos frio e arrogante.

Uma outra possibilidade, com relação à intencionalidade do ato educativo, é a ingenuidade dos profissionais da educação, na medida em que não refletem sobre sua prática profissional, preocupam-se em vencer o conteúdo programático pré-estabelecido pelo Ministério da Educação, e dizem que “*sempre foi assim*” e, nesta perspectiva, a síndrome do medo, do desencantamento, vai assolando a prática docente, desestimulando e desencorajando professores e professoras que, muitas vezes, não sabem proporcionar momentos felizes para si e para seus alunos através de uma aula bem planejada com entusiasmo e dedicação.

Durante muito tempo escutei e reproduzi a máxima aprendida durante o curso de graduação: *a educação deve formar seres criativos e críticos*. E hoje me defronto com a situação de o meu Orientador dizer que devo esquecer tudo o que me ensinaram. Acho que ele tem razão. Devo desaprender estes clichês, criados nem sei por quem, nem em que momento histórico e em que situação, para deixar-me falar, para me expor, para sonhar acordada, devaneando nos meus próprios sonhos, pensamentos, viagens e emoções. Ensinaram-me a pensar, mas não me ensinaram a sentir, os sentimentos ficaram de fora do processo de escolarização, infelizmente.

E ainda querem atribuir à escola o dever de formar pessoas felizes. Como? Se na maioria das vezes o que se vê é a competição, a reclamação e o desprazer nos corredores

escolares, desde a educação infantil até o meio universitário. São reclamações referentes ao salário, à carga horária, à desvalorização da profissão, etc. É claro que os profissionais do ensino não devem se acomodar com precárias condições de trabalho, devem reivindicar pelos seus direitos, sim. Devem perceber, porém, que essas péssimas condições não justificam a sua falta de comprometimento.

A máxima criar seres *críticos* e *criativos* parece, em muitas ocasiões, uma camisa de força, uma mordaça que os educadores e as educadoras devem seguir como uma receita. Mas como tornar seres *críticos* e *criativos*? O que é ser crítico e criativo? Penso que, no mínimo, a Universidade não foi feliz na tentativa de me tornar crítica e criativa, pois hoje, no Mestrado, percebo o quanto não consigo escrever a partir das minhas vivências e experiências. Tenho dificuldades em colocar no papel quais são meus sonhos, meus sentimentos, minhas intenções. Será que isto é ser criativo? Olhando-me pelo lado de fora, penso que estas atitudes são de uma pessoa insegura e não criativa! Penso que a universidade deve rever seus conceitos, principalmente esses clichês vazios.

Falando em emoções, creio que esta seria a palavra certa para nortear o processo educativo, pois me ensinaram a ler, a criticar (crítica esta formatada dentro daquilo que era possível criticar) e a falar pelos outros, mas não me ensinaram a criar algo novo, algo que me representasse, algo que expusesse as minhas emoções, que me expusesse e, neste momento, talvez nem eu saiba quem sou, pois aprendi a falar e a pensar o que os grandes autores pensaram e escreveram. Não aprendi a pensar nem *como* eles pensaram, pois se assim fosse, já teria uma vantagem.

Obviamente, é importante perceber o processo histórico, social e cultural de construção do conhecimento científico. Não quero em nenhum momento desvalorizar aquilo que os homens e as mulheres criaram com tantas conquistas e até mesmo guerras. Mas devo ir. Além disto, devo deixar algo novo para a sociedade e inclusive para mim, egoisticamente falando. Devo realizar algo para os outros a fim de ficar um pouco ou muito mais feliz comigo mesma, pelo simples fato de ter feito alguém feliz durante alguns momentos.

Parece que o clichê formar sujeitos críticos e criativos, não está adiantado muito na universidade, pois o que se apresenta no mestrado são pessoas angustiadas, como eu, querendo encontrar o *tal* referencial teórico, a metodologia a ser aplicada, e esquecendo de fazer algo original ou, como no meu caso, nem esquecendo, nem sabendo fazer algo que me represente enquanto pessoa, pesquisadora e sonhadora de sonhos possíveis, ou

impossivelmente possíveis. Na verdade, esta liberdade de escrever, que o meu orientador sustenta e cobra de mim, pensava que não era possível na academia, num curso de mestrado. Pensava que fazer uma dissertação era algo mais técnico. Hoje, com esta liberdade, desmistifico a idéia inicial, e subverto esta ordem, na tentativa de fazer algo envolvente, que possa transparecer a minha trajetória e que também envolva os possíveis leitores em uma leitura agradável, a qual possibilite o encontro consigo mesmo.

Falar de mim, dos meus sonhos, é a minha tarefa de agora, segundo as orientações do meu Orientador. Mas ele me critica, que sou muito descritiva e não inusitada, corajosa, solta para escrever. Devo falar de mim, e isto me angustia, pois aprendi a falar pelos outros e certamente, neste processo, tenha esquecido quem sou. Afinal, quem sou eu? Quais são meus sonhos? Minha finalidade por estar viva? O que quero com esta vida? *Estou tentando descobrir... O que você acha?*

E agora, o que fazer? Tenho um grande obstáculo a ultrapassar: Descobrir-me não só como pesquisadora, mas também como pessoa. Parece engraçado que tive que chegar até o Mestrado para descobrir quem sou. Será que descobrirei? Será que todas as pessoas passam por este processo em suas vidas? Talvez muitas morram sem saber quem realmente são de verdade, e assim cumprem a lógica imposta implicitamente pelo sistema, sem questionar, duvidar, simplesmente acatando essas ordens.

Transgredir a lógica dominante é um desafio. Vejo-me enfrentando este desafio neste instante, e isto é difícil, carece de vontade, indignação, paciência e vontade de *bater com a cabeça na parede*, pois me cobro muito por não ter enxergado tudo isto que estava diante de mim e eu recusava ver... E olha que o Victor muito me falou! Mas eu não queria escutar. Por quê?

Logo eu que me achava o *máximo*, interessada, fluente, etc. Até mesmo comparava as outras pessoas comigo, julgando-as a partir das minhas vivências. De repente descobri que me tornei o que os outros esperavam de mim. O Victor colocou um espelho diante de mim. E apenas me vi. Vi-me como massa de manobra, como um produto fabricado em série. E hoje percebo que, através da experiência do Mestrado, da coleta de dados, da intervenção com as presas participantes da pesquisa, o real objeto de pesquisa fui eu. Não foram as presas com quem eu fui conversar, questionar e *colher dados*. Eu fui o objeto, a partir do momento em que me questionei e me percebi enquanto alguém em transformação.

Neste momento, lembro do meu processo de alfabetização. Fui alfabetizada por um professor homem, algo bem diferenciado no processo de alfabetização da maioria das pessoas, pois geralmente esta etapa do processo educacional é desenvolvida por mulheres. Eu, na época, adorava meu professor. Ele era um exemplo para mim, e eu queria que ele me aceitasse. Desejava chamar a atenção dele, queria ser bem quista por ele. Assim, lembro que, para fazer com que ele gostasse de mim, nas leituras orais e coletivas dos textos colocados por ele no quadro-negro, sempre que o professor pedia uma pausa para mandar os colegas “bagunceiros” ficarem quietos, eu continuava a leitura do texto. Queria mostrar-lhe que eu sabia ler, que era melhor que os outros e, por isto, ele deveria gostar mais de mim do que dos demais, pois eu não bagunçava e já atendia às expectativas, já sabia ler. Grande ingenuidade! Eu apenas estava correspondendo às determinações da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), ou seja, eu era mais uma aluna alfabetizada pelo método da cartilha *Já sei ler*, confirmando, na época, que a cartilha dava certo.

Meus pais ficaram orgulhosos de mim. Eu era muito dedicada. Eles nem se preocupavam comigo, pois eu sabia fazer o tema de casa sozinha. E atualmente, no Mestrado, percebi certa resistência deles com relação a minha atitude de fazer pesquisa no presídio. Eles consideram o presídio um lugar perigoso, podem me fazer de refém, ou eu ser vítima de uma rebelião organizada, ou talvez tenham medo de uma bala perdida, não sei.

Nunca me impediram de seguir em frente na minha opção, mas percebia a insegurança deles, quando me questionavam o seguinte: *Quando é que vai acabar o projeto no presídio?* Mal sabiam eles que o problema não era ir ao presídio conversar com aquelas mulheres, pois até chegar a elas era uma grande burocracia, tinha todo um arsenal de segurança, que visava a minha integridade física.

O grande problema era, sim, ter um orientador como o Victor Hugo, que não está dentro do presídio, que não é um ser *marginal*, pois socialmente é considerado alguém de respeito, já que é um professor universitário. Na visão conservadora e cuidadora de meus pais, o Victor é quem deveria ser considerado uma má companhia e não as presas da PERG, pois é ele quem está interferindo no meu processo de formação acadêmica e revolucionando a minha maneira de pensar.

Pais, desculpem-me, um dia serei mãe e saberei as angústias sentidas por estes seres tão importantes. Viva as *más companhias*! Talvez, se não fossem elas, nós, filhos,

continuaríamos reproduzindo o que é comum, o que é normal, o que é possível, o que é certo, o que é moral. Vocês já foram filhos e, certamente, como eu, tiveram contato com algumas *más companhias*, que marcaram suas vidas de forma inesquecível.

Como diria Cury (2003), *bons professores possuem metodologia, professores fascinantes possuem sensibilidade*. E o Professor Victor Hugo, além de me ensinar a perceber as participantes da pesquisa com mais sensibilidade, ensinou-me uma outra metodologia, uma outra forma de encarar o processo de pesquisa, que não é menos científico nem menos acadêmico. É, sim, mais humano, entendendo que fazer ciência não é algo só para grandes sábios e sim para todos nós que entendemos que o conhecimento não deve entupir prateleiras de bibliotecas, mas, sim, dar possibilidade de transformação ao sujeito que pesquisa, e de inovação, riqueza teórica às pessoas que se interessarem em ler tal temática. A leitura não deve tornar-se algo cansativo e chato, mas sim envolver o leitor, fazê-lo fantasiar, imaginar, ter gosto pelo conhecimento que está produzindo.

Algo bem interessante foi quando o Victor pediu para que eu falasse o menos possível com outras pessoas sobre esta etapa da pesquisa em que devo refletir sobre meus sonhos, para que estas não interferissem neste processo de descoberta. Ou seja, não devo receber nenhum tipo de interferência neste momento, pois isto poderá mascarar o procedimento adotado e eu acabar não descobrindo nada, introduzindo a interpretação do outro para construção da minha identidade, se é que posso utilizar este termo.

O professor Victor, em um dos encontros, falava que eu me escondia atrás dos autores, não me mostrava. Seria isto patológico? Algum problema de personalidade? Não. Acredito que não. Foi a adaptação ao vidro, de que a autora Ruth Rocha fala em seu poema Quando a Escola é de Vidro. Ou seja, fui adaptando-me ao molde que a escola e a sociedade determinaram. Até mesmo quando conto a minha trajetória escolar, falo que era uma criança *interessada*. Hoje, refletindo, penso que era mais adaptada e nem tanto interessada. Na verdade, eu cumpria as obrigações para ser mais bem aceita pela família e pelos professores.

Um trecho do texto de Ruth Rocha é possível citar para trazer à tona a reflexão. Ela diz que: *... o hábito de ficar dentro do vidro acaba se tornando cômodo para algumas crianças, elas se adaptam à forma do vidro e acabam se sentindo até desconfortáveis fora dele... Mas será que é isso que se quer do processo educacional? Todo mundo pensando igual e fazendo tudo igual?*

Certamente, sim, seja isso que deseja o processo educacional. Todos pensando iguais, sem diferenças. Outra hipótese é que os profissionais da educação nem estão se dando conta do que estão fazendo, não refletem sobre a prática profissional adotada.

E agora eu tenho que falar de mim, das minhas imaginações, dos meus sonhos, para romper esta lógica nefasta imposta pela sociedade. Logo eu, que achava que sabia muito, que era comprometida. Neste momento dou-me conta que apenas servi ao sistema, e isto me traz uma angústia grande, pois reflito que, ao falar pelos outros, não crio nada e, não criando, não transformo. E a Universidade pedia para criarmos seres críticos e criativos na atuação profissional. Parece ironia, pois me dizia crítica e criativa e hoje tenho dificuldade para escrever um texto original, ou seja, criativo.

Como poderei proporcionar que meus alunos e alunas sejam críticos e criativos, se nem eu mesma sei o que isto significa. Parece ironia, não é mesmo? Será que os professores que participaram do meu processo de formação profissional sabiam ou sabem o que isto significa? Talvez não. Como eu, repetem esta arrogância acadêmica, como que o conhecimento privilegiado, o científico, fosse o único relevante para a vida dos cidadãos e para o mundo.

Esta reflexão faz lembrar-me de Freire. Este autor, sim, foi crítico e criativo, pois corrompeu a lógica e sua própria lógica, fazendo algo concretamente, pois não ficou apenas falando pelos outros. Não falava sobre os camponeses, falava com os camponeses; não falava sobre os operários, falava com os operários. E, nesse sentido, produziu uma prática criativa e crítica, na medida em que vivenciou algo diferenciado daquilo que se esperava, pois teve a coragem de ir até as classes excluídas realizar um trabalho democrático e solidário. A partir da prática dele, podemos pensar que ainda há muita coisa a ser feita pelo mundo, pelas pessoas... E o que nós vamos fazer com esta afirmação? Deixar as coisas como estão, encarregando somente as forças políticas como responsáveis, ou igualmente vamos cobrar das autoridades concomitantemente a adoção de uma prática condizente com aquilo em que acreditamos e que cobramos?

Então, agora, tenho que esquecer o que me ensinaram, como dizia o Victor, e deixar falar pelos meus sentidos, principalmente pelo meu coração e minha alma. Devo esquecer o rigor e a arrogância da academia, além de esquecer a arrogante que a academia me ensinou a ser, e deixar fluir os meus sonhos.

Como proposta, o Victor orientou-me a fazer este procedimento a partir dos temas sugeridos pelas presas no nosso primeiro encontro, ou seja, elas relataram diversos temas a serem trabalhados nos nossos encontros e, a partir disto, irei construir a minha proposta sonhadora. Os temas são os seguintes: liberdade, preconceito, saudade, desigualdade, desvalorização pessoal, esquecimento dos familiares e amigos, trabalho e falta de ocupação.

Sobre a questão da liberdade, penso que esta não se tem de graça. É uma conquista individual e limitada. A liberdade não é dada. Eu, neste momento do Mestrado, preciso conquistar a liberdade de escrever, de pensar e de sonhar. Sonhar com um novo projeto de sociedade, com um novo mundo, uma nova perspectiva acadêmica, com uma nova Janaina.

Não acredito que só quando uma pessoa está presa, tem a reclusão da liberdade. A falta de liberdade pode estar em qualquer situação, como descrevi acima. Eu mesma estou vivenciando este processo de falta de liberdade, quando não consigo escrever aquilo que devo escrever. Falta liberdade para falar de mim, dos meus sonhos, pois fui ensinada a falar pelos outros e, por que não dizer, até *dos outros*. Pois vivemos em uma sociedade preconceituosa, a qual dita normas de vida a serem vivenciadas e, por mais que a maioria das pessoas não siga essa regra à risca, a hipocrisia mascara essas experiências e faz com que uns sintam-se no direito de julgar os outros.

A liberdade é um direito que precisa ser conquistado. Não é algo que nos doam, até porque, se fosse doado, não seria liberdade. A liberdade é individual. Cada pessoa vive a sua liberdade, dentro de suas limitações. Talvez até não exista liberdade no sentido amplo da expressão *ser livre*. Ela é algo limitado por determinada cultura, sociedade e momento histórico. Mas a possibilidade de sonhar alimenta a nossa liberdade. Liberdade de pensar, de projetar, de viver outras possibilidades que não somente aquelas impostas. Neste sentido, os sonhos nos dão a liberdade plena de poder imaginar criativamente o que se quer.

As presas, participantes da pesquisa que estou desenvolvendo, não são as únicas pessoas presas nesta cidade, ou neste mundo. Existem pessoas presas a um relacionamento familiar de subordinação; presas a um companheiro que as agride fisicamente e, por isso, se sentem inseguras em dar um fim ao relacionamento; presas a uma relação de dependência financeira; presas a um amor doentio. Enfim, pessoas presas como eu, aos grandes teóricos, pelo que, neste momento, não consigo falar de mim, falo mais por eles,

mais baseada no que eles disseram do que baseada na minha vivência. Mas penso que tudo isto servirá de forma construtiva para o meu amadurecimento.

Dizem que nos sonhos podemos tudo! Penso que nossos sonhos não são limitados, e a imaginação é livre. Ela é criadora, criadora de novas imagens, de novos conceitos, novos referenciais de vida. A imaginação criadora nos liberta e torna-se um dispositivo de resistência à lógica excludente. É a capacidade de sonhar que nos proporciona a possibilidade de transgredir, alimenta nossos desejos transgressores na medida em que subverte as determinações explícitas e implícitas aceitas e repetidas socialmente.

Eu particularmente sonho com uma maior e melhor vivência da liberdade. Liberdade esta que proporcione momentos de felicidade. Liberdade e felicidade! Penso que este momento desafiador e angustiante pelo qual estou passando, é um momento de libertação, libertação das minhas amarras “científicas”, de minha idéia inicial de fazer um trabalho de dissertação. Ao fazer esta reflexão, estou libertando-me das falas dos outros, e estou proporcionando um momento comigo mesma, de poder realizar algo meu, a partir daquilo que acredito e que vivenciei nos encontros com as presas.

As presas sonham com a liberdade física. Argumentam que a pior reclusão é a de não poder falar o que pensam, o que sentem, o que querem. Eu sonho com a possibilidade de tornar os encontros com elas um momento de distração, interação, amizade, respeito; de poder levar uma palavra amiga para elas, de proporcionar-lhes momentos bons, para além da minha pesquisa, pois não estou lidando com ratos de experimentação, e sim com pessoas que têm sentimentos, sonhos, emoções e perspectivas de vida. Estas condições devem ser levadas em conta por mim, enquanto pesquisadora.

As participantes da pesquisa dizem que, na experiência de estar presa, além da reclusão física, são impossibilitadas de falar, de se expor. Por conta disto, penso que eu sou livre, pelo menos perante a justiça. Por outro lado, recuso-me ou postergo a possibilidade de me expor. Talvez qualquer uma das detentas tirasse isso de letra, pois o que mais querem é falar, e falar bem alto, para todos ouvirem as denúncias que têm a fazer!

Ao mesmo tempo, contudo, penso: Será que quero me expor? Antes, certamente não! Agora, com esta vivência tomando conta de mim, quero sim me expor, expor minhas angústias, descobertas e inquietações, as quais me fazem pensar, refletir e querer compartilhar como outras pessoas este desvelamento da realidade que a experiência do Mestrado e a confecção desta dissertação está proporcionando em mim.

Acredito que este texto não servirá apenas para cumprir um requisito burocrático do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, para a obtenção do grau de mestre. Esta oportunidade está despertando em mim sensações antes não experienciadas, e que agora me fazem confrontar comigo mesma, descobrindo em mim um potencial nunca antes imaginado. Hoje estou descobrindo o que significa realizar algo original, algo talvez *crítico e criativo*.

Sonho com a possibilidade de um mundo mais livre. Sei que existem regras neste sistema. Mas será que a reclusão física da liberdade é única regra possível de ser seguida? Penso que existem outras possibilidades de recuperação do sujeito dito *delinqüente*. Na verdade, este foi um termo a ser usado para as pessoas que não cumprem as regras da sociedade, como na escola: Aqueles que não cumprem os seus afazeres sociais e escolares são punidos.

Como possibilidades de recuperação do sujeito dito *delinqüente*, posso citar as penas alternativas, as quais estão sendo discutidas atualmente. Existem tantos orfanatos, tantas instituições de caridade e tantas associações de bairro precisando de alguém que realize um projeto de apoio, que venha a contribuir com a satisfação das necessidades das pessoas carentes. Exemplo disso foi o fato em que, em um dos encontros com as presas, uma delas, que prefere ser identificada como Jose, disse que:

A cadeia era pra ser assim ó. Preso era pra ter um serviço, era pra trabalhar Todos. Não ficar comendo e dormindo, escutando rádio todo dia. Cada um era pra ter uma função, trabalhar. Agora, muitos bate e volta toda a hora. Claro, aqui casa e comida, traficam aqui dentro... O que que adianta, me diz, o que que adianta, eles vêm pra cá dormi e comer (...) Eles saíam daqui com diploma. Se fizesse assim, muitos se recuperavam, (...) Agora se botassem umas empresa aqui dentro, botasse uns serviço aqui (...) (Diário de Campo, dia 19/09/05).

Aí aparece bem nítido o tema *trabalho*, citado pelas presas como um grande sonho e que foi desenvolvido nos nossos encontros. A questão do trabalho é muito importante de ser refletida no processo de “recuperação” dos apenados, como citou a presa no relato acima. Segundo o dito popular, *o trabalho dignifica o homem*, penso que ele nos valoriza enquanto seres humanos. Quando trabalhamos, estamos produzindo, produzindo algo para a sociedade, assim como para nós mesmos. Renovamo-nos com o trabalho através do contato com as outras pessoas, do aprendizado que construímos, das amizades que fazemos. Neste sentido, o trabalho tem todo um caráter de renovação de si mesmo, de superação dos próprios limites, de aprendizado, de valorização pessoal.

E se existe outras possibilidades de “recuperação” do sujeito *delinqüente*, como, por exemplo, esta citada, penso que temos que delinqüir! Delinqüir no sentido de quebrar as regras impostas que consideram muitos como culpados. Temos é que delinqüir as normas impostas, o que nos foi mandado realizar sem nos questionar se queríamos.

Neste momento, posso me considerar uma delinqüente, pois estou começando a questionar e a desaprender tudo aquilo que me impuseram como certo. Descobri que, ao me tornar uma aluna “aplicada”, estava apenas colaborando com a manutenção do *status quo* e com as políticas neoliberais que assolam o universo educacional. Apenas estava cumprindo a política do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Penso que uma outra sociedade e uma outra escola são possíveis. Estas deveriam estar comprometidas com os desejos, os sonhos e as esperanças dos seres humanos. A sociedade dominante não deve ditar as regras de convivência. As pessoas deveriam construir valores mais humanos, combatendo os valores de mercado que aí estão e que muitas vezes, marcam a maioria das relações sociais.

Freqüentemente o medo perpassa pelas cabeças dos educadores e dos outros atores sociais. O medo de delinqüir, de corromper a ordem, de mudar, de subverter, de ser tachado como maluco etc. O medo deve ser um obstáculo a ser superado, nunca uma paralisação, imobilização. Deve motivar as pessoas curiosas e corajosas, nunca desestimular, porque, se for para não fazer nada, para ser paralisado pelo medo, não precisa fazer faculdade, muito menos um mestrado e uma pesquisa de cunho qualitativo no presídio.

Sobre a questão do medo, Freire diz o seguinte: “(...) Se você racionaliza o medo, então nega o sonho. Para mim, é necessário ser absolutamente claro a respeito desses dois pontos: o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar o sonho” (1986, p. 70). A partir dessa reflexão, é preciso perceber que medo todos nós temos. Essa condição faz parte da constituição humana. Mas há duas coisas que se diferenciam: uma é a pessoa reconhecer o medo em si mesma; outra é a imobilidade que esse sentimento pode trazer. Assim, Freire ainda traz uma dimensão positiva do medo, do dizer que: “(...) Quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a por seu sonho em prática”. (1986, p.71)

Assim, é possível perceber que o medo não pode nos paralisar e deixar assolar nossa mente com fantasmas imaginários. Galeano (1999, p.83) traz um poema, que vem a contribuir com a questão do medo. O poema diz o seguinte:

O medo global

Os que trabalham têm medo de perder o trabalho.  
Os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho.  
Quem não tem medo da fome, tem medo da comida.  
Os motoristas têm medo de caminhar e os pedestres têm medo de ser atropelados.  
A democracia tem medo de lembrar e a linguagem tem medo de dizer.  
Os civis têm medo dos militares, os militares têm medo da falta de armas, as armas têm medo da falta de guerras.  
É o tempo do medo.  
Medo da mulher da violência do homem e medo do homem da mulher sem medo.  
Medo dos ladrões, medo da polícia.  
Medo da porta sem fechaduras, do tempo sem relógio, da criança sem televisão, medo da noite sem comprimido para dormir e medo do dia sem comprimidos para despertar.  
Medo da multidão, medo da solidão, medo do que foi e do que pode ser, medo de morrer, medo de viver.

São tantos os motivos de medo apontados pelas pessoas que, se pararmos para pensar, não existe nada a fazer. Se todos os medos citados pelo autor acima fossem nos paralisar diante da vida, ficaríamos imóveis, apáticos. O dia-a-dia pode nos trazer insegurança, pois não sabemos ainda o que vai acontecer durante as próximas 24 horas. Mas essa insegurança, esse medo devem ser superados, devem ser tratados como algo desconhecido e não necessariamente como algo que imobilize nossas ações.

O principal medo das detentas participantes da pesquisa é o preconceito social. Isso é algo que assombra o imaginário das presas. O preconceito é algo excludente, é uma exclusão simbólica, mascarada. As pessoas dizem não serem preconceituosas, mas no interior delas mesmas o estigma permanece.

O meu maior medo, neste momento da dissertação, é o de não conseguir encontrar o referencial teórico e metodológico. É medo de a banca não gostar de meu trabalho. Com o decorrer do processo, fui percebendo que deveria deixar o referencial teórico e metodológico um pouco na espera, de molho, aguardando a hora de ir buscá-lo e deixar fluir mais os sentimentos que a pesquisa suscitava em mim. Aliás, o Victor era incessante nesta idéia, pois percebia que eu me escondia atrás dos autores que buscava e não falava da minha experiência.

Aos pouco fui entendendo que a minha escrita tem muito referencial teórico, que já não é mais daqueles autores de que gosto, simpatizo. Algumas falas deles foram me constituindo durante a graduação e a pós-graduação. Este referencial já não é mais de propriedade exclusiva do autor principal, mas também já faz parte das minhas referências enquanto profissional e pesquisadora.

Voltando a falar do medo do preconceito, posso dizer que também senti este sentimento, que as presas dizem que sentem. Cito isto, pois algumas vezes, quando embarcava no ônibus para vir embora para casa, depois de uma tarde de encontro com as presas no presídio, observava algumas pessoas no ônibus me olhando com ar curioso, só porque embarcava no ponto de ônibus em frente à Penitenciária.

Em uma das vezes, um senhor ficou me olhando atentamente com olhar de julgamento. O que será que se passava na cabeça daquele cidadão? Neste dia, houve um momento que o encarei até ele se constranger e parar de me olhar. Será que aquele senhor ficaria me olhando daquele jeito, se eu tivesse embarcado em outro ponto de ônibus? Isso mostra que, certamente, este senhor estava me julgando como mulher de preso, irmã ou até mesmo uma presa que tivesse recém saído do presídio. Não sei, são hipóteses a serem consideradas. E se eu realmente tivesse algum grau de parentesco com algum(a) preso(a)? O que aquele senhor tem a ver com a minha vida? Nunca me viu! Certamente nada, mas mesmo assim ele se julgava no direito de me olhar daquela forma! Será que ele não tem sobrinhos, filhos ou netos? Como ele pode achar-se no direito de discriminar/julgar alguém? O próprio julgamento dos juízes, que são pessoas conhecedoras da lei, muitas vezes é duvidoso, o que dizer de um senhor que nem me conhecia!

Confesso que, neste dia, fiquei indignada com a atitude daquela pessoa, e percebi um pouquinho daquilo que as participantes da pesquisa revelam como preconceito. Senti de leve o preconceito e entendi o que significa a marca *ex-presidiária*, que elas dizem que vão carregar para o resto da vida!

Fiquei indignada com aquele senhor que me olhava no ônibus, mas também confesso que eu mesma, em alguns momentos, tive preconceito com as participantes da pesquisa, mesmo me dispondo, através de uma motivação interna, a fazer pesquisa no presídio e a participar da vida daquelas pessoas.

Às vezes deparava-me com um sentimento de temor a elas. Medo de ser usada como refém em uma possível fuga, medo de adquirir alguma doença, pois sabia que

algumas tinham o vírus da AIDS, e como o presídio é um lugar úmido, frio, e lá há ratos, as doenças se proliferam com maior facilidade, principalmente em um organismo vulnerável. Neste momento lembrei da insegurança de meus pais. Certamente eles também tinham estes mesmos medos com relação a minha pesquisa no presídio.

O preconceito teve e tem que ser trabalhado em mim; por mim, se não, se deixasse este medo imobilizar-me, meu ser ficaria imóvel e não retornaria mais ao presídio. Neste caso, o medo/preconceito foi um obstáculo a ser superado e não uma impossibilidade.

Mesmo achando-me uma pessoa esclarecida, tinha medo destas situações que, na verdade, eram praticamente impossíveis de acontecer. Sei que o vírus da AIDS não se pega no contato formal com as pessoas. Sei que uma fuga seria algo quase impossível à luz do dia, sob a vigia dos guardas. Mas mesmo assim, esses medos às vezes pairavam e pairam sobre a minha mente.

Isso tudo é reflexo do preconceito que temos construído histórica, social e culturalmente. Temos preconceito da pessoa que passa por um processo de reclusão de liberdade, preconceito com os negros, com os portadores de necessidades especiais, com os gordos, com os magros, com os baixos, com os gigantes, com os bonitos, com os feios, com os alegres, com os tristes, etc. Enfim, o padrão a ser seguido socialmente é quase inatingível, pois temos que corresponder às normas ditadas pelo meio, mesmo que esse meio, na maioria das vezes, não nos dê suporte e sustentação para corresponder a tais padrões socialmente aceitos.

Os encontros com as presas suscitaram em mim a possibilidade de desconstruir a marca *ex-presidiária* que elas dizem que vão carregar para o resto da vida, pois como as participantes mesmo relatam, essa é uma marca que fica, e a comparam com a marca que se dá nos bois. Ou seja, o simbólico dessa marca me faz pensar que ela é visível aos olhos dos outros e que, por isso, as pessoas com as quais as presas convivem podem escolher se continuarão a relação interpessoal simplesmente pela existência dessa marca, e não por outro motivo consideravelmente justo.

Quando as presas participantes da pesquisa falavam nessa marca *ex-presidiária*, comparavam-na de forma irônica com a marca do boi *Bandido*, boi personagem da novela América, da emissora Globo, escrita por Glória Peres, no ano de 2005. Faziam esta brincadeira igualando a marca *a ferro* que levariam da prisão, à marca que se coloca nos

bois. Uma marca simbólica, carregada de preconceitos, que elas terão que enfrentar para o resto de suas vidas.

Esta brincadeira delas remete à música de Zé Ramalho – Admirável Gado Novo, quando o cantor diz: (...) *E, ô, ô, vida de gado, povo marcado ê, povo feliz!* Ou seja, elas são como gado, são como o boi *Bandido*. São parte de todo um sistema e certamente nem se dêem conta disso.

Nesta sociedade excludente e preconceituosa, precisam existir os *maus* que se encontram presos, para que os *bons* se sintam pessoas dignas da *liberdade* que usufruem. Os presos, os loucos são os delinqüentes e, por isso, precisam existir para que os livres e os sensatos se reconheçam como tal. E, nessa relação de forças, os livres e os ajuizados não têm nada a ver com as pessoas *delinqüentes*, pois esses são assim porque querem, por questão de índole, como muito se ouve.

Eu também sou como gado, assim como a maioria das pessoas, na medida em que não conseguia escrever a partir da minha história. Na medida em que era uma aluna “certinha” e “interessada” e achava que isto era bom, legal e certo. Hoje percebo que só realizei aquilo que me disseram que era para fazer e, com isto, não aprendi nada de novo, original. Na verdade, era como gado, massa de manobra, a qual outrem comanda.

Neste instante, lembro da minha formatura de graduação. Cerimônia bonita, expectativa, convites, vestido, decoração, toga, beca, fotos, o orgulho da família, etc. Toda uma preparação para um momento único e glamuroso. Realmente, foi um momento muito bonito de confraternização. Mas e daí? No outro dia a vida continuou a mesma. Desempregada, como a maioria das colegas. Vivendo à custa dos pais, como a maioria também! Vivências e experiências belíssimas naquela noite e lembrança dos quatro anos de curso, mas certamente fomos, naquele momento, como gado, ou um produto fabricado em série, pois toda a turma, uma pessoa de cada vez, subiu ao palco, pegou seu “canudo”, formou-se. Todas naquele instante tornavam-se pedagogas, e quantas! Mas o que a sociedade tem a ver com isto, não é mesmo? O que as políticas educacionais têm a ver com isto! Ninguém se preocupou com aquela massa que estava se formando. Certamente era mais uma massa desempregada num primeiro momento, caindo no mercado de trabalho de *pára-quedas*.

Não quero aqui parecer pessimista ou fatalista. Acredito na educação, na escola, e sei que é preciso ir além, que a busca pelo conhecimento é infinita, e que nunca estamos

prontos; mas penso também que o diferencial, o individual e o especial daquelas jovens, que estavam se formando naquela noite, não foi levado em conta por nenhuma autoridade. Ninguém nos valorizou mais ou menos por estarmos vivenciando um momento que, para nós, era de muita alegria e satisfação. Ninguém se preocupou com o meu saber, com as minhas intenções de pesquisa, com a minha vida profissional, por que, para as grandes autoridades, para o sistema e para o mercado de trabalho, eu era apenas mais um *boi Bandido*, marcada a *ferro*: mais uma *Pedagoga*.

A vivência com as presas, a experiência do Mestrado e as orientações com o Victor me fizeram aprender muitas coisas, além desta citada, situações que me fazem mais humana e esperançosa diante da vida. A minha esperança é que as pessoas, as quais encontram-se do lado de fora do sistema prisional, passem a refletir sobre seus conceitos, assim como eu, e mais ainda sobre suas vidas, a fim de que percebam, como eu percebi, que a minha vida não está sendo tão diferente assim como a vida e as experiências das presas. Talvez a única diferença seja o atual contexto de vivência e relação.

É provavelmente certo que as presas e os presos cometeram um ato ilícito para se encontrarem na prisão, sem deixar de lembrar que a justiça muitas vezes se engana. E quem de nós não comete pequenos delitos todos os dias? Mas é possível pensar que essas pessoas não são diferentes das demais. São seres humanos que possuem família, emprego, filhos, e que têm esperanças de um futuro melhor. Também penso que não somos ninguém para julgá-los, pois não estamos livres de termos um parente, um amigo, um filho na mesma situação de exclusão social, ou até mesmo de sermos presos!

Por todas as situações citadas, essas pessoas devem ser encaradas como seres humanos e não simplesmente como *bandidos* e *bandidas*, já que, para muitos, o crime é uma profissão. Prova disso é uma passagem do livro de Varela (2005, p. 105), a qual fala que o revólver é uma ferramenta de trabalho para a pessoa que vive do crime.

Vivendo em um país onde não existe a possibilidade de trabalho digno para todos, torna-se comum a apreensão de outras maneiras de “trabalho” para a aquisição de dinheiro, dinheiro fácil, como se diz; mas que não é tão fácil assim, pois num assalto com arma a tensão do assaltante é certamente maior que a do assaltado. Esse dinheiro, provindo de atitudes ilícitas, deve: sustentar a família e a si próprio; pagar o material escolar para o filho estudar; comprar o sapato e o uniforme para a filha ou a neta frequentar a escola; e também pagar o feijão, o arroz e o pão de cada dia.

Além dessas necessidades básicas, não posso esquecer que, muitas vezes, o dinheiro oriundo do crime paga as contas e os impostos altíssimos que temos que pagar mensal ou anualmente, como a água, a luz, o aluguel, o IPTU, o esgoto, o telefone. E tudo isso é muito caro para as grandes massas populares, que são, na maioria das vezes, os grandes bodes expiatórios do crime. São essas pessoas que vão para a cadeia. Nunca vi um rico ir para a cadeia. Num caso excepcional, vi o político Paulo Maluf ser preso, mas este, em quarenta dias, conseguiu a liberdade.

Sobre a questão da saudade, outro assunto levantado pelas presas nos encontros temáticos, penso que este sentimento é muito reforçado na prisão. Percebi, através do que elas falavam sobre seus familiares, que a saudade reforça o sentimento de exclusão, na medida em que nem os próprios entes queridos podem ver ao entrar no processo de institucionalização.

Acredito que assim como elas, sentirei saudades de nossos encontros, pois esta experiência mudará a minha vida de forma radical. Na verdade, já está mudando. Percebo que, para resistir ao sentimento de saudade, elas reinventam seus mundos, fazem poesias dignas de serem publicadas, fazem artesanato, lêem, fazem ginástica, dormem para passar o tempo mais rápido etc.

O sono é uma alternativa até bem criativa para passar o tempo, pois assim absorvem o menos possível do ambiente prisional e sua lógica. Lógica esta que também é capitalista, pois existe todo um sistema de convívio social capitalista entre as presas.

Esses mecanismos, como dispositivos para passar o tempo e driblar a saudade da vida cotidiana e dos familiares, são alternativas de resistência, resistência à lógica prisional, ao *status quo*.

Eu, particularmente, também resisti ao *status quo*, na medida em que me dispus a criar uma outra lógica de relação e intervenção da prisão. Resisti a ele, no momento em que não fiquei parada, dizendo que não tinha nada a fazer. Havia e há muita coisa a ser feita no mundo. A minha intervenção é apenas algo microscópico. É uma microintervenção perto do que ainda temos que fazer pela Terra, pelo planeta e seus habitantes.

Por outro lado, essa resistência não foi algo tão fácil de ser elaborado. Na verdade, continua em elaboração, andamento. Ou seja, para que eu pudesse resistir ao *status quo*, tive que fazer um grande esforço intelectual. Tive que me observar como parte dessa

massa, e deixar de resistir à capacidade de escrever. Colocava, para mim mesma, a impossibilidade da escrita; resistia à escrita no início da elaboração desta dissertação.

Nesse sentido, existem duas acepções para a palavra resistência. Primeiro, a resistência ao sistema, de não se deixar corromper pela lógica excludente, de lutar contra ao que nos é imposto socialmente. O outro significado é a questão da minha atitude de adiar o ato de escrever, resistindo, adiando as rupturas provenientes deste acontecimento. Talvez por medo, falta de coragem? Sim, Por medo de enfrentar os obstáculos e as descobertas que a escrita traz; por medo de me visualizar pelo lado de fora, de exteriorizar para interiorizar novamente; medo também de desconstruir conceitos para reformular outros, novos. Resistência à mudança!

Outro tema trabalhado com as presas foi a desigualdade. Assim, para iniciar a discussão sobre a desigualdade, gostaria de pensar no nosso sistema capitalista, no qual estamos todos, homens e mulheres, inseridos. Nesse, a questão da desigualdade é algo que caracteriza bastante a nossa condição social. Estamos em plena desigualdade, desde a diferenciação das classes sociais até os meios de acesso às oportunidades, sejam elas de sobrevivência sejam de acesso à escola formal etc.

A desigualdade é um tema que caracteriza muito bem a situação das presas participantes da pesquisa. Essa classificação (desigualdade) qualifica o sistema prisional e a condição das presidiárias. Estão em desigualdade em todos os sentidos. Elas encontram-se abandonadas. Muitas não têm o que repartir com as outras, e assim sofrem discriminação pelas colegas, algumas são rejeitadas pela família, pois trazem desgosto, são incompreendidas por familiares, guardas, advogados, justiça e elas têm ainda medo de serem excluídas pelo **preconceito por serem ex-presidiárias**, ao saírem da prisão. Mas elas acreditam no apoio da família, e pensam que após serem soltas, se saírem do mundo da ilegalidade, não enfrentarão tantas dificuldades, pois terão a família como respaldo. O apoio dos familiares é essencial para a reinserção delas na sociedade após a soltura.

A existência de penitenciárias é uma das marcas institucionais do nosso sistema excludente. Essa instituição marca essencialmente quem é bom e quem é ruim na sociedade. Marca os delinquentes em relação aos adaptados socialmente. A desigualdade é uma marca da exclusão, e não é somente simbólica, mas também concreta, institucional, a partir do momento em que se constroem presídios, e não só presídios como também outras arquiteturas.

O sistema trata essas questões com naturalidade, ou seja, a desigualdade é natural ao sistema. Existem pessoas que nasceram para mandar, outras para serem mandadas, umas para serem felizes, outras para sofrerem. Há pessoas que já nascem desiguais, do ponto de vista da pobreza, miserabilidade. Outras são delinquentes por uma questão de índole. E assim, admitindo essas verdades, o discurso ideológico dominante vai mascarando as condições excludentes, não naturais e sim sociais, culturais, históricas, e por serem históricas são passíveis de mudança.

Tanto são passíveis de mudança que penso que uma sociedade sem presídios é possível. Será loucura pensar nessa possibilidade, ou é impossível? Acredito que não é impossível, pois as instituições prisionais nem sempre existiram. Elas foram criadas a partir do século XIX, já que antes as pessoas *delinquentes* eram esquadrejadas em praças públicas, para que os outros vissem aquela cena horrorosa e não se ativessem a fazer o mesmo. Uma vez que o fizessem, iriam sofrer e ser humilhados aos olhos dos outros, fossem filhos, mães, pais etc.

Penas alternativas são possíveis de serem cumpridas na atualidade. É mais benéfico ver uma pessoa trabalhando “pagando a sua dívida com a sociedade”, do que ver pessoas confinadas num espaço pequeno e que só pensam em sair dali. E para isso, são capazes de muitas coisas.

O sistema dita a igualdade como forma de mascarar as condições de exclusão, fazendo as pessoas pensarem que são as únicas responsáveis pelo fracasso de suas vidas e, ao mesmo tempo, faz/executa a desigualdade para se manter ideologicamente e estruturalmente.

E nesse processo de falsear a realidade, as pessoas em geral, muitas vezes, incutem a idéia de que os *criminosos* são o que são por uma questão de índole. Será? Penso que existem pessoas na prisão, que realmente têm problemas psicológicos e necessitam de tratamento. É uma hipótese que levanto! Mas será que todas aquelas pessoas têm problemas de personalidade? Será que já *nascem assim*, “violentas”, “más”, etc. Certamente não! O meio vai constituindo as pessoas, sua relação com os pais, a família, a escola, tudo isso vai constituindo nossa formação de caráter.

Tem uma frase de uma música de Humberto Gessinger, da Banda Engenheiros do Hawaii, que diz o seguinte: “(...) me encanta que tanta gente sinta, se é que sente, a mesma indiferença(...)”. Ou seja, as coisas vão ficando tão naturais que não nos damos conta do

que esse sistema tem feito com nossas mentes. As pessoas já acostumaram de tal modo com a injustiça que, muitas vezes, acham que as coisas são assim porque são, por que sempre foi assim. Sentem-se indiferentes com relação às injustiças sociais, acham que *não têm nada a ver com isso ou com aquilo*. Não é com elas. Então não faz diferença!

No meio de tanta desigualdade e injustiça, existe uma esperança para as presas participantes da pesquisa, ou seja, a liberdade. Essa é a maior esperança e a razão por estarem vivas nesse momento de confinamento. É a certeza de que a prisão é uma passagem nas suas vidas, passagem dura, mas finita, que faz com que elas continuem a viver e a sonhar com a liberdade.

Aproveitando este espaço, em que falo de esperança, possibilidades, quero falar das minhas esperanças. Espero estar proporcionando momentos bons àquelas mulheres. Mulheres como eu e como qualquer outra. Sei que não posso dar o que elas tanto desejam: a liberdade. Não sou advogada e neste trabalho de dissertação não me proponho a isto, nem poderia, mesmo se quisesse. Mas acredito que relações mais solidárias, mais humanas são possíveis, mesmo no presídio. Refletir sobre a vida, fazer poesias e reinventar a maneira de encarar o mundo, e a si próprias, tirando da experiência prisional uma lição de vida, é possível. O que não se pode é entrar em depressão e parar diante da vida, mesmo que até eu tenha sentido algumas vezes certa indisposição e algum esgotamento emocional por estar no presídio.

Fico pensando que aquelas pessoas, na verdade, são muito fortes para encarar os problemas que enfrentam. Afirmo isto, pois em uma das vezes que estava lá, em reunião com as participantes da pesquisa, senti uma forte pressão na minha cabeça, uma indisposição grande, que me obrigava a falar baixo e devagar, pois parecia que a minha voz retumbava no cérebro.

Lembro que, neste dia, ao chegar em casa, depois do encontro com as presas, senti vontade de deitar e dormir, estava muito cansada, e durante aquele dia só tinha estado no presídio, não tinha feito mais nada. Ao deitar, sentia arrepios no corpo e também a sensação de que algo estava evaporando de mim, uma espécie de fumaça. Penso que tudo isso foi um grande choque de energia! Naquele dia parecia que o presídio e as presas tinham sugado toda a minha energia, e eu precisava descansar para repô-las.

No outro dia, acordei bem melhor e sem precisar tomar nenhum tipo de remédio para dor de cabeça. Recarreguei minhas energias depois de um sono tranquilo. Neste

sentido, penso como elas, que vivem lá e não podem sair daquele ambiente e conseguem driblar essas situações, pois tenho certeza que, naquele dia, o clima estava muito carregado.

A desvalorização pessoal é uma das causas mais preocupantes no que diz respeito à saúde psíquica das presas. Elas alegam que são humilhadas, que são tratadas a gritos por alguns funcionários. Este é um estigma que elas já trazem por estarem presas. Por simplesmente terem sido condenadas à reclusão da liberdade, merecem ser desvalorizadas perante a sociedade. Mas nos encontros semanais que tivemos, tentei dar um outro significado a esta questão.

Afirmo isto, pois penso que elas erraram, sim. Têm algo pendente com a justiça, mas nem por isso merecem ser tratadas como seres inferiores. São mulheres, mães, filhas, têm o seu valor social e são importantes para suas famílias bem como para a Humanidade. Assim, precisam se valorizar para sustentar a família que está na rua. Necessitam ter fé, coragem, esperança para continuarem a viver com pelo menos certa dignidade.

Essa desvalorização, muitas vezes, é consequência do esquecimento dos familiares e amigos. Para algumas presas, as visitas dos entes queridos não acontecem. Elas argumentam que não gostariam que suas filhas, mães ou qualquer outro parente passassem pelo constrangimento da revista íntima.

Mas, ao mesmo tempo em que não querem que seus entes sejam humilhados, sentem saudades deles e sua presença com certeza lhes encheria de alegria os corações. A partir disto penso que é necessário desconstruir a idéia negativa do constrangimento desse tipo de revista, para que possam ter a felicidade de abraçar seus familiares e ter momentos de felicidade.

Percebo os meus sonhos nestes sonhos delas também: a liberdade, a saudade, o preconceito, a desigualdade, a desvalorização pessoal, o esquecimento dos familiares e a desigualdade.

Todas estas angústias que as presas sentem na cadeia, eu sinto aqui do lado de fora e acredito que a maioria das pessoas sentem também. As angústias, os medos são praticamente os mesmos, só muda o contexto, o *locus*.

Com relação à liberdade, todos queremos ser cada vez mais livres, livres para podermos realizar nossos desejos, nossos sonhos. Sobre a saudade, quem não tem medo dela? Saudade de alguém que já morreu, que partiu... O preconceito também é um

sentimento horrível e indesejado, ninguém merece ser discriminado, deve ser sim compreendido.

Sobre a desigualdade há muito que se pensar. A discrepância de certas relações sociais, de trabalho, de relação interpessoal é bem marcante em algumas situações. O modelo de sociedade que está aí é extremamente desigual, e a desigualdade já assolou nosso inconsciente, fazendo o que é socialmente injusto transformar-se em algo consideravelmente normal para a maioria.

E quem não tem medo do esquecimento, de ficar sozinho, de ser abandonado? Pior é quando somos abandonados por nós mesmos, quando depositamos em outra pessoa a função de nos fazer feliz e, se isso não acontecer, culpamo-las por isso, decepçionamo-nos com ela, por não ter cumprido uma tarefa que era essencialmente nossa, e que também não conseguimos desenvolver.

Todas essas angústias assolam este momento da dissertação que estou vivenciando, pois muitas vezes sinto-me desvalorizada, pensando que não conseguirei cumprir os prazos impostos pela CAPES.

Quero realizar um bom trabalho, algo bonito, acadêmico e que valorize a minha vivência. Mas, em seguida, começo a me desvalorizar, pensando que está tudo errado, que outras pessoas fariam bem melhor que eu, enfim, são muitas as angústias. Mas, mesmo assim, em muitos momentos, sinto-me feliz, livre e certamente sentirei saudade deste momento ímpar, pois quando a gente começa a escrever desta maneira, menos arrogante e mais acessível, parece que se sinto um grande desejo de continuar, não dá vontade de parar, e o valor da descoberta, da ruptura, da desilusão (no sentido de deixar de se iludir) se renova a cada linha escrita, a cada pensamento, a cada *insight* e a cada conversa com o orientador.

Este é um momento de nascimento, de expectativa. Por isto causa dor, sofrimento, mas penso que, após as *dores* iniciais, a alegria encherá meu coração, na medida em que acredito ter sido uma grande vitória ter chegado onde estou e, principalmente, ter conhecido pessoas como meu orientador e seus orientandos (meus *irmãos*), com os quais pude travar uma relação de sincera amizade, reconhecimento, respeito e esperança. Esperança de um mundo melhor, de uma sociedade melhor, de uma Universidade melhor, mais humana, e que veja seus acadêmicos, não como gravadores capazes de decorar citações de autores mundialmente renomados, mas sim seres humanos que em sua

simplicidade se reencontram consigo mesmo ao ler um grande clássico, sem precisar de citações maravilhosas para ser reconhecido como alguém capaz de desenvolver algo considerado científico.

No capítulo seguinte exponho as minhas impressões sobre o presídio, meus sentimentos sobre esta instituição.

## **2. O PRESÍDIO...**

Pensar e escrever sobre o presídio foi algo que a banca solicitou-me, quando da qualificação do meu projeto de pesquisa. Ou seja, deveria discorrer a respeito dessa instituição social. Então pensei: Escrevo de forma a descrever, caracterizar o presídio? Seria melhor se fizesse como fez Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*? Não! O professor Victor Hugo sugeriu-me que expusesse neste texto os meus sentimentos, as minhas impressões sobre o presídio.

Concordei! Pois seria muito contraditório escrever este texto de forma fria, desarticulada do resto da dissertação, como se fosse um capítulo à parte. Certamente poderei usar Foucault, quando necessário, mas penso que devo expor, trabalhar mais as marcas que o presídio deixou em mim, e principalmente refletir como essa instituição pode fazer parte de um momento da minha vida, fazendo-me pensar sobre a sociedade, a educação, a família, as políticas públicas, etc. Como uma instituição tão particular, pode me fazer refletir sobre as coisas do mundo!

Inicialmente, pode parecer estranho, mas através do contato com o presídio e, principalmente, com as pessoas que moram lá, as presas, fui perceber-me como apenas mais uma pessoa inserida nesse mundo. Esta interpretação logicamente é tida pela classe dominante em relação a mim. Vi-me como parte dessa grande massa conservadora e reacionária, além de perceber-me como “vítima” das políticas neoliberais deste planeta.

Foi na prisão que começou o meu processo de libertação. Libertação da minha alma, das minhas amarras psíquicas, dos meus preconceitos. Foi no presídio que pude experimentar a minha emancipação. Na prisão, tentei livrar-me das minhas prisões. Entrar na prisão, para mim, teve o gosto da busca pelo conhecimento, por um aprendizado de pesquisa e, principalmente, de vida.

Nossas prisões internas são talvez mais preocupantes que as prisões dos presídios. Foi isto, dentre outras coisas, que percebi e continuo percebendo! Houve uma mudança de percepção do mundo através desta experiência vivenciada, pois às vezes me percebi tão presa quanto as presas da Penitenciária de Rio Grande, além de muitas vezes percebê-las mais livres que eu.

Quantas vezes nos preocupamos com o que as outras pessoas vão dizer, com o corpo ideal ditado pela mídia, com o cabelo e o corte da moda, etc. e ficamos presos a esses referenciais de felicidade. Nesse sentido, as participantes desta pesquisa são muito mais autênticas, pois só querem usufruir do direito à liberdade física e talvez já tenham esquecido desses valores hipócritas.

As entradas e as saídas do presídio me fizeram sentir que qualquer pessoa pode um dia estar ali dentro, cumprindo uma pena, inclusive eu. Pude perceber também que a maioria dos crimes pelos quais as pessoas são julgadas são perfeitamente perdoáveis, afinal alguns cidadãos cometeriam o mesmo crime se estivessem na mesma situação de quem foi condenado. Mesmo assim, nossa sociedade continua exercendo essa punição: a reclusão da liberdade física, para “conter” a criminalidade que, contraditoriamente, cada vez aumenta mais. A culpa, ou é das pessoas, ou é do sistema instituído, já que a relação que se estabelece não é direta.

Além dos encontros com as participantes da pesquisa, outra situação que me fez sentir livre, ou em processo de libertação, foram os encontros com o orientador. Percebi como esta relação é fundamental no processo de pesquisa, já que o professor Victor me fez pensar através de um outro referencial, o referencial da *compreensão*, e não do *julgamento*, pois as detentas já foram julgadas e condenadas; então eu não deveria partir dessa condenação para dar início, continuidade e fim à proposta do trabalho.

Falando no professor Victor Hugo, devo dizer ainda que, no início dos nossos encontros, ele pediu-me para assistir vários filmes que mostravam a realidade prisional, a fim de que começasse a instigar a minha sensibilidade para com o tema da pesquisa. Os

filmes recomendados foram, dentre outros, Pappillon, Fuga de Alcatraz, Um sonho de Liberdade, Hurricane, Carandiru, A Espera de um Milagre e O Conde de Monte Cristo. Num primeiro, momento assisti a alguns dos referidos filmes e produzi um texto com as passagens vistas, descrevendo-as.

Na ocasião em que o Victor leu o meu texto inicial, ficou *furioso*, mas tentou ser discreto e sutil num primeiro momento. *Furioso* porque ele não queria que eu descrevesse os filmes, já que tinha assistido a todos e não precisava que eu contasse a ele. O meu orientador queria que eu relacionasse os filmes com os meus *insights* de pesquisadora, com a minha pesquisa e com o meu amadurecimento profissional.

Custei a perceber isto. Hoje entendendo o que o Victor queria dizer logo no início das orientações. Pensei em refletir neste texto os meus *insights* sobre a prisão, os filmes assistidos, e as poesias que uma presa produziu após o processo de condenação na PERG. O nome fictício, que ela adota, neste trabalho, é Sara.

Além destes referenciais citados para a orientação desta etapa do trabalho, a dissertação da Mestre em Educação, Sra. Nilda Margarete Stanieski, da UFPel, defendida em dezembro de 2005, fez-me ponderar algumas premissas sobre o ambiente prisional. Tinha e tenho muito a aprender com ela, já que a Sra. Nilda é juíza de Direito da Vara de Execuções Criminais da cidade de Pelotas/RS.

Como ela tem uma formação sólida na área do Direito, então deveria me aventurar por estes caminhos, sem perder de vista a idéia de que não quero trabalhar com o Direito Criminal ou algo parecido, mas pretendo, sim, aprender um pouco dessa área, para compreender mais amplamente um dos elementos da minha pesquisa, afinal ela se insere em um presídio.

Parafraseando uma passagem de um capítulo da dissertação da Sra. Nilda, pude refletir que a gente só se torna livre vivendo a experiência da liberdade. Então, como os presos tornar-se-ão livres passando pela reclusão física da liberdade? Como essa pessoa estará preparada para a liberdade, se não vivenciá-la com responsabilidade? Aí é que surge a minha defesa pela pena alternativa, ou seja, o pagamento de serviço comunitário! Assim, a pessoa responsável pelo seu delito continuará livre, ao mesmo tempo em que tenta reconhecer sua falha.

É certo que a Sra. Nilda pensa como eu, ou seja, não vemos muita utilidade social na instituição prisional da forma como está estruturada. Percebemos a falência do sistema

penitenciário, pois se, no século XVIII, ele foi uma grande invenção, hoje, no século XXI, sua serventia é questionável. “(...) Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade”. (FOUCAULT, 1979, p.131)

No filme Hurricane – O Furacão, o protagonista mostra bem essa realidade desumanizante da prisão. Uma frase que o personagem fala demasiadas vezes no filme é *O ódio me trouxe até aqui, mas o amor vai me tirar*. (Palavras de Hurricane)

Essa frase me marcou muito durante o decorrer do filme, pois a prisão lembra coisas ruins, como o sentimento de ódio. Esse sentimento, no filme, é referenciado como algo negativo. Não é um ódio que se transmuta em uma ação positiva, mas um sentimento que menospreza, põe a pessoa para baixo, a faz sentir-se inferior.

O protagonista desse filme, a toda hora fala em Humanidade! Diz que não existe humanidade dentro da prisão, que ali as pessoas são como máquinas com horário certo para todas as atividades. São humanos em sua essência, mas com sua humanidade negada, por isso, são conduzidos à forma animal, de instinto de sobrevivência. Suas necessidades básicas de sobrevivência são saciadas (higiene, alimentação, sono, etc.), mas os sonhos, as utopias e a imaginação são negados, justamente estas virtudes, as quais nos particularizam e nos caracterizam como seres humanos.

O filme ainda mostra uma realidade extremamente marcante. O protagonista é negro e pobre, e essa condição já lhe dá uma pré-disposição a ser julgado pela sociedade como delinqüente. Assim, como o filme mostra essa realidade, percebi que, no grupo de presas participantes da minha pesquisa, a grande maioria delas era pobre! Nem todas negras, apenas uma, o restante era de cor parda, mas todas eram de classe baixa, como no longa-metragem.

No filme Pappillon existe uma passagem em que o general diz o seguinte: *usufruam o máximo do que oferecemos e sofrerão menos do que merecem*. Essa citação mostra um pouco da filosofia desse tipo de instituição: a filosofia do sofrimento, de pagar a pena através da dor, do castigo e da humilhação, além da relação quantitativa, pois quanto pior o crime, maior a pena.

E essas impressões acabam sendo introjetadas na mente dos presos. Prova disso é uma citação, que faço a seguir, de um texto com carga poética feita pela Sara, participante desta pesquisa, que diz: “(...) Fui largada na prisão dormindo ao chão, não ousei me

reerguer, não sou nada, nada mais eu sou neste lugar terrível, infernal, quisera eu escapar desta dor, desta aflição que sinto na prisão”. (Trecho retirado do texto *Não sou nada*, escrita por Sara, no dia 29/09/05, às 00h55min)

Quero dizer, com estas citações, que a prisão molda um sistema de relações, em que todos têm o seu papel social, a sua função, ou de delinquentes, os presos, ou de senhores, os representantes do poder do Estado. Os delinquentes são os criminosos, as pessoas que devem sofrer enclausuradas dentro de uma prisão. Os representantes do poder são aqueles que devem vigiar, fazer sofrer e humilhar aqueles que são considerados quase como animais, na verdade, bem menos, pois em geral a sociedade tem apreço pelos bichos.

O filme *Um Sonho de Liberdade* reforça a minha idéia de que o sistema penitenciário é, nesse sistema capitalista, mais um grande investimento financeiro. No meu entender, a instituição prisão pode ser comparada a uma grande empresa, com seus funcionários, patrões, rendimentos, funções, sigilos, pactos, etc. Cito esse longa-metragem, pois nele o gerente da penitenciária suborna um rapaz, que foi preso injustamente, com a finalidade de usá-lo para lucrar em seus investimentos bancários.

Além desse, o filme *Hell*, com Jean-Claude Van Dame, também denuncia as ordens da penitenciária. Ou seja, os presos são treinados e obrigados pelos guardas a lutarem entre si. Antes da luta, alguns funcionários fazem apostas, juntando um montante de dinheiro. Aquele que aposta no preso que vence a luta ganha o dinheiro. Ou seja, nessa situação, os presos são usados para dar dinheiro a alguns funcionários. Gera rendimentos e lucros a alguns setores do poder, os próprios funcionários do presídio.

Voltando ao filme *Um Sonho de Liberdade*, esse traz uma passagem em que um homem, que ficou cinquenta anos preso, após sair da penitenciária, comete suicídio, pois não sabia mais viver em liberdade. Isso reforça a idéia de que a liberdade deve ser vivenciada, exercitada. Ninguém aprende a ser livre, se não experimentar a própria condição de liberdade.

Todas essas imagens trazidas por esses filmes fizeram-me pensar, refletir, ponderar o que era ficção e o que era realidade. Nesta análise, percebi que os filmes têm pouco de ficção, pois na vivência com as presas, durante a coleta de dados da pesquisa, fui percebendo o quanto elas têm a denunciar, o quanto elas têm a aprender e o quanto elas têm a ensinar.

Assim como nos filmes, as participantes desta pesquisa possuem pouco espaço e tempo para lazer, alegria e descontração. Na verdade, não podem usufruir dessas condições, pois devem sofrer. Concordando com estas premissas, numa passagem do texto *Desgraçadas*, Sara diz: “(...) Aqui estou na prisão estadual, não sou convidada, nem empregada, sou condenada. Assim como eu há mais de mil condenados todos com a alma cheia de dor e amarguradas, que muitas vezes repartem entre si no castigo, no isolamento, na solitária, as cestas frias da magra refeição que lhes é jogada”. (Poesia escrita no dia 1º de outubro de 2005, às 05h13min.).

Sinto-me triste, pois percebo que não posso soltar estas pessoas. Assim, como elas querem sua liberdade, sua vida de volta, eu gostaria de poder dar este presente a elas, a liberdade. Mas não posso. Também sou parte desse sistema e, como tal, devo cumpri-lo. Descumprindo-o, ou seja, vivencio-o, mas o nego. Quando existe a possibilidade de transgredi-lo, transgrido, através de pensamentos libertadores e de ações mais preocupadas com a humanidade das pessoas.

Reflico, revolto-me e tento encontrar possibilidades para esse grande problema social, a criminalidade e o sistema que gera o próprio crime, o qual posteriormente pune. Isso me deixa muito indignada, pois como esse sistema pode punir de tal forma, se é o próprio responsável pela criminalidade? Como diz Foucault “(...) Um crime é cometido porque traz vantagens. Se à idéia do crime fosse ligada a idéia de uma desvantagem um pouco maior, ele deixaria de ser desejável” (1987, p. 79).

Quero dizer que, se todas as oportunidades fossem dadas a todas as pessoas, independente de qualquer condição de raça, credo, etc., nossa vida em sociedade não estaria como está. Se nossos valores fossem outros, que não aqueles que lembram o lucro e a competição, nossa condição humana seria outra, mais baseada em princípios, que lembram a sustentabilidade da vida, a preservação pelos sentimentos pró-sociais. Logicamente não vejo tudo isso de forma harmoniosa e consensual, mas como respeito às opiniões alheias e oportunidades a todos.

Gostaria de agora denunciar o sistema prisional através da fala de quem o vivencia. Quero deixar minha voz um pouco de lado, além de esquecer o que os grandes teóricos disseram sobre a prisão, pois Foucault, Varela e eu, nunca fomos presos. Assim, certamente, olhamos para a prisão pelo olhar de fora, de quem olha mas não vive a situação, sendo desse modo, fácil tirar conclusões.

Quero deixar falar agora a voz dos excluídos, a voz daqueles que passaram ou passam pela situação de estar presos. Minha intenção é chocar, além de dar veracidade ao fato, pois, além de tristeza (a qual sinto por alguns instantes), penso que temos que nos indignar e cada vez mais denunciar as mazelas da nossa sociedade. A seguir, trago o texto *Sistema* escrita por Sara, no dia 15/03/05, às 10h20min:

#### Sistema

O presídio se encontra em tal desordem, que presas forjam armas artesanais para ferir ou matar-se umas às outras. Se agridem fisicamente e moralmente. São prisioneiras do sistema mal direcionado do judiciário e do sistema penal, todas se vêem acuadas. E mentem, traficam, e para dar alívio a suas mentes consomem a própria droga que vendem, assim se forem pelos carcereiros pegas, replicarão que são usuárias, receberão um pequeno castigo e fica tudo bem, porque para o sistema, o viciado é doente e não poderá aumentar sua pena, e os traficantes se apóiam nesta cláusula da lei para traficar livre na penitenciária. A droga circula de um lado a outro, de pavilhão para pavilhão, de galeria em galeria, debaixo do nariz da carcerária, cozinha, marcenaria, manutenção, enfermaria levada para as galerias, através também de mulas em visitas especiais. A droga, o telefone celular entra e o dinheiro sai.

O sistema judicial não oferece trabalho remunerado aos detentos para sustentarem suas famílias e se obrigam a traficar na prisão. O judicial só sabe dar punição, retirar remição e superlotar o presídio. Os homens lutam, brigam para obter para si o poder de traficar, eliminando qualquer rival, sempre ganha quem é mais forte não em força, mas em mulas. Os mais fortes induzem outros presos a venderem a droga para ganharem dinheiro e mandar para a família, outros recebem pagamento em droga porque são usuários, viciados e sempre são os mais fracos e que nunca tiveram presos antes amedrontados, acabam vendendo forçado a droga. Pobres coitados, e ainda têm suas famílias ameaçadas, e os chamados plantões observam tudo calado porque também são ameaçados pelos patrões.

E a polícia, os carcereiros, os agentes, o diretor o que fazem? Fingem-se de cegos que nada sabem, ou será que têm uma parcela de culpa remunerada? Ou também têm suas famílias pelos patrões das drogas ameaçados e são forçados a ficarem calados.

Incrível como estas palavras lembraram-me do filme *Carandiru*, além do livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella (2005). O livro, o filme e a poesia de Sara conseguem me fazer imaginar o sistema e a vivência de uma pessoa presa. Consigo imaginar o cotidiano, os dias de visita, a rotina, as refeições, o passar dos dias intermináveis. Posso imaginar como funcionam as relações e as interações. Penso que não gostaria de estar lá, mas com qualquer descuido, também posso tornar-me mais uma vítima desse sistema.

E você, que lê este parágrafo, nesse instante, já pensou nisso? Ninguém está livre! Nem nós, nem nossos filhos e descendentes. E essa é a sociedade que deixaremos para as

futuras gerações? Tentaremos resolver esses problemas agora, ou deixaremos que mais vítimas sejam sucumbidas por esse sistema que ainda nem conhecem?

A experiência desta pesquisa no presídio, para mim, deixou muitas reflexões borbulhantes na cabeça. Pude perceber uma série de contradições do nosso sistema e pude perceber-me em contradição também, negando o que antes acreditava como certo e, hoje, me propondo a refletir de forma mais coerente a vida em sociedade e o sistema capitalista.

O presídio, que inicialmente é tido no senso comum como um lugar ruim, de péssimas relações e de pessoas com *má índole*, é apenas mais uma instituição dentro do corpo social que cumpre a sua função. As pessoas que lá estão confinadas, são pessoas como eu e como todos nós, que sonham incessantemente com a liberdade, para voltarem as suas casas e poderem ser protagonistas de suas vidas. Não querem mais ser fantoches e, sim, fazedoras de suas histórias.

O presídio que, para muitos, é um lugar feio. Para mim, é um lugar de sonhos, onde pessoas demonstram muita fé, esperança e luta. Fé e esperança em sair do presídio; e luta por dias melhores, em que possam ser pais, mães e filhos dentro de casa, e não mais longe de seus familiares.

Os sentimentos são os mesmos que do lado de fora, pois todos nós almejamos uma vida feliz, com moradia, trabalho, reconhecimento, amor e compreensão. Então, se os sonhos e os sentimentos daqueles que estão presos e daqueles que teoricamente estão livres são similares, para que a discriminação? Somos todos iguais, com algumas particularidades que nos identificam, mas queremos todos a mesma coisa: sermos felizes, e temos direito a isso!

Logo, se temos direito ao sonho e a felicidade, o que fazemos para isto concretizar-se? A seguir reflito sobre o que tem feito a Educação Ambiental neste sentido.

## **2.1 – VIVENCIANDO E COMPARTILHANDO SONHOS NO PRESÍDIO: UMA UTOPIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL?**

Por que Educação Ambiental no presídio? A Educação Ambiental não se reduz somente ao mundo exterior, ao mundo natural, mas também abarca as relações sociais, o mundo interior do sujeito humano. Esse é um dos diversos ambientes a ser construído pela

Educação Ambiental, mais propriamente vinculado aos valores socialmente construídos na coletividade.

Neste momento da pesquisa, defendo a Educação Ambiental do sujeito que sonha, que busca sua saúde através de uma utopia que lhe dê esperanças de um mundo melhor, mais fraterno, mais solidário e livre.

Para compreender esses vínculos (entre Educação Ambiental e os sonhos), torna-se necessário envolver a Educação Ambiental na história dos participantes da minha pesquisa (as presas), entender suas utopias, suas limitações, percebê-las enquanto excluídas sociais, que possuem toda uma vivência de mundo e que, mesmo ao estarem enclausuradas, em condições desumanas de sobrevivência, teimam em sonhar por dias melhores, por um mundo melhor, mesmo que o ambiente no qual se inserem seja nefasto e não propicie essa possibilidade. A Educação Ambiental feita por essas pessoas está acoplada aos valores humanos que elas produzem dentro do presídio.

E os sonhos cultivam esses valores humanos, na medida em que recriam e transgridem a lógica prisional. Digo isto, pois através do ato de pensar, de devanear, o preso, ou a presa, reinventa o seu mundo, que não é limitado pela infra-estrutura da prisão, e sua imaginação é capaz de o levar a um mundo não real, mas imaginário possível.

Para compreender a história da Educação Ambiental e chegar até a discussão de como ela está presente nos sonhos dos presidiários, se faz imprescindível conhecer um pouco de sua história, de seus avanços, retrocessos, conceitos, etc., a fim de avaliar como hoje ela pode estar ligada às formas não convencionais de pensar a Educação Ambiental, diferentemente da atitude estereotipada de “abraçar uma árvore” no dia 21 de setembro.

Penso que as formas convencionais de pensar a Educação Ambiental estavam mais ligadas ao pragmatismo, ou seja, a atitudes propriamente ditas, sem o questionamento e a reflexão. Um exemplo disso é a questão da separação do lixo. Essa atitude é socialmente importante, mas isolada e sem reflexão, acaba se transformando num pragmatismo vazio, pois não se questiona a origem do lixo, por que são criadas tantas embalagens para um mesmo produto, e se esta embalagem encarece a mercadoria, etc. Não se questiona a estrutura social e econômica vigente, simplesmente promove-se uma ação.

Nesse sentido, para se entender os avanços da Educação Ambiental, trago a seguir um breve retrospecto do surgimento dessa temática nas ciências humanas, como foi seu desenvolvimento, e como hoje é percebida socialmente.

Durante muito tempo de nossa história, confundiu-se Ecologia com Educação Ambiental, mas, mesmo assim, uma grande questão estava presente nas reflexões filosóficas de nossos cientistas e filósofos: a relação homem – natureza.

Desde o período socrático, as contribuições da racionalidade permearam o conhecimento científico, racionalidade esta que valoriza o pensamento antropocêntrico, que faz da figura humana o centro do universo, onde ele é o ser mais poderoso.

Platão, discípulo de Sócrates, pensava na existência de dois mundos. Um, o mundo das idéias e o outro, o mundo material. Para Platão, toda a idéia era boa, porque era divina. O mundo é uma cópia da idéia.

A alma, para Platão, é a forma (algo bom) e o corpo é a matéria (algo ruim). É em Platão que surge a idéia de disciplina. Sendo assim, esse filósofo era contra as artes que falseavam a verdade, pois o corpo deveria ser disciplinado pela alma. As artes enfatizavam a sensibilidade, e isso era para ele considerado algo ruim, pois o corpo como diferente e subordinado à alma deveria ser submisso àquela.

Aristóteles, discípulo de Platão, transforma o pensamento do mestre, unindo no conceito de substância os dois mundos de Platão. Para Aristóteles, tudo é matéria e forma, diferente da idéia de Platão, que acredita serem essas diferentes.

Descartes, seguindo Platão, acreditava que a questão da dualidade das coisas já estava dada. Existem idéias que se mantêm antes mesmo da existência delas, são verdades inatas.

A partir dessas idéias filosóficas, surge o antropocentrismo, pois esses pensadores acreditavam que o homem, como um ser pensante, tornava-se o dominador. Para eles, aquilo que não tem alma, não pensa, não tem valor na sociedade.

Esses pensamentos filosóficos até hoje estão presentes em nossa sociedade. O antropocentrismo, tão criticado pela Educação Ambiental, deve ser superado, não colocando o homem como centro das coisas, como dominador egoísta, e sim como um ser não mais nem menos importante que outros, apenas em situação diferenciada devido à capacidade de pensar.

Na década de 60 do século passado, uma obra literária tornava-se o grande clássico para o movimento ambientalista. Era o livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson.

Alguns anos após a publicação dessa obra de Rachel Carson, o Clube de Roma era criado. Trata-se de uma organização composta por especialistas de várias áreas do conhecimento humano, que tinham o objetivo de discutir a crise da época (que ainda vigora) e o futuro dos povos/das nações da Terra.

A partir daí, a sociedade começou a se organizar através de grandes eventos, que propunham a efetivação da prática da Educação Ambiental em todo o Planeta, a fim de que o mesmo não fosse sucumbido pela expropriação capitalista. Mas estariam esses encontros preocupados com a Educação Ambiental no sentido amplo, não confundindo mais ecologia com Educação Ambiental? Se sim, por que então não se inseriu a causa penitenciária na discussão da Educação Ambiental, já que a prisão é algo historicamente presente na nossa sociedade<sup>3</sup>?

A primeira conferência a ser realizada foi a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo. Esta deveria tornar-se um marco histórico político internacional para o surgimento de políticas públicas em Educação Ambiental. “(...) A Conferência de Estocolmo, ao reconhecer a importância da EA em trazer assuntos ambientais para o público em geral, recomendou o treinamento de professores e o desenvolvimento de novos recursos instrucionais e métodos”. (DIAS, 1998, p. 22).

Após esse primeiro grande encontro, as discussões sobre a EA continuaram fervorosas, culminando no Encontro de Belgrado, “(...) onde foram formulados os princípios e orientações para um programa internacional de EA”. (DIAS, 1998, p. 22)

O encontro de Belgrado promovido pela UNESCO culminou na formulação de um documento, a Carta de Belgrado (como é conhecida), discutindo a Educação Ambiental, não só do ponto de vista do ambiente natural, mas igualmente a partir da ótica econômica, cultural, ética, social, política, educacional etc. Foi um documento de visão abrangente, o qual:

(...) preconizava a necessidade de uma nova ética global capaz de promover a erradicação da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição, da exploração e dominação humanas,

---

<sup>3</sup> As prisões foram criadas no final do século XIX. Contemporâneo a esta invenção humana, no início do século XX aparece a escola como instituição social, e o modelo fabril também começa a modificar a estrutura da sociedade, deixando o artesanato como algo secundário, e investindo na fabricação em série, em grande escala. A economia passa do sistema de trocas para o sistema de apropriação e lucros. Sendo assim, percebe-se que estas instituições (prisão, escola e fábrica) participam do mesmo momento histórico, carregando a mesma filosofia, arraigada no cerne da construção do modelo capitalista. São velhas invenções humanas, que deveriam fazer parte das preocupações daqueles que se julgam militantes de um outro mundo possível.

e censurava o desenvolvimento de uma nação às custas de outra, acentuando a premência de formas de desenvolvimento que beneficiassem toda a humanidade. (DIAS, 1998, p. 22)

Todo esse direcionamento de ação e linha teórica recomendados por esses encontros internacionais deram uma base substancial muito forte aos direcionamentos da EA em nível mundial. Seguem uma linha de orientação bastante pertinente aos problemas ambientais do nosso planeta, que são provocados (na maioria das vezes) pelo homem. Mas questiono como a Educação Ambiental, desde essa época, tem problematizado as questões da estrutura social? Como a penitenciária e os presos aparecem dentro dessas discussões? Como os sonhos dos presos são referenciados nesse contexto de uma ética global? Como esses sujeitos são vistos pelos diversos segmentos sociais, no caso a educação Ambiental?

Anos depois, outra referência na trajetória da Educação Ambiental foi a Conferência de Tbilisi, onde nasceu o documento “*Declaração sobre EA*”, um documento técnico, que orientava estratégias dentro da EA.

Enquanto a Conferência de Belgrado preocupava-se mais com os aspectos filosóficos da Educação Ambiental, a Conferência de Tbilisi procurou implementar diversas necessidades urgentes a serem cumpridas pela sociedade política e civil, organizações governamentais e não-governamentais.

Foram grandes os avanços do ponto de vista legal. A legislação, hoje em dia, nos abre portas. Mas o que efetivamente tem se realizado em EA a nível nacional? Ações pontuais, esporádicas ou medidas a médio e longo prazo com avaliação competente, a fim de que se possa perceber a mudança paradigmática nas ações dos homens e das mulheres. Estamos visando ações transformadoras, ou o capitalismo já se reformulou, na tentativa de atuação, visando o lucro, principalmente através da implementação das ISO 9001, 14000 etc?

Uma das características da EA, segundo a Conferência de Tbilisi é “(...) o enfoque interdisciplinar e orientado para a resolução de problemas; a integração com a comunidade, ser permanente e orientada para o futuro”. (DIAS, 1998, p.122)

Com esse enfoque voltado para a resolução de problemas, encontra-se o paradigma da Educação Ambiental voltado para as causas daqueles que são excluídos de muitas condições básicas para sobrevivência. Neste caso de pesquisa posso considerar aí os presos. Consideram-se, como condições básicas de sobrevivência, não só a alimentação, o vestuário, a higiene, a educação, etc., mas igualmente a possibilidade de sonhar frente à

vida, frente às diversas possibilidades, de reinventar a existência com os próprios sonhos. Sonhos estes que devem estar comprometidos com a realidade cotidiana, que devem estar direcionados para a felicidade e a possibilidade de ser mais enquanto pessoa.

O documento que rege os princípios da Conferência de Tbilisi alega a questão da interdisciplinaridade na perspectiva da resolução de problemas que são imprescindíveis no momento social de crise e instabilidade no qual vivemos.

É claramente notável que não podemos enxergar a Educação Ambiental de forma salvacionista. Existem várias diretrizes que determinam as condições sociais. Mas podemos vislumbrar uma potencialidade fundamentada com a Educação Ambiental.

E é esta reflexão que proponho: vislumbrar, nos princípios que orientam a Educação Ambiental, a possibilidade de refletir sobre os presidiários, suas vidas, seus sonhos. Afinal, muitos dos seus sonhos são ter uma vida livre, com trabalho e salário justo, conviver com os filhos, ajudar a família. E os valores que permeiam esses sonhos, no meu entender, são a solidariedade, a dignidade, a igualdade de oportunidades, a ética etc. Será que, se nossa sociedade fosse justa a todas as pessoas, existiriam presidiários(as)? Talvez não!

Parafraseando Dias, com a Conferência de Tbilisi, a Educação Ambiental é considerada como um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros. (DIAS, 1998, p. 83)

Toda essa discussão em nível mundial a respeito das características e das possibilidades da Educação Ambiental ainda não foi suficientemente explícita para problematizar e conceituar o que realmente é a Educação Ambiental e quais as competências que lhe cabe. Principalmente, ainda não foi possível modificar o senso comum a respeito do que é Educação Ambiental, pois não é somente a preservação e a conservação do ambiente natural, mas acredito que Educação Ambiental é principalmente mudar os nossos conceitos antropocêntricos e capitalistas. A Educação Ambiental, no meu entender, está mais aproximada com os valores pró-sociais, valores que primam pela comunhão entre as pessoas, a justiça social, a paz, a solidariedade e a transparência nas relações sociais. Mudando valores, o comportamento muda também e não se torna algo mecanizado, sem reflexão.

Loureiro (2004) nos alerta para as contradições que hoje ainda fazem parte do que se entende por Educação Ambiental. Ele afirma que alguns movimentos ambientalistas deixaram uma herança naturalista para a Educação Ambiental, ou seja, ainda existem algumas correntes de pensadores que entendem essa abordagem como um pragmatismo de ações na defesa de um ambiente natural, sem intervenção humana, ou o mínimo possível. Esse autor defende uma educação ambiental crítico-transformadora e emancipatória, no que particularmente concordo, devido a toda a minha formação estar voltada para as raízes do pensamento crítico.

Se tomarmos a Conferência de Tbilisi como base para analisar, já podemos observar um ranço desse pensamento pragmático. Como pressupostos teóricos, o documento que nasce desse encontro diz o seguinte sobre o que seja a Educação Ambiental: “(...) um processo permanente no qual os indivíduos e a sociedade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento”. (DIAS, 1998, p.83)

Isso é um equívoco, porque ninguém *toma consciência*. Esta é um processo de construção histórica, onde os sujeitos mediatizados pelas condições sociais, pela materialidade do mundo e pelas relações que estabelecem com os outros, vão se constituindo enquanto seres conscientes de sua realidade, problematizando a ideologia capitalista e burguesa na qual se inserem, percebendo a realidade social de maneira crítica, desvelada. É preciso ter uma concepção complexa do ambiente e não reducionista, para não cair no equívoco de reduzir o entendimento de Educação Ambiental simplesmente voltado ao conceito de ambiente natural.

Sobre o conceito de ideologia que tento expor, faz-se necessário aludir ao conceito de Chauí, que revela:

A ideologia burguesa, através de seus intelectuais, irá produzir idéias que confirmem essa alienação, fazendo, por exemplo, com que os homens creiam que são desiguais por desejo próprio, isto é, os que honestamente trabalham enriquecem e os preguiçosos, empobrecem. Ou, então, faz com que creiam que são desiguais por natureza, mas que a vida social, permitindo a todos o direito de trabalhar, lhes dá iguais chances de melhorar – ocultando, assim, que os que trabalham não são senhores de seu trabalho e que, portanto, suas “chances de melhorar” não dependem deles, mas de quem possui os meios e condições de trabalho. (1997, p.78/9)

A intencionalidade desta referência está presente na tentativa de deixar expostas as condições que historicamente vêm se construindo na sociedade capitalista. A exploração à

qual são submetidos os homens e as mulheres é mascarada pela ideologia, a fim de que sejam incutidas em nossas mentes falsas verdades.

Nesse sentido, se a Educação Ambiental considerar que o mundo vai mudar apenas com ações pontuais de preservação ambiental (do tipo não jogar lixo na rua, o consumo controlado da água nas residências, etc.), estará sendo ideológica, pois sem questionar a estrutura social e como os sujeitos vivem e se constroem nela, não poderemos vislumbrar um outro mundo possível, mais sustentável.

Conforme o exposto, Loureiro atenta que a educação ambiental não é adestramento ambiental, ou apenas mudança de comportamento (numa perspectiva comportamentalista). Não significa apenas aderir a uma postura *ecologicamente correta* e, sim, problematizar as questões sócio-históricas e ambientais da nossa vida, do nosso Planeta. Problematizar a questão penitenciária, os presos e seus sonhos.

É com essas premissas orientadoras que a discussão sobre a Educação Ambiental atualmente encontra-se num patamar muito mais amplo e abrangente de ações e interações. Entende-se que a Educação Ambiental se encontra da mesma forma nos fatores biológicos, sociais, culturais, étnicos, psicológicos, etc. dos diversos ambientes.

E é nessa perspectiva que esta proposta de pesquisa toma um rumo mais centrado nas questões sociais do que naturais. A Educação Ambiental consegue sustentar esta argumentação, na medida em que abre o seu leque para os diversos campos da ciência, que não só as Ciências Naturais.

Se a Educação Ambiental envolve todos os ambientes (psicológicos, sociais, éticos, etc.) nos quais estão inseridos os indivíduos, é notório perceber sua característica interdisciplinar. Assim, é possível refletir e enxergar a questão carcerária bem como os presos dentro da realidade de exclusão social na qual vivemos.

O homem, em determinado momento de sua história, necessitou de instituições (como as prisões, os asilos, os manicômios, etc.) a fim de abrigar os “delinquentes” sociais, aqueles que seriam excluídos da convivência humana comum, com os demais cidadãos.

Neste sentido, o trabalho que aqui se expõe pretende refletir sobre as pessoas que foram condenadas a uma sentença judicial de prisão. Esta reflexão pretende trazer à tona e aprender com eles os sonhos dos presidiários com suas perspectivas de vida, seus valores, suas representações de liberdade, alicerçando o referencial de estudo nos pressupostos da Educação Ambiental.

Conforme a legislação nacional, são princípios da Educação Ambiental os sentimentos de cooperação, coletividade e solidariedade. A Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999, entende o seguinte por Educação Ambiental:

Art. 1º. Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, Lei 9795/99)

E ainda cita alguns princípios da Educação Ambiental:

Art. 4º. I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;  
II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; (BRASIL, Lei 9795/99).

Assim, expostos os pressupostos históricos e os princípios da Educação Ambiental em nível nacional e amparada pela legislação atual, pretendo discutir no trabalho em curso, esses princípios, relacionando-os aos sonhos dos presos da Penitenciária Estadual de Rio Grande um setor social excluído desprovidos de seu direito de liberdade e de sua cidadania, pois são considerados *presos* ao iniciarem seu processo de institucionalização, e então não mais como cidadãos.

Se a EA tem caráter coletivo, participativo, sustentável, democrático, humanista, cooperativo e de solidariedade, é possível e extremamente necessário que comecemos a programar ações sustentáveis, onde a Educação Ambiental possa servir como uma alavanca para a resolução de alguns problemas da nossa sociedade capitalista. Obviamente não é possível considerá-la como a “salvação da lavoura”, de forma salvacionista, mas podemos sim aprender com suas contribuições sociais e vislumbrar um novo possível.

Nossa sociedade encontra-se doente, isso porque está carente de todos os princípios essenciais à convivência humana. Esses princípios são difundidos pela legislação ambiental como a solidariedade, a coletividade e a sustentabilidade. O presídio é um ambiente que provavelmente não privilegia, ou destaca muito pouco, os referenciais da Educação Ambiental, pelo menos da forma hierarquizada, dominadora e institucional da forma como está organizado.

Mesmo, porém mediante a prática hierarquizada das relações que se apresentam no presídio, os presos continuam a sonhar e reinventar a própria existência. Um exemplo: no

filme *Um Sonho de Liberdade*, existe uma cena que denota a impossibilidade de manifestações de prazer e alegrias na prisão. Essa cena foi marcante para mim, pois mostra a repressão dos presos, já que um homem corta o próprio dedo como forma de indignação, já que os carcereiros tinham tirado seu único prazer, a pintura.

Algo que me deixa muito injuriada é quando vejo pessoas tão novas (18, 20, 30 anos) cumprindo pena por crimes tão *banais*, comparando esses crimes com os grandes crimes de “colarinho branco”. Será que uma pessoa que nunca foi presa, que cometeu um crime passível de ser resolvido com o pagamento de multa ou prestação de serviço social à comunidade deve ficar presa? Essa é uma questão que assola meus questionamentos intensamente no decorrer da pesquisa.

Como a Educação Ambiental deve comprometer-se com essa situação do mundo, como a exclusão social? Como ela pode atrelar-se e ser justa com as pessoas? Como ela deve considerar os sonhos dos presos, que certamente são de liberdade? Só existe essa maneira de se conquistar o respeito social, através da punição? Na verdade, não se deve considerar respeito social, pois esse não se impõe de forma brusca, mas se conquista através do exemplo.

Estas são questões a serem pensadas e discutidas no decorrer do meu trabalho de pesquisa, com as quais me encontro cotidianamente, pois penso que um mundo sem presídios é possível. Assim como ele foi construído historicamente, pode ser extinto também. A sociedade tem se mobilizado nesse sentido, pois se admite hoje em dia penas alternativas, já que a reclusão está causando outro problema social: a superlotação nas penitenciárias.

Compartilho, assim, a minha utopia de uma sociedade sem presídios com a utopia da Educação Ambiental, pois, na medida em que se defende um mundo sustentável, solidário, onde a comunhão e o respeito entre os sujeitos seja algo imprescindível nas relações humanas, é possível imaginar, sim, a extinção dessa forma de punição.

A partir da exposição da minha utopia e das relações entre esta e os princípios da Educação Ambiental, será explorado a seguir a justificativa e os caminhos metodológicos pelo qual trilha meu trabalho.

### 3 PERCORRENDO CAMINHOS

Minha formação acadêmica foi muito baseada em autores considerados críticos. Autores estes que, parafraseando Freire (1996, p. 110), enxergam a educação como uma forma de intervenção no mundo. Penso que autores como ele, fundamentam seu olhar pedagógico na questão da política educacional, não só aquela institucional, mas, sobretudo com o caráter político-pedagógico que está imbricado no ato de ensinar/aprender ou aprender/ensinar.

Diversas vezes, na minha formação político-pedagógica, questionava as condições excludentes da sociedade naquele momento, com um olhar mais crítico de que antes de ingressar no contexto da Universidade. O desenvolvimento de uma visão crítica em mim foi acontecendo, pois fui percebendo o caráter ideológico da educação defendida pela classe dominante.

E se existem pessoas que vivem em condições adversas, é porque essa condição foi se construindo historicamente e não porque a realidade *é assim mesmo*, como diriam os fatalistas da História. “(...) É que a ideologia tem a ver diretamente com a ocultação da

verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna ‘míopes’”. (FREIRE, 1996, p. 142).

Assim, justifico a escolha deste tema de pesquisa devido a minha vivência enquanto universitária e também pela minha inquietude enquanto profissional e cidadã de nossa sociedade capitalista, individualista e excludente, já que percebo que minha ação consciente pode transformar as pessoas com os quais convivo e estas, juntas, podem transformar as relações no mundo.

Ao relatar que minha ação consciente pode transformar as pessoas e a mim mesma, se faz pertinente esclarecer meu entendimento de transformação. Não entendo transformação como algo ingênuo, que acontecerá como num *passe de mágica*. Penso sim que a realidade não está dada e não existe verdade absoluta, como acreditava Descartes. Acredito sim que o mundo está em permanente transformação. Como tal, carece de uma constante (re)construção a partir das ações de homens e mulheres conscientes, criativos, sensíveis e atuantes politicamente.

É importante salientar que ter uma visão crítica sobre a realidade não é o bastante no mundo atual, onde o capitalismo impera com suas reformulações globalizadas e políticas neoliberais. É preciso mais que isso, além da criticidade. Estamos necessitados de muita sensibilidade para compreender nossos irmãos terrestres e atuar neste planeta. Julgar alguém a partir do ponto de vista de quem olha torna-se muito perigoso, mas apropriado para as forças dominantes, a partir do momento em que não se dialoga com o outro, e não se tenta compreender a sua realidade, a sua experiência terrena. Os estereótipos inconscientes alimentam a reprodução social.

Neste sentido, o que pretendo com este trabalho é tentar compreender a lógica da exclusão social e os sujeitos excluídos. Essa lógica apresenta-se como a negação de sonhos, pois a exclusão não se reduz simplesmente à falta de oportunidades, mas limita nossa vocação ontológica de ser mais, de sonhar. E isso nega a própria condição humana, pois só os seres humanos possuem a capacidade de sonhar, de desejar e de projetar um futuro. Então me desafio a fazer uma pesquisa um tanto quanto inusitada, pois é necessário ter coragem para enfrentar um mundo completamente diferente daquele a que estou acostumada como cidadã livre. Estar preso, enclausurado é uma situação completamente antagônica, a qual vivo socialmente.

Enfim, penso que minha investigação tem validade científica, na medida em que é capaz de contribuir para a minha transformação, além da possibilidade de (re)significar a visão dos educadores e outros profissionais da área das ciências humanas do conhecimento, bem como os “leigos”, na medida em que busco suscitar a reflexão e as possibilidades de intervenção na realidade prisional.

Pretendo, após o término da pesquisa, retornar este conhecimento construído (que sempre será passível de mudança) à PERG, para que as pessoas, que lá trabalham e vivem, possam ter um contato um pouco mais contextualizado sobre o que pensam os presidiários, enfatizando-os como seres inconclusos como todos nós, que sonham, têm desejos, expectativas de vida, como qualquer cidadão livre. A falta de liberdade não os impede de sonhar por dias melhores, por sonhos melhores e vidas melhores, dentro ou fora da prisão.

Afirmo isto, pois minha hipótese de pesquisa parte do princípio de que os seres humanos, mesmo que sejam inseridos em um ambiente de clausura, continuam a sonhar. A liberdade física necessariamente não condiciona a liberdade psíquica do sujeito. Este pode estar onde quiser através do pensamento sonhador.

Partindo deste pressuposto, de que a liberdade física não condiciona a liberdade psíquica do sujeito, resolvi partir para a atividade de coleta de dados propriamente dita. Assim, confeccionei um questionário com algumas perguntas a respeito do sonho e da vida no presídio no ano de 2004, quando ingressei no Mestrado. Foram essas as questões do roteiro de entrevista:

- Por qual crime foste condenado?
- O que te levou a cometer este crime?
- Como é a vida na prisão?
- Consegues ter momentos de prazer/alegria na cadeia? Quais são estes momentos?
- Como é o teu relacionamento com os colegas?
- E com os funcionários do presídio?
- Tua família vem te visitar?
- Sofres algum tipo de preconceito aqui dentro ou fora da prisão?
- É possível ter perspectivas de futuro aqui dentro? Qual?

- É possível sonhar na prisão? Quais são os teus sonhos? Qual é o teu maior sonho?
- Achas que a penitenciária é capaz de ressocializar a pessoa para voltar à sociedade?
- A prisão marca a pessoa para sempre? Como?
- De que forma a sociedade deveria advertir a pessoa que rompeu com as regras sociais?
- Quais são as tuas lembranças mais felizes, dentro ou fora da prisão?
- O que se aprende aqui dentro?
- O que é felicidade para ti? Sentes-te feliz na prisão? Por quê?

Este questionário foi feito no ano de 2004, e aplicado a dois presos que participaram da minha pesquisa na graduação. Considerei estas duas entrevistas como entrevistas-piloto, pois foram rapidamente realizadas para perceber algumas questões referentes ao sonho de um preso no presídio.

Assim, com o roteiro na mão, pronto, deveria entrevistar alguns presos da penitenciária. Como já havia feito pesquisa na época da graduação, na PERG, resolvi entrevistar as mesmas pessoas pesquisadas naquela oportunidade, não aplicando agora um questionário a ser respondido, mas sim uma entrevista a ser gravada, na tentativa de buscar mais informações com o informante, através do que se expõe explicitamente e também por meio dos silêncios e das emoções suscitadas pela interação com a pesquisadora no momento da entrevista.

Assim, levei a relação com os nomes das pessoas que participaram da minha primeira pesquisa à psicóloga da PERG, a fim de que ela pudesse me ajudar a localizar os presos para entrevista. Ela percebeu que a maioria deles já estava no serviço externo, ou seja, trabalhava de dia na rua e voltava à noite para dormir na penitenciária, pois já se passavam dois anos desde a minha primeira pesquisa na PERG.

Então ela chamou o primeiro preso a ser entrevistado. O mesmo será chamado de Leonardo, a fim de que sua identidade seja preservada. Leonardo não se recusou a participar da entrevista, a qual foi gravada e posteriormente transcrita, colaborando com esta etapa da investigação, a entrevista-piloto.

Lembro que fiquei um pouco nervosa ao realizar esta entrevista, já que a mesma iria ocorrer na biblioteca da penitenciária, ou seja, eu ficaria sozinha com o preso no momento da entrevista. Do ponto de vista da fidedignidade da gravação, foi bom esta entrevista ter ocorrido na biblioteca, pois é um espaço afastado da recepção do presídio, onde não fomos importunados com barulhos e falas. A gravação ficou muito boa.

Mas, ao mesmo tempo em que a entrevista ocorreu de forma que a gravação ficasse legítima, senti-me um tanto nervosa ao ficar sozinha na sala com o detento, mesmo ele estando algemado e sabendo que nada de mal aconteceria com a minha integridade física. Talvez isso seja reflexo do preconceito que enraizamos, acreditando que essas pessoas são perigosas e diferentes das demais, diferentes de mim, por exemplo.

Assim, de forma exploratória, consultei as questões do roteiro de entrevista com dois presos, Leonardo, o primeiro e João, o segundo entrevistado. É importante salientar aqui que estas entrevistas aconteceram antes mesmo da qualificação do meu projeto de pesquisa. Acreditava que, para qualificar o projeto, deveria ter alguns dados, nem que fossem preliminares.

A partir das respostas obtidas destes dois entrevistados, tive a possibilidade de ir percebendo e entendendo o sistema prisional, bem como os sonhos dos presos. Percebi ainda alguns princípios da Educação Ambiental imbricados nesses sonhos de vida e felicidade.

Em entrevista-piloto realizada com Leonardo, ele relata o seguinte a respeito de seus sonhos:

Os meus sonhos é construir novamente os meus comércio (...) tô pensando em tirar, fazer um curso de fotografia, da antiga e da digital, depois saí pra trabalhar com fotografia (...) saí desse ramo de gastronomia que já trabalhei, lanche, frango assado, tô pensando em mudar (...) ter a minha firma novamente, dá o melhor pros meus filhos e sê companheiro da minha mulher dentro de casa. O meu sonho é esse...<sup>4</sup>. (Entrevista realizada em 02/09/04)

Aí se percebe a forma criativa como esse sujeito reinventa a própria vida, mesmo dentro de um ambiente de clausura. Ele continua a sonhar, imaginar, querer, desejar. Foi castrado em sua liberdade de ir e vir, mas não foi privado de suas utopias e devaneios. Assim, confirma-se a minha hipótese de pesquisa, que fundamenta a seguinte questão: Os

---

<sup>4</sup> Chamarei este entrevistado de Leonardo, preso por tráfico de drogas, 40 anos de idade, cor branca.

presos, mesmo estando inseridos em um ambiente completamente adverso e que tem tudo para se tornar infernal, fazem projeções de vida para o futuro. O sonho na prisão não é só possível como necessário para continuarem a viver.

Além de utilizar um modelo de entrevista, adotei um diário de campo, onde fui anotando todas as impressões e sentimentos que aqueles momentos no presídio suscitavam em mim. As entrevistas foram gravadas e transcritas logo após o contato com os participantes. Sobre entrevista, penso que “(...) pode ser definida como um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado”. (COLOGNESE, 1998, p. 143).

Ghiggi concorda com a afirmação acima e ainda acrescenta que “(...) na perspectiva freireana, a entrevista caracteriza-se pela interação dialógica entre entrevistador e entrevistado, onde há confrontos epistemológico, político e ético em torno do objeto específico, mediador do encontro”.(GHIGGI *IN* ANDREOLA, 2002, p.33)

Logo, os dois autores acreditam que a entrevista tem um caráter de interação entre as pessoas. Não é algo positivista, fechado em si mesmo, estagnado. Mas Ghiggi ainda acrescenta, afirmando a possibilidade do diálogo, de os entrevistados serem sujeitos daquilo que se pretende pesquisar, que eles possam interagir para uma melhor compreensão do fenômeno e para que não sejam “usados” em nome de uma ciência autoritária e detentora de poder. E ainda, que eles possam fazer parte de todo o processo de forma consciente e ativa.

Concordo com essa argumentação, pois vejo estar adquirindo gradativamente, na minha inserção no presídio, a confiança tanto dos funcionários quanto daqueles presos que já entrevistei, pois minha primeira pesquisa aconteceu em 2002.

Na primeira entrevista que fiz com o sujeito Leonardo, fiquei muito nervosa. Embora já tivesse aplicado um questionário semi-estruturado, em pesquisa feita no ano de 2002, com o mesmo presidiário, fiquei tensa, talvez porque, a partir daquele momento, teria um contato bem mais próximo com os participantes da pesquisa, diferente do que na ocasião passada, onde apenas apliquei um questionário, que foi respondido durante uma tarde.

Mesmo nervosa e apreensiva, fui bem atendida pela equipe administrativa da penitenciária, como de costume. Pedi para entrevistar uma mulher (a qual também já tinha participado da pesquisa anterior), mas ela se recusou, pois estava revoltada devido ao juiz

não ter lhe dado o alvará de liberdade. Entendi a atitude e parti para uma próxima tentativa. Então entrevistei o Leonardo, o qual concordou com a entrevista e autorizou sua gravação.

Fui orientada por uma funcionária da PERG de que um local bom para a entrevista seria a biblioteca da penitenciária. Dirigimo-nos até lá, enquanto um dos agentes penitenciário buscava o entrevistado. Ao ver que entrevistaria Leonardo algemado com as mãos para trás, senti-me muito mal! Mas não poderia mudar naquela situação pontual a rotina daquele ambiente. Até mesmo a psicóloga considerou aquela situação complicada, pedindo para o agente algemá-lo com as mãos para frente. Foi realmente muito inusitada a situação vivida, pois essa é uma realidade muito diferente para quem está do lado de fora de uma prisão. Naquele momento, refleti sobre como é possível falar de sonhos que libertam, com alguém que está algemado, vivenciando uma situação constrangedora diante da pesquisadora.

Mesmo naquela situação bastante difícil, senti a entrevista de forma muito boa. Percebi que Leonardo lembrava de mim desde aquela época em que foi entrevistado pela primeira vez em 2002. Lembrava até data e o horário em que ocorreu nosso encontro. Refleti bastante sobre isto, lembrando que a ociosidade é tanta dentro daquele ambiente prisional que faz com que as pessoas lembrem muito dos momentos diferenciados pelos quais passam, quando passam.

Com o detento, a quem chamarei de João<sup>5</sup>, a entrevista foi tranqüilamente feita. Ele também estava algemado no momento da entrevista, e eu não estava tensa como na primeira entrevista realizada com Leonardo.

De maneira geral, a partir destas duas entrevistas, os temas que mais surgiram foram: a convivência familiar, o emprego, o salário justo, os filhos. Ou seja, eles querem ter uma vida comum como qualquer cidadão: trabalhar, cuidar dos filhos, ter uma companheira, ter dinheiro para sustentar a família, etc.

Percebo, nesses temas citados pelos entrevistados, os princípios da Educação Ambiental como, por exemplo: cidadania, solidariedade, dignidade, justiça social, comunhão entre as pessoas e outros.

Algo me chamou bastante atenção no decorrer do encontro, o qual considero importante revelar a fim de um aprofundamento maior nas questões que se mostram

---

<sup>5</sup> Entrevistado preso por tráfico de drogas, reincidente, idade por volta dos 35 anos, casado, com filhos.

ocultas apenas com a gravação da entrevista, e que merecem o parecer de quem observa e registra o observado.

Percebi que, quando perguntei ao entrevistado João *Quais são as tuas lembranças mais felizes?* O mesmo que anteriormente mostrava-se desinibido, falante, parecendo à vontade, não conseguiu responder à pergunta devido ao momento de emoção que a mesma suscitou. Provavelmente tenha lembrado da família e aquela lembrança trouxe-lhe emoção, saudades.

Perante este fato, não quis constrangê-lo, nem impossibilitar a situação de entrevista, obrigando a falar algo que de certa forma o incomodava ou constrangia. Deixei-o bem à vontade para responder se quisesse ou não! Ele optou por mudar a pergunta, com os olhos cheios d'água.

Conforme esta situação apresentada, penso que o pesquisador deve ter sensibilidade ao entrar em contato com os participantes da pesquisa. Não deve adotar uma postura arrogante entendendo que possui o conhecimento científico, verdadeiro e que é o intelectual. Deve sim entender os momentos desafiadores e tentar aproveitá-los com o máximo de dados e interpretações possíveis.

Nesta ocasião, o tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semi-estruturada, a qual define com antecedência as questões a serem feitas ao entrevistado, mas não é limitadora, fornece ao pesquisador um espaço para intervenções e conversa para que dúvidas sejam esclarecidas e questões aprofundadas, quando necessário.

Neste tipo de entrevista, “(...) o entrevistador tem uma participação bem mais ativa em relação à entrevista não-diretiva, embora ele deva observar um roteiro mais ou menos preciso e ordenado de questões”..(COLOGNESE, 1998, p. 144)

A prova está que, quando o entrevistado não quis responder à pergunta feita, foi respeitada sua posição, mas sem considerá-la como perdida, pois a minha sensibilidade em perceber o sentimento que suscitou aquele momento, deve ser analisada também como um dado empírico passível de interpretação. Essa é a liberdade que este tipo de entrevista permite

As argumentações com as quais trabalhei para defender o conceito de entrevista utilizado, e pelo qual optei num primeiro momento da minha proposta de pesquisa, direcionam e sustentam ao que se tem discutido hoje como pesquisa qualitativa. A pesquisa

qualitativa direciona-se a aspectos qualitativos da realidade, daquilo que não pode ser apenas quantificável, e que carece de interpretação.

Minayo (1994, p. 22) argumenta que “(...) a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

E é por este aspecto de *aprofundamento dos significados das ações* que optei pela abordagem qualitativa de pesquisa, pois não pretendo analisar dados quantificáveis, embora pudesse, sem descaracterizar a pesquisa qualitativa, e sim perceber/investigar/problematizar os sonhos dos presidiários da PERG, articulando-os com os princípios da Educação Ambiental.

A minha pesquisa situa-se dentro da abordagem qualitativa e ainda com alguns princípios da pesquisa-ação. Ou seja, além de entrevistar alguns presidiários num primeiro momento, posteriormente realizei encontros presenciais com um grupo de presidiárias. Explicitarei com detalhes como aconteceram estes encontros num próximo momento deste trabalho.

Interessa-me agora situar a pesquisa nos princípios da pesquisa-ação, aquela em que o pesquisador assume um contato mais direto com os participantes da pesquisa, não na tentativa de simplesmente colher alguns dados, mas sim na busca de uma relação mais intensa, profunda e presente com os sujeitos, com vistas à transformação, nem que seja a transformação dos conceitos e sentimentos do próprio pesquisador.

Assim, com a opção pela abordagem de pesquisa qualitativa, não poderia quantificar as imagens de sonhos, felicidade, liberdade dos presos, mas sim interpretar esses fenômenos, fazendo uma articulação com o que atualmente tem se discutido por Educação Ambiental, que visa à discussão da realidade social e da crise sócio-ambiental na qual estamos inseridos, propondo alternativas para o enfrentamento da mesma. Obviamente não entendendo a Educação Ambiental de forma salvacionista, mas como uma possibilidade de reflexão e intervenção na realidade.

Neste sentido, é possível pensar também as limitações da Educação Ambiental quanto ao que se refere a pensar os excluídos sociais, mais propriamente, os presos. Como é que esta área do conhecimento humano pode discutir e buscar alternativas para se (re)pensar a causa dos presidiários de forma menos excludente e preconceituosa, percebendo-os não como um número de processo penal, mas sim como pessoas sonhadoras

e utópicas, que continuam a sonhar independentemente da situação na qual forem inseridas.

Com relação à metodologia de análise de dados da pesquisa, pensava anteriormente em utilizar Bardin como referencial. Com o passar do tempo, a idéia de continuar entrevistando alguns presidiários foi deixada de lado. Assim também optei por outra metodologia de análise de dados. Passei então a adotar a metodologia de análise textual qualitativa, criada por Roque Moraes, já que havia estudado por um semestre, no Mestrado, esta metodologia, em uma disciplina ministrada pela professora Maria do Carmo.

Esta metodologia de análise de dados é muito interessante, pois partimos de um caos de informações (são muitos dados no início do processo), e vamos afunilando conforme nossas intenções de pesquisa, até o momento em que decidimos o que queremos aprofundar. No caso desta pesquisa, as categorias foram criadas *a priori*, não por mim, mas pelo grupo de participantes, algumas presidiárias.

O grupo de participantes da pesquisa foi constituído por um número de presas da Penitenciária Estadual de Rio Grande. Assim, deveria realizar encontros semanais com elas, não querendo programar estes encontros de forma hierárquica, ou seja, por mim. Queria que elas dissessem o que gostariam de trabalhar dentro daquilo que eu propunha como pesquisa. Assim, estes encontros foram permeados pelas discussões e temas anteriormente eleitos.

Após o acontecimento dos encontros semanais, fui relatando, interpretando e analisando o que as presas falavam, quais dados empíricos elas traziam para serem refletidos de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nessa metodologia de análise de dados, Roque Moraes defende algumas etapas essenciais do processo. São elas: a unitarização, a categorização e o novo emergente. A seguir serão explicitadas todas estas etapas do processo de análise.

### **3.1 O Processo de unitarização**

O processo de unitarização, concebido dentro da teoria de análise textual, é entendido como o primeiro passo metodológico dessa metodologia de análise de dados.

Na unitarização obtemos textos confusos, pois os desconstruímos conforme as unidades de significado. A desmontagem do texto torna o processo de compreensão inicialmente muito complexo, quase que ininteligível.

A unitarização é a parte mais cansativa da análise. É quando temos a totalidade dos dados e precisamos fragmentar o texto de acordo com unidades de significado.

Nesta etapa da análise, sugere-se que os fragmentos dos textos sejam retirados com significação, ou seja, não se pode simplesmente extrair um fragmento sem dar-lhe o mínimo de compreensão possível.

É necessário para que aconteça o processo de impregnação do material coletado e a partir daí o pesquisador irá selecionar o que deve analisar, já que não poderá analisar o texto todo.

A análise textual começa a partir da desmontagem do texto. É aquilo que chamamos de unitarização, em que o pesquisador desmonta o texto original, e o classifica por ordem de significado/sentido, por unidades de análise.

A partir desse momento, são montadas as unidades de análise ou unidades de significados, em que existem várias partes do texto separadas por significado lingüístico. Esses fragmentos, retirados do texto, com significado, é o que podemos chamar de fragmentos dos textos com significação.

Moraes (2004) ainda diria que *a definição da unidade de análise depende dos objetivos da pesquisa, do objeto da investigação*. Isso significa dizer que o pesquisador não fragmentará todos os enunciados e fragmentos encontrados a sua frente. Essa explanação pretende esclarecer que as unidades serão fragmentadas conforme as intenções do pesquisador, consoante aquilo que ele pretende investigar.

Nessa metodologia é imprescindível manter certos cuidados, pois a divisão traz em seu cerne a perda de algumas informações. Na análise textual qualitativa não podemos esquecer do todo, pois é no todo que está o significado maior daquilo que se apresenta textualmente.

### **3.2 O Processo de categorização**

A categorização, no processo metodológico de análise textual, nada mais é do que um processo de classificação. Roque Moraes (2004) diria que:

(...) ao examinar-se aqui o processo da classificação, a categorização é apresentada como reunir o que é comum, encaminhando também o significado de codificações (...) a categorização é um processo cíclico de permanente reconstrução, processo no qual também as regras de classificação são construídas e aperfeiçoadas ao longo da pesquisa.

Genericamente falando, categorizar significa dizer que algumas coisas (ou unidades) serão reunidas conforme grau de similaridade (ou significados em comum).

É possível dizer que qualquer pessoa, independente de sua atividade ou profissão, faz a atividade de categorização diariamente. Por exemplo, uma cozinheira, ao separar na geladeira o lugar das frutas, dos legumes, dos laticínios etc., estará fazendo um tipo de categorização, unindo aqueles alimentos que são similares, e separando-os por grupo / classe.

A comparação tenta simplificar o procedimento de categorização na pesquisa. Após a unitarização, onde se separam todas as unidades de significados, agrupa-se aquilo que é em comum, formando categorias. Essas categorias irão estabelecer relações entre as unidades de significados.

É plausível esclarecer que, após a unitarização, quando acontece a categorização dos dados da pesquisa, a compreensão do todo começa a se tornar um procedimento mais fácil e inteligível, pois já há uma definição das categorias e fica expresso o que se deseja aprofundar realmente.

### **3.3 Como se dá o processo de categorização**

Tecnicamente falando, o processo de categorização acontece da seguinte forma: primeiro, ao se deparar com qualquer dado escrito (seja entrevista transcrita, questionário, documento oficial, reportagem de revista, jornal etc.), o pesquisador deve unitarizar as unidades de significados, conforme explicito na discussão deste texto sobre a unitarização; segundo, após essa separação em unidades com significação, o pesquisador deve agrupar os termos semelhantes e construir categorias, através da codificação que assim lhe couber.

Assim, essas categorias codificadas e agrupadas conforme graus de similaridade devem fazer parte do novo que surgirá a partir de algo que já foi dado, mas com um novo olhar.

Alguns teóricos, como Moraes, acreditam que existem vários processos de categorização. São elas: categorias criadas *a priori*, as criadas *a posteriori* e ainda um processo misto de categorização, onde a análise não acontece nem *a priori* e nem *a posteriori*, e sim das duas formas ao mesmo tempo.

As categorias criadas *a priori* surgem a partir daquilo que já se sabe. Ou seja, o processo de teorização já está predestinado por uma linha de raciocínio de onde se quer partir e chegar.

As categorias criadas *a posteriori* surgem após o processo de categorização, a partir daquilo que não se espera, daquilo que é inesperado pelo pesquisador.

Já o processo que entende a categorização de forma mista, percebe que o pesquisador não se encontra neutro na pesquisa, por mais objetivo e imparcial que deseje ser. Ele já tem uma bagagem mínima, tanto teórica quanto metodológica, e cria o seu processo de categorização, acreditando em algumas teorias, descartando outras que não se encaixam com sua linha de pesquisa, mas deixando sempre uma brecha para o novo emergente que pode surgir a partir do processo, o qual inova o estudo científico.

Particularmente, acredito que o processo misto é o mais coerente, pois não nos constituímos como uma tábula rasa que deve ser preenchida. Desde nosso nascimento somos preenchidos por valores e crenças. Nascemos em uma determinada localidade, a qual possui uma cultura, uma ideologia, um sistema religioso predominante etc. Isso quer dizer que desde crianças acreditamos em algumas coisas e dispensamos outras, pelo menos até determinado momento. Assim, temos teorias implícitas antes do início de uma pesquisa e, ao pesquisar e nos impregnar com o que se estuda, vamos nos aperfeiçoando enquanto pesquisadores(as).

A minha pesquisa teve este caráter misto, com categorias criadas *a priori* e outras *a posteriori*. As categorias criadas *a priori* são aquelas que não foram criadas por mim, mas pelas participantes da pesquisa, pois antes de iniciar a segunda etapa da coleta de dados, os encontros semanais com as presas, questioneei o que elas gostariam de trabalhar durante nossos encontros, sem perder de vista, é claro, os meus objetivos de pesquisa.

Estes temas levantados por elas fizeram parte das categorias gerais, de ordem mais ampla. Logicamente, a análise não ficou simplesmente na explanação destes temas. Fui criando subcategorias para entender de forma complexa os temas mais genéricos. Posso dizer que estas subcategorias são as categorias criadas *a posteriori*, e neste processo de

categorias criadas *a priori* e *a posteriori*, surgiu a categorização de forma mista, que deu margem ou possibilidade ao *novo emergente*.

### 3.4 O novo emergente

O novo emergente é entendido como a nova ordem que será atribuída ao trabalho de pesquisa. Através dos argumentos aglutinadores e sendo fiel às emergências da realidade, irá se constituindo o novo texto, o novo significado de um processo de pesquisa.

Neste momento, é quando os *insights* começam a se manifestar de uma maneira mais lúcida ao pesquisador, afinal anteriormente o mesmo via-se submerso em um caos de dados, significantes e significados, tentando categorizá-los.

Quando conseguimos visualizar as categorias emergentes da coleta de dados, a sensação é de que o caos está se organizando, como se algumas repostas para o problema de pesquisa fossem se apresentando.

A subjetividade começa a identificar-se neste novo espaço de idéias e auto-organização. A compreensão do fenômeno começa a ficar mais clara e aprofundada, e o diálogo com os autores torna-se imprescindível com esta metodologia coerente, que busca a qualidade nas informações ao invés de dados simplesmente quantitativos, que buscam uma expressão numérica. Esta metodologia vai além de um esclarecimento numérico. Parte para a interpretação dos fenômenos da realidade de forma qualitativa, avaliando a propriedade dos fenômenos da realidade.

Resumindo, neste trabalho foi assim que foi acontecendo a questão metodológica, ou seja, após a primeira etapa do processo, as entrevistas, que foram analisadas de forma piloto, fui realizar encontros com as presas. Estes encontros foram relatados, interpretados e analisados todos os dias ao chegar em casa depois de sair do presídio.

Após fazer todos os relatos, já com algumas interpretações, fiz a unitarização e a categorização dos dados empíricos. Em seguida, após verificar que alguns temas precisavam de mais aprofundamento, voltei aos relatos dos encontros e aprofundei questões que, no meu entendimento, mereciam de um trabalho de maior significação.

Penso que esta etapa da pesquisa, a metodologia, está sempre presente no decorrer do caminho, pois ao escrever os capítulos ia articulando os pensamentos teóricos com a

minha experiência no presídio com as(os) detentas(os). E um dos momentos desta experiência foi a aplicação de entrevistas-piloto, que será explorado a seguir.

#### **4. REFAZENDO CAMINHOS**

Para tentar compreender a minha trajetória, retomei o trabalho realizado na graduação, na tentativa de aprofundar o tema, que agora no Mestrado, seria outro. Então resolvi consultar aquelas pessoas que tinham sido meus sujeitos de pesquisa durante a graduação, para fazer as minhas entrevistas, as quais chamarei de entrevista-piloto. Esta

busca parte da minha hipótese de que este contato inicial permitiria que a minha compreensão sobre os sonhos de um presidiário ficasse mais clara.

Nem todas aquelas pessoas que fizeram parte da minha pesquisa no momento da graduação participaram deste momento no Mestrado. Algumas já tinham sido soltas, outras estavam só indo para a Penitenciária para dormir, e uma delas recusou-se a participar da entrevista. Sendo assim, entrevistei dois homens que se dispuseram, como no outro momento, a colaborar com a minha pesquisa.

As entrevistas, que fiz num primeiro momento da coleta de dados, foram realizadas com dois detentos. Os entrevistados serão chamados de Leonardo e João, para que seus nomes e identidade sejam preservados.

Sobre as entrevistas feitas com Leonardo e João é possível notar, nas questões de número 1 e 2, quando perguntados sobre o crime que cometeram, relataram que a dificuldade financeira é a causa que mais leva as pessoas a cometer atos ilícitos. Frente a uma realidade de desemprego, o roubo e o tráfico de droga é algo que aparece como um indicador marcante nas internações prisionais, pois são maneiras de se conseguir dinheiro.

Freire (1996, p. 147) frente a esta realidade atual de desemprego argumenta que:

(...) O desemprego no mundo não é, como disse e tenho repetido, uma fatalidade. É antes o resultado de uma globalização da economia e de avanços tecnológicos a que vem faltando o dever ser de uma ética realmente a serviço do ser humano e não do lucro e da gulodice irrefreada das minorias que comandam o mundo.

Muitas vezes os presidiários cometem estes tipos de crimes (tráfico de drogas e roubo) a fim de conseguirem dinheiro fácil para sustentarem sua família, comprarem remédios, e utensílios para sobrevivência.

Como diz Leonardo a respeito do porquê ter cometido tal crime (roubo), a resposta foi a seguinte:

(...) dificuldade financeira querer proporcionar à família o mesmo padrão de muitos aí da classe média, até mesmo uma classe baixa, mas o básico que toda a família precisa para viver né, porque eu acredito que, com o salário mínimo, ninguém ninguém vive...E o que me levou foi isso aí, dificuldade financeira (...)

Ainda argumenta que não se considera um criminoso, embora esteja com essa marca, diz que é um cidadão honesto, incapaz de fazer mal a alguma pessoa.

Nesses trechos revelam-se as condições sociais atuais. É mostrada a exclusão de muitas pessoas na nossa sociedade, que encontram no tráfico ou no roubo a possibilidade de dar uma vida digna para sua família, com alimentos, vestuário, educação etc.

Na questão de número 3, questionados sobre como era a vida dentro de uma prisão, um dos entrevistados (João) mostra a sua resignação quanto à condição de estar preso. Ele diz: “*Eu tenho que viver assim*”. Diz que o tempo é parado e o tempo vai passando, e realmente o tempo ocioso denota o quanto é fácil de eles fixarem os acontecimentos excepcionais. Afirmando isto porque em 2002, quando tive o primeiro contato com a prisão, fiz entrevistas semi-estruturadas com alguns presidiários da PERG.

Quando em 2004 voltei à prisão e fiz entrevistas qualitativas do tipo abertas, aos mesmos presidiários, um deles disse que lembrava de mim do primeiro ano em que estive lá. Então passaram-se dois anos e ele lembrava de mim com bastante veracidade. Esta questão pode ser analisada da seguinte forma: tanto pode ser entendida como o preso ser portador de uma memória boa, como pode-se entender (que é o que acredito) que os presidiários, devido ao tempo ocioso na Penitenciária, acabam lembrando muito bem dos acontecimentos diferentes aos quais são submetidos.

Outra interpretação pertinente para analisar esta questão é que os presidiários vivem de lembranças. O exercício da memória é muito importante para eles ao serem enclausurados como condição primeira para se viver. As lembranças da família, da infância aparecem bastante nas entrevistas realizadas. Elas os mantêm vivos e esperançosos. Ao viver de memórias e sonhos, o sujeito contamina suas memórias com seu sonho de liberdade.

O outro presidiário (Leonardo) alega que a vida na prisão não é boa e também se mostra resignado, como o colega João. Diz que as pessoas que habitam a prisão têm *a mente poluída*, pensam coisas ruins, trancafiadas naquele ambiente de reclusão social. Ou seja, a prisão da maneira como está estruturada faz o preso sentir-se inferior, cerca essas pessoas por pensamentos negativos e inferiores.

Neste caso há uma ambigüidade. Ao mesmo tempo em que o sonho é possível e vital no presídio, esse espaço institucional influencia as pessoas com pensamentos negativos. Os presos sentem a poluição mental que habita os seus pares nesse ambiente de reclusão. A necessidade do sonho aí também se apresenta enquanto possibilidade de

despoluir as mentes dos maus pensamentos, enquanto possibilidade de negação aos pensamentos contrários a condição de vida, de existência humana sadia e feliz.

Este mesmo entrevistado, quando revela que *a vida do crime é horrível*, faz perceber que ele não gostaria de estar lá, e sim em liberdade, pois a única coisa “errada” que faz e na verdade não considera tão “errada” assim, é a questão do tráfico, pois ele se analisa como um comerciante qualquer, alguém que está vendendo a sua mercadoria sem obrigar ninguém a nada. E se formos analisar de forma geral, vive-se em uma sociedade de mercado, a qual admite a livre concorrência. Não seria uma hipocrisia social prender o traficante, já que a grande máfia internacional continua impune? Essa é uma questão que deve ser refletida com cautela, para não se fazer julgamentos vazios e cair no senso comum.

Na questão número 4, quando questionados a respeito dos momentos de alegrias, foi unânime nestas entrevistas-piloto a argumentação positiva quanto à visita das famílias aos presidiários.

Eles consideram raros esses momentos de felicidade, ou seja, são aqueles momentos difíceis de acontecer e quando acontecem tornam-se muito especiais. Talvez estes sujeitos não teriam o mesmo sentimento quando estavam em casa com suas famílias. Hoje consideram raros esses momentos de felicidade, pois eles acontecem esporadicamente e com um tempo cronometrado. Diz um dos entrevistados, com relação aos momentos em que a família vai embora para a casa: “(...) na hora que eles vão embora, meu prazer de tá ... se transforma numa decepção(...) eu não vi o meu filho em casa ainda, ele me chama de pai, outras horas pelo meu nome, não sei o que ele pensa de um pai que ele nunca viu em casa(...)” (Leonardo).

Neste caso, percebe-se a raridade dos momentos, que antes eram comuns e passam a ser diferentes e mais valorizados agora, com a prisão. Eles se sentem inferiores por não poderem fazer nada pela família, por não serem mais os “donos da casa”. Isso fere o psicológico, porque antes eram eles que batalhavam pelo sustento da família, agora isso se torna mais difícil.

Os momentos de alegrias entre os presos estão geralmente presentes quando as famílias vêm visitá-los. Fora esses momentos, a alegria é algo incomum. Pode acontecer num jogo de futebol, num jogo esportivo, mas são só algumas risadas. Confiança e amizade verdadeira não existe dentro de uma penitenciária, segundo os entrevistados.

Na questão de número 5, foi perguntado aos entrevistados como era o seu relacionamento com os demais presos. Eles responderam que o relacionamento é bom, não têm muitos inimigos, mas não existe intimidade para se fazer uma amizade em um lugar como a prisão.

Quando questionados (questão 6) sobre o relacionamento com os funcionários do presídio, os entrevistados argumentaram que mantêm um relacionamento bom com os funcionários, são respeitados e respeitam da mesma forma. Um deles (João) acredita que até mesmo os guardas “puxam uma cadeia”, na medida em que estão igualmente na prisão; a única diferença é que eles têm alguns privilégios, do tipo ir para casa.

Na questão 7, quando perguntados se a família vem visitá-los, eles responderam que sim. Um dos entrevistados –Leonardo - lembrou da mãe e da madrinha (que considerava como mãe também), e ficou emocionado. O fato de estar preso não lhe possibilitou ir ao enterro da mãe biológica, o que o deixa um tanto quanto magoado. A presença da família é a questão que mais os aproximam do seu mundo, de suas origens, sonhos e lembranças.

Em Bachelard, (1993, p.49) existe a seguinte reflexão: “(...) como imagens tão raras na vida têm tal poder sobre a imaginação?” Então é possível perceber que esses momentos raros dos presos com as famílias tornam-se demasiadamente preciosos. No lugar do habitual (que era a convivência em casa), a família teve seu sentimento de amor e proteção elevado a uma categoria muito superior, onde agora é o centro da vida de um presidiário, o lugar onde este ser deposita suas esperanças de futuro, seus sonhos de liberdade.

Na questão 8, quando questionados sobre o preconceito, um dos entrevistados (Leonardo) acha que não sofre, nem sofreu preconceito. Já o outro (João) diz que, quando estava em liberdade (entre uma pena e outra), voltou a trabalhar com o ex-patrão e este, após onze meses de trabalho, arrumou algumas desculpas para colocar o referido funcionário na rua. O tratamento dentro da prisão é de igual para igual, pois são todos pares. Fora da prisão é que começa o preconceito, como neste caso citado.

Na questão 9, quando perguntados sobre a possibilidade de uma perspectiva de futuro, eles responderam que sonham com um futuro melhor. Um deles (Leonardo) relatou que é um sonhador nato. Tem sempre a esperança de um futuro melhor. O outro (João) disse que tem expectativas no sentido de arrumar um trabalho, que foi orientado pela família de outro preso.

A esperança e o sonho mostram-se presentes no cotidiano de um presidiário. Certamente, se o sonho não estivesse presente em suas vidas, já estariam mortos psicologicamente, pois é o sonho de uma vida melhor, mais digna, feliz, que move as pessoas na busca de um mundo melhor para si e para seus pares. Freire já dizia, em suas diversas obras, que a vontade de *ser mais* é inerente ao ser humano, isto é ontológico ao homem. A capacidade de sonhar e esperar é que nos torna vivos dia após dia neste mundo perverso com tanta poluição interna e externa.

Neste sentido, Bachelard, (1993, p.39), em outras palavras, diria que o devaneio concentra valores, valores que reinventam a vida, o cotidiano. E é isso que os entrevistados fazem muitas vezes. Alimentam suas lembranças, renovam a esperança para o dia em que não precisarem mais estar presos.

Quando questionados se é possível sonhar na prisão, os entrevistados responderam que sim. Um deles (João) respondeu algo muito interessante, dizendo que a possibilidade de pesadelo é maior, ou seja, a possibilidade de viver um sonho ruim, mau, é maior que a de vivenciar algo bom, benéfico.

Mas ambos igualmente sonham em voltar a ter uma vida *normal*, ou seja, em liberdade física, trabalhar, sustentar a família, ver os filhos crescerem, construir um patrimônio, etc. Um deles (Leonardo) não pensa em largar o tráfico de droga para sobreviver, mesmo que isso o faça voltar para a prisão. É a maneira pela qual adquire o sustento próprio e da família, e não pensa em ter outra “profissão” a não ser essa, pois acredita que, em uma empresa convencional, trabalhando formalmente, iria sofrer preconceito.

Na 11ª questão, onde perguntados se acham que a penitenciária é capaz de ressocializar a pessoa para voltar à sociedade, os entrevistados divergem em suas opiniões, o que me causa certo estranhamento, pois acreditava que todos pensassem como eu, ainda mais um preso que vive tal realidade.

Penso que a penitenciária, da forma como está estruturada, não é capaz de ressocializar ninguém. A prova está no índice de reincidência e nas complicações sociais, pois muitas vezes o preso não é conduzido e acompanhado pela penitenciária até a sua soltura. Ele é simplesmente “jogado” de volta à sociedade, muitas vezes, sem nenhum acompanhamento jurídico ou psicológico.

Sabe-se que existem o preconceito, a discriminação. Como esse preso irá arrumar emprego ao sair da prisão, frente à realidade de desemprego na qual vivemos? Realmente, é muito difícil, e é por tantos desafios que essa pessoa deverá passar que acaba voltando a roubar ou traficar para sobreviver.

Neste sentido, o entrevistado João acredita que a penitenciária serve sim para a ressocialização do apenado, no sentido dele tornar-se alguém aquém da sociedade, um ser que, retirado do convívio social normal, vai esperar o tempo passar em um ambiente de reclusão para que pague por sua pena (é até mesmo uma lógica quantitativa, pois quanto mais grave o crime, maior a pena). Esse apenado acredita que, a partir do momento em que o cidadão livre passa a ser preso, ele irá se arrepender do que fez devido às restrições às quais será exposto.

Já o outro entrevistado (Leonardo), diz que não acredita que a cadeia está servindo para a ressocialização dos presos, prova disto está no crescente número de reincidência. Esse fato real o convence de que o sistema prisional é um setor falido, falho e incompetente.

O fato é que, tendo ou não a capacidade de ressocializar, ela (a prisão) ainda não acaba com a essência do homem, que é sua vocação ontológica, a sua possibilidade de sonhar. Ou seja, o presídio não extingue a necessidade básica do homem, que é a capacidade de sonhar, pois se a esperança for perdida a vida não terá mais sentido.

Na pergunta de número 12, os entrevistados responderam que a cadeia deixa algumas marcas, sim, principalmente com relação a não poder acompanhar o crescimento dos filhos, o convívio com a esposa e a família. Essa é a maior marca que a prisão pode deixar, ou seja, não é só a reclusão física, mas também a reclusão social e afetiva, isto é, estar longe dos entes queridos, dos familiares é a maior marca deixada pela instituição penal.

Na 13ª questão, o entrevistado Leonardo diz que não concorda com o sistema penitenciário assim como está. Diz que a superlotação é grande e que, quanto mais os anos vão passando, mais aumenta o número de presos. Até mesmo questiona: “(...) em 2010 quantos serão?”. Ainda não consegue visualizar uma solução ou alternativa para o sistema. Faz menção até mesmo à pena de morte, que talvez seja uma medida adotada pelo Brasil daqui a alguns anos, se o problema da superlotação continuar desenfreado. Quando

perguntado se concorda com esta situação, ele diz que não concorda, mas que tem que aceitar.

Neste caso, há um deslocamento da questão, pois o preso não é o principal responsável pela criminalidade. Pode-se matá-lo e certamente o problema continuará a existir.

Ainda nesta questão, o entrevistado João apresenta uma resposta resignada com a questão carcerária, pois pensa que as prisões e os castigos sempre existiram e como tal vão continuar existindo.

As lembranças mais felizes que trazem, conforme questão número 14, são de fora do ambiente prisional. Eles lembram da infância, da família, e não consideram que lembranças boas sejam construídas dentro da prisão. Aqui é presente e marcante a importância da memória. Como já foi exposto, eles cultivam a memória e as lembranças para continuar reinventando a vida.

Na questão 15, só foi conseguido transcrever uma entrevista, pois a outra foi danificada pelo barulho que existia na PERG, quando o preso era entrevistado, e não foi possível compreender o que ele falava. Mas o depoimento deste entrevistado foi bem emocionante, pois ele fala das pequenas coisas, dos momentos únicos que teve, quando estava solto e a que não deu valor.

Ele cita o caso de alguns empresários também, que passam a vida inteira atrás de dinheiro, trabalhando e esquecem dos filhos, vêem os filhos só a noite e às vezes aos finais de semana, e não convivem com seus próprios descendentes. É bem marcante essa passagem na entrevista, pois parece que só quando o ser humano perde as coisas que lhe fazem bem (nesse caso a liberdade e o convívio familiar), ele passa a dar o verdadeiro valor que aquele momento tem. Então é preciso reinventar esses momentos, que agora são raros e fazer com que eles pareçam eternos, que sejam vividos intensamente. Como afirma Bachelard (1993), para o sonhador não existe passado, presente e futuro, os acontecimentos devem ser vividos no espaço do aqui e do agora.

Na 16ª pergunta, quando questionados sobre o que entendiam por felicidade, e se eram felizes na prisão, eles responderam que a felicidade está extremamente atrelada ao convívio familiar. E elencam três concepções de felicidade: a primeira é uma visão negativa de felicidade, argumentando que na cadeia não existe felicidade.

Após apresentam uma categoria de felicidade plena, dizendo que estar ao lado da família em liberdade é o mesmo que ser feliz em sua plenitude.

E a terceira categorização de felicidade é o conceito de que felicidade são momentos felizes. Não existe felicidade eterna. E as pessoas (independente da situação em que se encontrem) vivenciam momentos felizes, de prazer e de alegrias.

Após esta primeira etapa metodológica, buscando dados para a realização da pesquisa, discorrerei em seguida sobre o segundo momento metodológico: os encontros temáticos com algumas detentas.

## **5. CRIANDO UMA NOVA METODOLOGIA**

Numa primeira parte da minha coleta de dados, decidi realizar entrevistas. Estas já foram relatadas e discutidas. Estas entrevistas aconteceram antes da qualificação do meu projeto de pesquisa, pois pensava que já deveria ter alguns dados neste momento.

A qualificação do projeto de pesquisa é um momento anterior à defesa. Na verdade seria uma pré-defesa, em que o mestrando e a banca de professores reúnem-se para discutir o trabalho de pesquisa.

A qualificação do projeto de pesquisa foi algo que considero de grande valia para o amadurecimento da minha dissertação, da proposta de pesquisa que desenvolvo e para a minha pessoa.

Digo isto, pois lembro que, no dia 30 de junho de 2005, eu, professor Victor Hugo/Orientador, Professor Humberto Calloni/FURG e Professor Gomercindo/UFPEL, nos reunimos na sala do Laboratório de Informática, do Mestrado em Educação Ambiental, (MEA), para discutir este trabalho. Além das pessoas presentes neste momento, a Professora Maria Ângela/FURG também havia sido convidada, mas como não pode se fazer presente, enviou seu parecer descritivo.

Esta data foi muito marcante para mim, pois pude perceber que meu trabalho propunha-se a algo novo, inusitado, e que a banca considerava de muita validade social, mas o que eu escrevia, segundo os professores, ainda deveria ser aprimorado.

Eu também tinha esta impressão, mas segundo as datas que a CAPES nos impõe, deveria qualificar meu projeto logo, para ter ainda bastante tempo até a defesa da dissertação. Nem sempre esses prazos impostos são os nossos prazos, no que diz respeito ao amadurecimento da proposta de pesquisa.

Foi difícil receber aquela crítica da banca, por mais construtiva que fosse e por mais que eu tenha percebido que aquelas pessoas só estavam falando aquelas coisas para o bom andamento do meu trabalho. Mas como sempre fui acostumada a corresponder às expectativas dos meus professores, desde a primeira série, doeu muito receber algumas críticas feitas pela banca, embora lembre que foram realizadas com muito cuidado e sinceridade.

Hoje vejo que, se não tivesse recebido aquelas críticas, não teria avançado na compreensão da minha pesquisa, no trabalho social que desenvolvo na PERG. Se tivesse estagnado naquela proposta inicial de se fazer pesquisa, entendendo que a atividade de investigação é apenas validação de um conhecimento, não teria compreendido o que tanto o professor Victor Hugo lutou para que eu compreendesse, ou seja, que fazer pesquisa não é descrever e sim criar, criar para transformar.

Era muito descritiva naquele momento da qualificação, até perceber o quanto era. Considerava que, fazer o diário de campo, era descrever o que os meus sentidos percebiam ao chegar ao local de pesquisa. Puro equívoco da minha parte.

Hoje entendo que fazer pesquisa é criar, é desenvolver conhecimento a partir do que a comunidade investigada pretende, necessita. O pesquisador, na minha visão atual, é a pessoa que não só vai até o grupo, a comunidade, coletar dados. Ele vai para a comunidade com fins de pesquisa obviamente, e esse referencial não deve ser perdido de vista; mas, além disso, deve deixar algo para aquela comunidade, pois as pessoas não podem ser tratadas como ratos de laboratório; os participantes da pesquisa não são descartáveis.

Em minha opinião, eu deixei um pouco de mim para os(as) presos(as) da PERG, assim como levei um pouco deles(as) para casa, para a minha vida e esta experiência marcará a minha história para sempre. Mudei muito as minhas impressões sobre as pessoas que estão presas, e sempre que há alguma discussão entre amigos ou familiares, intervenho

contando a minha vivência, problematizando alguns estereótipos que o senso comum produz.

Sobre os estereótipos sou capaz de citar algo que me deixou bastante pensativa no decorrer do Mestrado. Quero dizer que, em um seminário promovido por um grupo de pesquisa da FURG, uma aluna, que apresentou seu trabalho sobre a eutanásia, falava da dificuldade de se trabalhar com essa possibilidade, devido à maneira com que as pessoas em geral encaram a morte. Não a encaram como um processo da vida, mas muitas vezes como algo extraordinário.

Nesse dia em que essa aluna apresentava seu trabalho, passei a refletir sobre a seguinte tese: num país em que se discute e até se defende a pena de morte aos presidiários, como meu pai às vezes argumenta, tem-se tantos preconceitos com a eutanásia, ou seja, o desligamento dos aparelhos que mantém uma pessoa viva em estado terminal.

Certamente, o senso comum produz o entendimento de que uma pessoa condenada pode e até deve ser morta, para não superlotar mais as penitenciárias e também porque seria um ladrão, um assassino a menos no mundo. A partir dessa idéia, penso: Que referencial nós utilizamos para julgar quem deve e quem não deve morrer? Certamente, comparamos a vida das outras pessoas às nossas, e isto nos dá a aparente sensação de estarmos sendo justos.

Assim, fiquei pensando sobre como são as hipocrisias humanas, como é que podemos julgar quem merece e quem não merece ser morto, a partir de que referencial se chega a esta conclusão.

Meu pai é uma pessoa com quem discuto muito sobre a minha pesquisa. Ele é um senhor com pouca escolaridade, mas tem uma sensibilidade e um conhecimento de mundo aguçado, o qual admiro muito. Mas ainda percebo certo ranço na fala dele, quando conversamos sobre este assunto.

Percebo que ele vem modificando sua maneira de pensar a partir das experiências que compartilhamos, mas no meio de muitas conversas ele se contradiz e alega que deveria existir a pena de morte no Brasil. Nestas horas, percebo o quanto é difícil sensibilizar o pensamento das pessoas, principalmente as pessoas mais velhas, que já enraizaram certos preconceitos. Também talvez por se acharem mais experientes, não aceitam o pensamento de alguém mais jovem, pois alegam que o jovem não tem experiência de vida.

Realmente, eu ainda não tenho a experiência que meu pai tem de vida. Nossas vivências são bem diferentes. O momento histórico em que ele nasceu foi diferente do meu. A criação que ele teve foi diferente da minha. A escolaridade que eu tive, a oportunidade de ter, foi diferente da dele. As filhas que ele teve, eu ainda não tive. O trabalho que ele desenvolveu por boa parte de sua vida é diferente do trabalho que estou começando a desenvolver. Enfim, as experiências são diferentes, mas isto não quer dizer que ele sempre saiba mais do que eu sobre tudo. Obviamente existem coisas que ele conhece melhor que eu, mas também há outras coisas que eu conheço melhor que ele. Então, a relação não é de hierarquia, mas sim de complementaridade.

Percebo que o pensamento do meu pai é difícil de modificar, embora certamente eu o deixe balançado, quando falo da minha atividade de pesquisa na Penitenciária. Mas o pensamento dos meus futuros alunos não será tão difícil assim de trabalhar, pois o professor é um formador de opinião, e como tal deve estar preparado para encaminhar as crianças e os jovens na sociedade.

Enfim, posso dizer que, após a qualificação do projeto de pesquisa, comecei a perceber algumas coisas que ainda não havia percebido. Comecei a sensibilizar-me mais frente à atividade de pesquisa, e passei a compreender que elaborar um diário de campo não era só descrever, mas ir além da descrição, colocar os sentimentos, as sensações, as intuições e os *insights* que o dia-a-dia da pesquisa proporcionava.

Durante a qualificação fui orientada pela banca que deveria me inserir mais na comunidade a ser investigada, a Penitenciária Estadual de Rio Grande. Lembro que o professor Gomercindo relatou que, em uma orientação com uma sua orientanda da UFPEL, a qual era diretora de escola e fazia sua pesquisa na própria escola, pediu-lhe para ir até seu local de trabalho em um domingo e ir relatando o que via e o que sentia ao ver a escola vazia, sua estrutura e sua organização.

Ele me falou que eu ainda tinha uma vantagem, comparando a minha história com a história de sua orientanda, pois eu não tinha nenhum parente preso e também não trabalhava na prisão, ou seja, não estava impregnada pelos vícios da instituição. Já esta diretora vivia a realidade da escola cotidianamente, e certamente estaria impregnada pelos vícios, afazeres, resistências e dificuldades daquele ambiente, que também era seu *locus* de pesquisa.

Quando o professor Gomercindo me deixou estas dicas, pensei que muito se ouve falar no estranhamento de pesquisa, ou seja, uma atividade em que o pesquisador deve se afastar um pouco de seu objeto, na tentativa de percebê-lo do lado de fora, olhando com estranheza.

Essa diretora de escola deveria realizar essa atividade, ao contrário de mim que, por não desenvolver nenhuma atividade na PERG, deveria inserir-me cada vez mais naquele ambiente, a fim de poder penetrar na estrutura prisional e principalmente nos sonhos dos presidiários.

Então não hesitei muito para realizar esta atividade exigida pela banca. Não tinha muito tempo para *rodeios* e deveria *colocar a mão na massa*, como se diz popularmente.

A gente resiste um pouco até engrenar no assunto. Dividi esta mesma angústia com outras pessoas. Mas quando nos colocamos de cabeça na investigação, na pesquisa, quando esta atividade começa a fazer sentido em nossas vidas, as coisas começam a fluir de forma tranqüila e gostosa.

Às vezes a vontade de escrever é tanta que tenho que parar um pouco, porque cansa a visão e tenho que esperar até a tela do computador tornar-se menos cansativa. Mas para que o assunto comece a engrenar, algo que demora um pouquinho até as idéias se organizarem, isto flui de maneira tranqüila.

Então era chegada a hora de fazer a minha intervenção na Penitenciária. Não deveria ficar somente naquelas duas entrevistas. Deveria sim ter uma inserção maior, mais profunda, que pudesse não só relatar os sonhos dos presos e suas relações com a Educação Ambiental, mas principalmente entender, compreender esses sonhos, além de deixar algo para aquelas pessoas, o tão famoso “retorno” à comunidade.

Neste sentido, como deveria realizar uma atividade de extensão, o estágio docência, que é uma determinação aos bolsistas da CAPES, decidi unir o útil ao agradável, ou seja, elaborei uma proposta de intervenção na PERG, com o objetivo de coletar os dados para a minha pesquisa e também seguir as determinações da CAPES.

O objetivo do estágio docência, como determinação da CAPES, dá-se na perspectiva da formação do docente-pesquisador, na tentativa da indissociação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, o famoso tripé que deve sustentar a universidade.

Como já havia realizado pesquisa na penitenciária, a questão do acesso não seria o grande problema, pois muitos funcionários já me conheciam. Mesmo assim, pedi à coordenadora do Mestrado, professora Susana Molon, um documento que pudesse viabilizar a minha entrada na penitenciária, esclarecendo a minha proposta de trabalho.

Sendo assim, entrei em contato com a psicóloga da PERG, a quem agradeço muito pelo acolhimento que sempre me é dado. Esclareci a ela as minhas intenções de pesquisa e ela gentilmente me encaminhou até a direção da Penitenciária, para que o setor administrativo tomasse conhecimento e autorizasse a minha entrada lá.

Então, conversei com o setor técnico da PERG (administrador, psicóloga, advogado, assistente social) e pedi autorização para a realização deste projeto. Fui muito bem recebida, pois as pessoas que trabalham nesse setor da instituição aparentemente mostram-se bem receptivas no que se refere à instauração de projetos educacionais e sociais na penitenciária.

Apenas tive uma restrição por parte da psicóloga do presídio: ela pediu para que eu desenvolvesse o projeto junto com as presas, pois a ala masculina estava passando por problemas de indisciplina, pois havia ocorrido uma tragédia na cidade: um agente penitenciário tinha sido assassinado numa festa tradicional de Rio Grande, mais precisamente num *show* de pagode promovido pela festa, e o autor do crime estava preso.

Não hesitei em questionar a situação imposta, pois o que eu desejava era desenvolver meu trabalho naquela instituição, independente se este grupo fosse formado por homens ou mulheres, afinal os sonhos<sup>6</sup> (referencial de estudo do trabalho) são presentes nas imagens de homens e mulheres, independente de gênero, raça, classe social.

As esperanças e as perspectivas de vida estão presentes nas imagens e imaginações de todos os seres humanos. Ousaria afirmar que o sonho é aquilo que nos caracteriza enquanto seres humanos e nos diferencia das outras espécies vivas.

Conforme a solicitação da psicóloga, propus-me a trabalhar com as mulheres encarceradas. Neste sentido, para selecionar o que trabalharia no estágio docência, ou seja, na coleta de dados da minha pesquisa, não almejava elaborar algo pronto, *a priori*. Então resolvi questionar as presas a respeito do que elas gostariam de trabalhar.

---

<sup>6</sup> Sonho, enquanto possibilidade de projetar um futuro, de esperar por uma vida e um mundo melhor. Sonho, enquanto imagens criadoras, que resignificam a vida, a existência.

No primeiro momento de coleta de dados, antes da qualificação do projeto de pesquisa, havia realizado entrevista com um roteiro previamente elaborado de perguntas abertas, a dois presos da PERG. Depois da qualificação do projeto, com a orientação da banca, de que eu deveria me inserir mais e melhor no local de pesquisa, pensei em não mais realizar entrevista, pois seria algo muito utilitarista da minha parte. Seria melhor propor encontros temáticos com as presas. Os temas elas escolheriam antes mesmo do início da proposta de estágio.

Ainda não sabia o que elas queriam, necessitavam, mas já tinha idéia inicial de trabalhar com temas geradores, ou seja, realizar encontros com as presas que se disponibilizassem a participar do projeto, a partir de temas que norteariam nosso trabalho e nossos encontros.

Assim, com a proposta de trabalho previamente definida, fui conversar com todas as detentas, acompanhada pela assistente social. Essa funcionária da PERG me apresentou àquelas mulheres, que se encontravam no pátio, em momento de tomar sol.

Assim, numa tarde de inverno, mais precisamente no final do mês de julho, com sol radiante que aquecia os corpos, fui ao encontro das presas da PERG. Chegamos ao pátio, eu e a assistente social, e fomos trancadas pelo lado de fora pela agente penitenciária. Quando a tranca fechou-se, a impressão que dá é que não será mais possível sair daquele lugar.

A assistente social me apresentou às presas, dizendo o meu nome e ao que eu me propunha. Elas ficaram nos olhando de longe. Poucas vieram na nossa direção, não pareciam nem curiosas. Mas aos poucos a funcionária foi chamando a atenção, solicitando que elas participassem. Elas pareciam ter bastante empatia e confiança pela funcionária. Talvez por isso me aceitaram de forma pacífica, num primeiro momento.

Conversamos com elas, eu e a funcionária, a respeito do projeto e sobre o que gostariam de trabalhar. No início elas mostraram-se observadoras e conforme iam falando, fui tentando converter aquelas falas em possíveis temas.

Elas relataram o desejo de trabalhar em grupo algumas temáticas, as quais relacionei como proposta de trabalho. São elas: liberdade, preconceito, saudade, desigualdade, desvalorização pessoal, esquecimento dos familiares e amigos, trabalho e falta de ocupação.

Ainda é importante relatar que o espaço para discussão ficou aberto a outros temas que pudessem vir a aparecer. A partir destes relatos, dei embasamento temático ao projeto de estágio docência e a minha nova proposta de coleta de dados.

A carga horária de realização do projeto de estágio docência, estabelecida CAPES, determinou que o trabalho fosse desenvolvido com uma carga horária geral de 60h/aula, sendo que 20h seriam para atividade propriamente dita, e as 40h/aula restantes seriam para planejamento e avaliação do projeto.

Contudo, resolvi organizar meu tempo e espaço da seguinte forma: realizaria 10 encontros de 2h/aula cada, a fim de completar as 20 h/aula de execução das atividades e, as 40h/aula restantes seriam para planejamento e avaliação, totalizando as 60h/aula. Os dias de execução das atividades foram os seguintes: 28/07, 04/08, 18/08, 22/08, 29/08, 05/09, 12/09, 19/09, 26/09, 03/10 e 10/10.

O trabalho teve como objetivo executar uma prática educativa junto às presas da penitenciária. Esta prática está calcada na construção de meu trabalho de pesquisa, onde me proponho a investigar/refletir os sonhos dos detentos da PERG, alicerçando estes sonhos, estas imagens e as imaginações utópicas ao que hoje vem se discutindo sobre Educação Ambiental, que não se refere apenas à conservação e à preservação do ambiente natural e, sim, amplia sua temática de discussão e investigação, expandindo sua visão a fim de discutir igualmente as relações sócio-ambientais, interpessoais e intrapessoais.

Nesse sentido, o sujeito ecológico não é simplesmente o ser humano inserido no mundo, mas aquele que, além disso, mantém relações sociais, com seus pares e consigo mesmo. Assim, com a execução da proposta de estágio docência, pretendi investigar as imagens utópicas e as perspectivas de vida das presas da PERG, com base nos referenciais e princípios da Educação Ambiental.

A metodologia aplicada na execução do trabalho foi principalmente norteadada pelo diálogo e pelo debate, a fim de que o público alvo, inclusive eu pesquisadora, pudéssemos refletir, dialogar e interferir na nossa realidade. Minha intenção era apenas ser mediadora das reflexões temáticas propostas pelas presas.

A partir das imagens que as presas tinham dos temas citados, almejei provocar práticas de resistência à prisão, através dos sonhos, visando despertar sonhadoras incondicionais, na tentativa de romper com a lógica do ambiente prisional, nem que fosse através da imaginação. Além da resistência à prisão através dos sonhos, propunha um novo

tipo de relação social, mais humana, solidária, baseada nos princípios da Educação Ambiental.

Como recursos didáticos para a execução do trabalho, poderia utilizar vídeos, filmes, desenhos, poesias e outros. Mas como a penitenciária, como a maioria dos órgãos públicos, infelizmente tem suas carências, carência de recursos materiais e humanos, televisão, vídeo, DVD, não foram possíveis de usar, mas outros recursos como o rádio, a própria PERG colocou à disposição, até porque era das próprias presas.

Assim, todo o material que utilizei durante os encontros, que basicamente foram lápis, caneta e papel, foram levados por mim.

É importante frisar que o livro **O pensamento é livre** (2002) do I Concurso Literário do Sistema Penitenciário do RS, foi bastante utilizado, já que é uma obra baseada nos relatos de alguns presos, o que os identifica bastante com o momento atual das presas, participantes da minha pesquisa.

Logo após a explanação desta proposta de trabalho, de seus objetivos, justificativa e metodologia, discorrerei a seguir sobre o planejamento dos encontros realizados, junto com o relato reflexivo desta vivência na PERG e mais precisamente com as presidiárias.

## 5.1 Os primeiros passos

Hoje a entrada na PERG foi tranqüila. Já estou habituando-me ao ambiente. Gostaria de ressaltar algo que já notei há um tempo, mas é considerável para a pesquisa, por isto deve ser relatado, ou seja, quero dizer que os presos que trabalham na portaria, na horta etc., os quais ficam expostos à visão de quem entra na penitenciária, são caracterizados por um colete azul, algo que é usado como uniforme, mas que, na realidade acaba destacando-os enquanto presos, até mesmo para quem chega de fora perceber a diferença entre os funcionários e os presidiários trabalhadores. Quero dizer que a diferenciação de quem é quem já começa na forma de vestir, marcando territórios e identidades.

Algo que me chama bastante atenção é o fato de que eles são considerados *presos* ao entrarem no processo institucional; não são mais considerados cidadãos, mesmo que ainda sejam humanos. Isso me choca muito, pois são presos até o dia de serem libertos;

essa demarcação é provisória. E depois que cumprem a pena, são considerados novamente como cidadãos... Essa situação é no mínimo estranha, pois hoje determinada pessoa é cidadã, amanhã já não é mais!

A recepção da assistente social e da psicóloga da penitenciária, bem como dos demais funcionários, é sempre muito agradável. São pessoas dispostas a ajudar no meu trabalho e mostram-se também comprometidas com o seu trabalho cotidiano.

Ao dialogar com a assistente social e pedir-lhe a permissão para a minha entrada no presídio para realizar o trabalho de pesquisa, ela convidou-me desde a semana anterior a entrar em contato com as presas.

Não elaborei nada pronto, ou seja, preferi escutar delas as atividades, as discussões que permeariam nossos encontros. Então eu e a assistente social nos deslocamos até o pátio, onde as presas tomam sol, para que eu as conhecesse e conversasse com elas.

Assim, nos deslocamos da sala do setor psicológico e fomos até o pátio. Neste percurso notei algo que já havia notado há tempos: o presídio é muito gelado. Não estava somente frio lá dentro por ser inverno, pois tinha um sol radiante na rua que aquecia os corpos. Afirmo isto, porque penso que a estrutura física, a arquitetura do presídio foi criada intencionalmente com a perspectiva de rigidez e frieza. As paredes altas, grossas; as portas largas; enfim, a arquitetura pesada, para poder manter a relação de medo e de poder.

As relações profissionais no presídio igualmente devem ser frias, frente a um lugar que não privilegia o encontro, a amizade, as relações interpessoais. Algumas pessoas logicamente corrompem essa lógica, pois sempre se encontra uma brecha para a estruturação de um bom relacionamento; mas a estrutura prisional não foi criada para isso e sim para a repressão, o remorso, a culpa e o desespero humanos. Como o próprio nome diz, Penitenciária, igual a penitência, ou seja, pagar os pecados.

Enfim, ao chegar no pátio onde as presas estavam apanhando sol, fui recebida espontaneamente por algumas delas, enquanto a maioria nem se importou com a minha presença. É importante deixar claro que somente as presas fizeram parte do projeto, pois a penitenciária anda passando por alguns problemas nos últimos dias, já que foi morto um agente penitenciário há pouco tempo e, por causa desse fato, os presos não estão sendo tratados com os mesmos benefícios que tinham. Afinal foram retiradas muitas de suas “regalias”, sem contar que a prisão está cada vez mais superlotada.

Com relação ao contato com as presas, foi muito bom. Aquelas que me receberam, fizeram-no atenciosamente e com receptividade. Elas encontravam-se no sol (estava uma tarde de inverno ensolarada e gostosa), algumas fazendo crochê, lavavam suas roupas e outras estavam conversando e escutando música.

Fui apresentada a elas pela assistente social, a qual falou da minha proposta, das minhas intenções no projeto.

Em seguida me apresentei, falei da minha expectativa em relação a elas, que gostaria de fazer algo em conjunto, combinado. Disse que não me sentiria à vontade se fizesse algo pronto, pré-estabelecido, e não entrasse em contato com elas previamente.

Pedi para que elas fossem me falando aquilo que gostariam de conversar, de debater, no período em que estivessem no projeto. Não foi difícil que começassem a falar. A primeira coisa que uma delas disse foi que gostaria que as portas da penitenciária se abrissem. A partir daí fui desenrolando a conversa, pois o que esta presa relatava indiretamente era o tema *liberdade*. Após este momento, as falas foram surgindo e eu anotando e interpretando com a ajuda delas.

Além da questão da liberdade, falaram em preconceito, saudade, desigualdade, desvalorização pessoal (tanto interna quanto externa), esquecimento de familiares e amigos, falta de trabalho, falta de ocupação e de se sentirem inúteis naquele lugar.

Uma das presas pediu-me para que ela pudesse ensinar inglês durante o projeto. Eu disse que poderia, mas antes teríamos que entrar em acordo com as outras pessoas. Essa teria que ser uma escolha do grupo.

Esta moça mostrou-se bem disponível e interessada, dizendo que é muito importante quando alguém se interessa por elas, pois se sentem muito sem perspectivas.

Algo quase unânime foi quando elas disseram que podem ver os filhos menores apenas duas vezes ao mês. Açam isso injusto e comparam a PERG com outras penitenciárias, dizendo que nas outras instituições os filhos podem vê-las todos os finais de semana, por exemplo.

Enfim, foi um encontro muito bom e receptivo. Obviamente, nem todas mostraram-se interessadas. Não foi unânime a aceitação, até mesmo porque se espera primeiro que a confiança seja estabelecida nas relações; mas de um grupo de presas a aceitação foi muito boa.

A impressão que tive deste primeiro encontro foi positiva. Elas mostraram-se em primeira instância bem entusiasmadas. Parecia que todas tinham se interessado, mas o que elas estavam era me observando. Com o tempo percebi isto.

Quando lembro daquela imagem naquele dia, naquele lugar, naquele encontro, penso que foi muito triste ver aquelas mulheres paradas, sem terem o que fazer, amontoadas num pátio, que é menor que o quintal da minha casa.

Nem os animais que agem instintivamente merecem ser enjaulados. Imagine-se os seres humanos! O que se pode pensar sobre o que pensa uma pessoa enclausurada? Quais são seus sonhos? Quais são meus sonhos?

Os sonhos dessas pessoas obviamente é o da liberdade. E o meu? Também? Sim. Também quero ser cada vez mais livre, nesta sociedade, onde a liberdade é uma conquista diária e não uma doação. Gostaria também que elas não estivessem presas, que não existissem penitenciárias!

Sonho com a minha liberdade, assim como sonho com a liberdade daquelas mulheres trancafiadas. Desejo que elas sejam libertas o mais rápido possível e que nunca mais façam nada, nem se aproximem de ninguém que possa lhes comprometer novamente a vida. Que cumpram a sua pena o mais breve possível, e que a sociedade lhes dê uma chance a mais para que possam levar sua vida como qualquer outra.

Sonho que os preconceitos sejam sucumbidos pelo sentimento de solidariedade, de comunhão e de amor. Gostaria que elas não fossem mais julgadas pela sociedade. A justiça já as condenou. Então, quem somos nós para julgar? Gostaria que elas fossem compreendidas. Não que seus motivos fossem justificados. Mas que o sentimento humano de compreensão prevalecesse sobre o de julgamento.

## **5.2 No segundo encontro o impasse**

Hoje fui até a penitenciária com a intenção de começar o estágio docência/pesquisa. Já havia elaborado todos os encontros com as presas a partir dos relatos expostos por elas sobre os temas que gostariam de trabalhar durante a execução deste projeto.

Ao chegar à PERG, fui conversar com a psicóloga. A mesma disse-me que a assistente social havia reservado para mim o horário de pátio para que neste local eu

iniciasse o projeto junto com as presas. Então, ao chegar no pátio, vi todas as presas tomando sol, lavando suas roupas, conversando, escutando música (*hip-hop*), fazendo crochê, enfim, elas estavam realizando os mais variados tipos de atividades.

Senti, no momento em que cheguei até aquele local, estar “invadindo” o espaço delas, pois a maioria não chegou até mim. Não vieram conversar e não se dispuseram a participar da atividade que eu havia preparado. Apenas quatro mulheres vieram conversar comigo, chegando aos poucos, uma de cada vez.

Senti a restrição e a rejeição na mesma hora, mas continuei firme na minha postura, tentando não transparecer qualquer tipo de sentimento adverso. Tentei sentir-me “natural”. Uma das presas, que parecia ser bem disposta, pediu-me desculpas pela atitude das outras colegas e ainda disse a seguinte frase que me chamou a atenção: “*Aqui elas te vêem como polícia!*”. Ou seja, seria difícil, num primeiro momento, a aproximação, pois elas não me conheciam e o único tempo que tinham para aproveitar a rua, o sol, estava sendo *invadido* por uma pessoa até então desconhecida.

Naquele momento entendi a atitude adotada pelas colegas desta moça, pois eu estava literalmente invadindo o espaço delas. Afinal no pouco tempo que têm para aproveitar a “rua”, mesmo que seja em um espaço limitado, existia uma estranha entre elas, eu.

Mas igualmente aproveitei o momento para conversar com aquelas que se dispuseram a falar comigo. Uma delas falou algo interessante. Disse que, naquele lugar (o presídio), havia pessoas que não se pareciam nada com a lógica da cadeia e, outras, que pareciam ter nascido para aquilo ali. Achei muito interessante a declaração da detenta, pois esta fala demonstra o que ela sente a respeito da prisão, e denota que algumas pessoas resistem a este espaço, enquanto outras se deixam levar pela lógica de convivência no presídio. Mas que lógica é essa? Lógica da exclusão, do esquecimento, da competição e de muitos sentimentos que ferem a condição humana. É aí que entra a Educação Ambiental, com seus princípios pró-sociais, que possam resistir e reinventar a proposta imposta.

Do ponto de vista da convivência entre as presidiárias, percebo através da minha inserção no presídio, que a lógica da fofoca, das brigas, da mesquinha está bastante presente nas relações entre elas. Também, em um lugar em que não se tem nada para fazer, é muito fácil o estresse tomar conta da pessoa e esta perder o senso da boa convivência.

Além do mais, a maioria delas vão se conhecer na prisão, nunca se viram antes e têm que conviver em um espaço de seis metros quadrados! Entendendo o contexto, torna-se mais fácil entender as brigas, as fofocas e as revoltas.

Outra coisa chocante para mim foi o relato das presas dizerem que há ratos enormes no presídio. Disseram também que existem celas, onde moram seis presas e outras, com 10 presas morando; isso num espaço de 6 metros quadrados, onde todas as atividades de higiene são realizadas sem privacidade alguma. Elas até argumentaram a seguinte fala: “*Neste espaço, como é que a gente não vai brigar?*”, já que convivem num ambiente tão pequeno e sem privacidade.

Elas falaram que, muitas vezes, pegam um livro para ler, ou um crochê para passar o tempo, mas daqui a pouco aquela atividade enjoa e precisam parar. Penso que a atividade escolhida para passar o tempo aborrece, pois a intenção é realmente passar o tempo; geralmente não é algo feito com prazer, mas sim como uma espécie de fuga, alternativa para o tempo passar mais rápido, e que seja ocupado com alguma coisa.

Segundo o relato de outra presa a respeito do tempo, ela argumentou que, para passar o tempo mais rápido, utiliza o sono como possibilidade, como fuga, como resistência à prisão. O sono ajuda a esquecer por alguns instantes que não existe presídio, que não se está presa.

Elas sonham muito em sair da prisão e não perdem a esperança. Prova disso é que aquelas que já foram condenadas apelaram para que possa haver um novo julgamento, a fim de que sejam libertadas o mais rápido possível. A resistência é sempre uma esperança, uma possibilidade.

Acredito que, mesmo o trabalho não podendo ser realizado na íntegra neste dia, foi muito válido. Na conversa que tive com aquele pequeno número de presas, pude observar que elas são muito esperançosas, afinal esse sentimento talvez seja a única coisa que as mantém vivas!

Enfim, pude notar como elas são resistentes à prisão e têm esperanças de sair de lá, pois mesmo aquelas que já haviam recebido sentença condenatória afirmaram que estão recorrendo e que querem um segundo julgamento, pois não desistem de lutar pelo sonho da liberdade.

Neste encontro não pude realizar a atividade a que me propunha, mas, ao mesmo tempo em que me senti fracassada por não ter conseguido iniciar as atividades da proposta

feita, percebi que o horário de pátio para elas é sagrado, ou seja, é a única possibilidade no dia em que vêm o sol, lavam suas roupas e vão para a rua. Então não seria eu que tiraria esse gosto delas. Realmente eu estava invadindo o espaço que não era meu.

Mesmo não tendo iniciado a proposta naquele dia, percebi muitas coisas no presídio: senti tristeza ao ver aquelas pessoas tão capazes, ali inúteis, sem ter o que fazer, sem nenhuma atividade laboral. Quantas histórias elas têm para contar, quantas coisas têm para ensinar e, no entanto, estão trancafiadas, num ócio destrutivo e não criativo.

Este encontro foi marcante, pois para quem, como eu, nunca havia percebido de perto tamanha realidade social, realmente saí marcada daquele lugar naquele dia. Digo isto, pois penso que a cadeia está aí para qualquer um de nós e, por isso, aquelas mulheres e aqueles homens não são seres aproximados aos animais, como a sociedade tenta nos inculcar. São pessoas como eu, como você, que foram julgadas pela justiça. E quantos de nós também não somos julgados todos os dias, pelos vizinhos, pelos familiares, pelos nossos professores, pelo patrão, etc. O julgamento é algo que aparece como regra na sociedade em que vivemos.

Após a explanação deste encontro com as presas, farei o relato, além da análise dos próximos encontros realizados com as presas da PERG. Para descrever e analisar os próximos encontros, utilizarei da seguinte metodologia: relatarei a proposta inicial do tema a ser trabalhado com as detentas; em seguida, transcreverei como aconteceu o encontro, já esboçando algumas análises do mesmo.

### **5.3 Finalmente, o encontro**

Tema: Trabalho

Encaminhamento das atividades:

- apresentar o tema que trabalharemos nesta data – o trabalho;
- entregar papel e lápis e pedir para que expressem através de um desenho, de uma poesia, enfim de qualquer tipo de expressão, o que entendem por trabalho;
- questionar por que fizeram tal representação gráfica;
- como lembram do trabalho: de forma negativa, positiva, etc.;

- refletir sobre as condições atuais de trabalho: salários baixos, empregos sem carteira assinada, desvalorização do patrão frente a funcionário, etc.

Relato do encontro:

Hoje fui até a prisão para dar início ao meu estágio docência propriamente dito, já que em outra oportunidade para a qual havia me preparado, não consegui começar.

Ao chegar até a PERG, fui até a sala da assistente social, a qual me orientou irmos conversar com as detentas e explicar mais uma vez a proposta de trabalho. Desta vez nosso encontro não seria no pátio e sim na sala de aula da penitenciária.

Pude notar que o espaço físico da sala de aula é muito precário. As classes estão danificadas, muitas cadeiras quebradas, quase não havia lugar para acomodar as 12 detentas interessadas em participar do projeto e eu, muitas de nós tivemos que sentar nas mesas.

Algo que me chamou a atenção é que, na sala, existe, na parede que dá para o lado do corredor, uma janelinha retangular e comprida. A mesma serve para que os funcionários possam vigiar do lado de fora o que acontece dentro da sala, e as portas são fechadas pelo lado de fora, para que a segurança e a atividade de fechar e abrir a sala seja exercida somente pelos agentes penitenciários. Eles devem ter o controle de toda a segurança no presídio.

Sendo assim, como combinado, eu e a assistente social fomos até a sala de aula por volta das 14 h. Estavam todas as presas nos aguardando. Chegando lá, conversamos mais uma vez a respeito do projeto e apresentei-me também.

Daquele número consideravelmente grande, em torno de 50 ou 60 presas, apenas 12 quiseram participar da proposta. Mesmo assim, fiquei feliz, pois sei que trabalhar com um grupo muito grande não dá muito certo, em uma atividade de pesquisa principalmente.

As presas que não quiseram participar deslocaram-se até o pátio, enquanto eu, a assistente social e as demais presas ficamos na sala. A assistente social mais uma vez ressaltou a importância do trabalho antes de se deslocar até sua sala.

Então, ficamos sozinhas, eu e as participantes do projeto. Apresentei a elas os temas que iríamos trabalhar nos nossos encontros, segundo as colocações que fizeram em momento anterior.

Num primeiro momento, pedi às presas que formassem um círculo, a fim de que pudéssemos conversar e nos apresentar.

Todas se apresentaram falando seus nomes, suas idades, estado civil, se eram mães e profissão. Deixei este espaço livre para que falassem o que quisessem a respeito de suas vidas. Considero interessante o fato de que nenhuma delas falou qual o tipo de crime cometeu para estar ali. Eu também não questionei, esperando o momento em que alguma falaria, mas ninguém falou.

Talvez isso aconteça devido à hipótese de que lembrar do motivo por estarem ali traz algum sentimento negativo. Não sei se num próximo encontro eu pergunto o porquê de não terem falado, ou espero mais um pouco para ver se elas falam. Neste aspecto, tenho dúvidas, mas acredito que meu principal objetivo não é classificá-las em um determinado tipo de crime, mas sim trabalhar princípios e valores humanos, baseados nas discussões sobre a Educação Ambiental, além de trabalhar a questão do sonho. Por isto, não preciso saber qual crime elas cometeram. Não quero criar em mim *pré-conceitos* sobre aquelas mulheres, que ainda nem conheço bem.

Chamou-me a atenção o fato de que uma das presas disse, ao se apresentar: que era HIV positivo. Ela lembrou que, já que iríamos trabalhar com a questão do preconceito em um próximo encontro, então deveríamos lembrar disso, desse tipo de preconceito social. Interessante ela se expor sem medo de discriminações. Ela não teve medo da minha discriminação, pois entre elas não existe muito preconceito, pois muitas são HIV positivo também.

Notei que as presas se queixavam muito da maneira como são tratadas pelos(as) agentes. Disseram que a lei do grito era a lei de quem mandava mais. Reclamaram da juíza que as condenou, a qual, segundo elas, é uma pessoa que demonstra atitudes mesquinhas, pois ao invés de fazer com que pagassem a sua pena com serviço comunitário, ou algo parecido, condenou-as ao regime fechado.

Neste aspecto também concordo com as detentas, pois as instituições penais já estão tão superlotadas, que está faltando lugar para os presos que chegam todos os dias. Além do mais, penso: Será que a cadeia tem serventia social? Será que ela está ajudando em algumas coisas para a nossa sociedade? Se sim, então por que a cada dia que passa aumenta mais a criminalidade no Brasil e no mundo? Defendo a idéia de que temos que

pensar em um outro tipo de *punição*, que não os presídios, pois a convivência nessa instituição é muito complicada devido ao isolamento, ao esquecimento e à exclusão social.

Neste dia, lembro que, quando questionei sobre o tema que propunha - o trabalho, pedi para que falassem a respeito dos seus trabalhos, através de uma representação gráfica no papel (dei lápis e folha de ofício para que escrevessem).

Coincidentemente, ao tema que estava trabalhando, a assistente social chegou a lembrar antes de se retirar da sala sobre a possibilidade de ser montada uma cooperativa na PERG com a ajuda das detentas. Notei que as presas estavam bem entusiasmadas com essa possibilidade, mas a juíza local havia negado o pedido, argumentando que era inconstitucional e, num primeiro momento, vetou a possibilidade. Mas parece que um promotor estaria lutando pela cooperativa junto à justiça.

Isso revela o interesse que algumas têm a respeito da possibilidade de trabalho. Estão paradas, sem nenhuma atividade produtiva. Então acham que qualquer projeto, qualquer proposta, educativa ou social, seja de grande valia para suas vidas inertes.

Notei, nas falas das presas, que elas se sentem discriminadas no presídio, até mesmo pela administração da penitenciária. Reclamam do machismo imperante nas relações, pois alegam que os homens têm mais oportunidades de trabalhar no presídio, e elas só têm a catequese como momentos de distração e atividade laboral na penitenciária. E agora têm também a possibilidade de trabalharem comigo.

Achei-as muito angustiadas, falando dos seus problemas, das suas dificuldades, das suas indignações com o sistema carcerário. Elas só falam nisso!

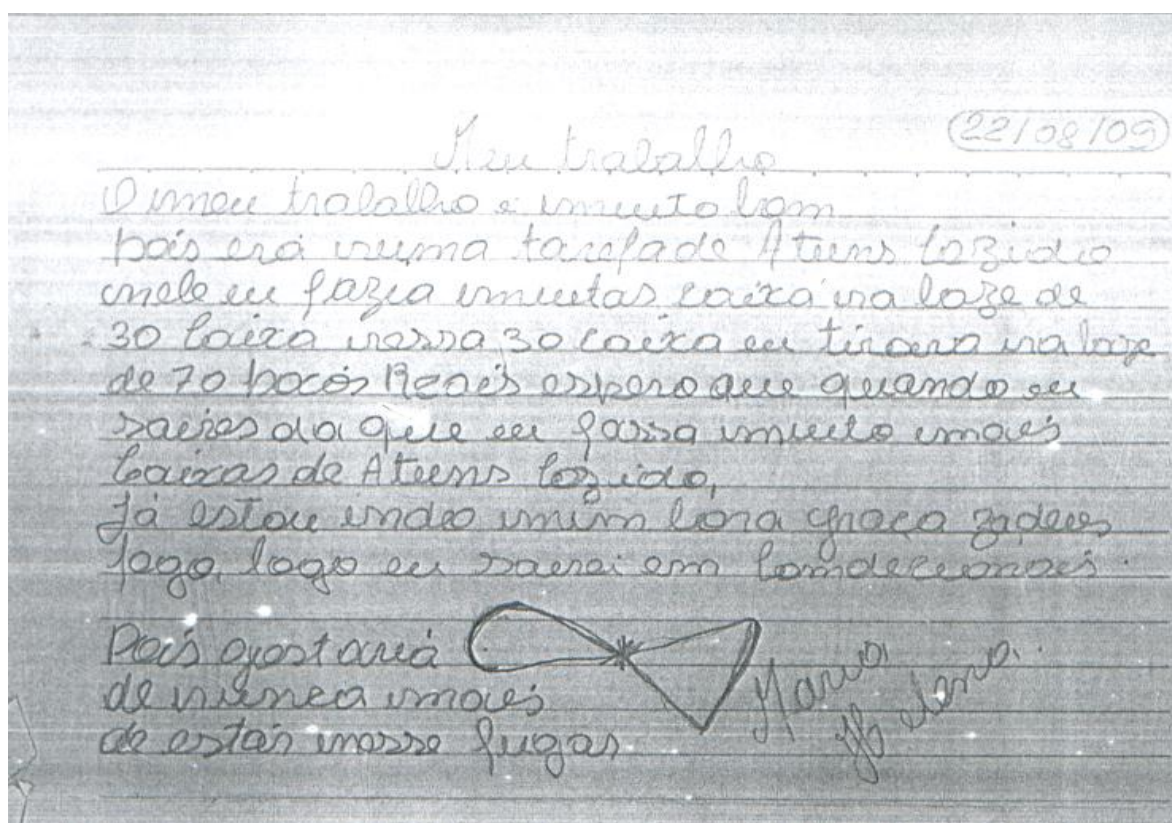
Neste dia, não pude desenvolver o trabalho planejado como gostaria, pois a agente responsável pelas mulheres interrompeu a atividade, dizendo que a Presidente do Conselho Penitenciário já havia marcado um compromisso com as presas, a catequese. Então resolvemos deixar as minhas atividades para serem desenvolvidas nas segundas-feiras, a fim de que não haja mais problemas de atividades marcadas no mesmo dia e horário.

Após este encontro, posso concluir que elas ficaram aparentemente felizes com a minha chegada. Relataram até mesmo em conversa informal que se sentiam bem em romper um pouco com o ócio, e ficaram de me entregar o trabalho proposto (atividade gráfica) no próximo encontro.

Foi bem interessante este encontro, no meu ponto de vista. As participantes mostraram expectativas quanto a minha pessoa. E eu me senti na obrigação de corresponder a essas expectativas e também de não fazer nenhuma promessa que não tenha como cumprir, pois notei que elas têm receio da decepção, do desencantamento. Percebi que devo agir com sinceridade, a fim de que possa trazê-las para o meu lado, para se engajarem na minha proposta.

Elas estão carentes por alguém que faça algo por elas. Sentem-se esquecidas, desvalorizadas e, quando chega alguém interessado em fazer algo, elas ficam felizes, sentem-se alegres e criam expectativas.

A seguir, colocarei algumas imagens produzidas pelas participantes da pesquisa a respeito do tema trabalhado. São principalmente desabafos, poemas e desenhos que expressam um pouco a sensibilidade de uma pessoa que foi condenada à prisão.



O Trabalho

22/08/2005

O trabalho que eu fazia era muito satisfatório. Porque eu trabalhava com pessoas menos presada pela solidade.

Fazendo que estas pessoas se entregasse a solidade. agora eu sinto muita falta do que eu fazia.

22/08/05

Agora q. estou presa, vejo q. tudo parecia ter sido diferente, tenho saudades do tempo em q. trabalhava. Tempo esse onde ninguém mandava na minha vida, só eu.

Não quero mais me envolver com nada de ninguém q. me prive da minha liberdade.

Sei q. qdo sair daqui será muito difícil retomar os meus planos... Quero trabalhar honestamente e estudar. ~~(Não sei)~~ Com certeza irei embora ~~(logo)~~ dessa cidade para começar do zero.

Fabiana R. de Lima.

18-08-05.

O trabalho nos dá dignidade,  
através do trabalho conseguimos  
os frutos, ter os bens materiais que  
nos satisfazem, fazer uso do tempo que  
podemos trabalhar pois com certeza  
as coisas também são bem diferentes.  
Deus não deu os frutos basta colhê-los  
e se não trabalharmos nada conseguimos.

Janaína Reis.

22/08/05

## O Trabalho

Para mim o trabalho me trouxe muitas coisas boas entre elas são conhecimento, dignidade, amizade com pessoas que eu jamais pensei que poderia ter o acesso de um dia estar no meio delas.

Nô meu primeiro emprego trabalhei como voluntária ajudando pessoas carentes já o segundo foi em uma lancheria eu adorei o segundo pois o meu patrão não deu importância quando eu falei que já tinha ido para ele me tratar muito bem, e me disse quem não errar no dia hoje estou aqui novamente por um ano do passado mas sei que ao sair daqui não voltarei pois Deus está me ajudando como da outra vez.

Pego a Deus um a  
nova chance de  
Ser feliz ao  
lado de muitas filhas

Joana

## O Trabalho.

22/08/2005

O Trabalho na minha vida era muito gratificante, eu tinha hora pra levantar e ia dormir muito tarde.

Eu antes de vir para prisão era, comerciante, eu tinha uma padaria, onde eu e meu marido eramos os parceiros. Trabalhávamos o dia inteiro, fazíamos os pães, o reparte dos mesmos, atendíamos os fregueses e eu ainda cuidava das minhas filhas e da minha casa.

Muitas vezes meu marido reclamava, de levantar tão cedo e dormir tão tarde, e eu sempre lhe dizia:

— Um dia você reclamar, o Trabalho que não há de ter.

Devido os fatos acontecidos, hoje ele reclama de trabalhar tanto e praticamente de graça para servir sua pena.

Eu já não reclamava, mas sinto falta do meu trabalho, de estar com meus filhos, e da minha casa e dos fregueses amigos de todos os dias.

Diante de tudo isso chego à seguinte conclusão:

"O Trabalho dignifica e embute o homem."

FIM.

Trabalho

22.8.05

O trabalho eu sempre trabalhei na minha vida, eu cuidava dos meus netos, a minha vida lá para lá era boa, eu levantava as 6 horas da manhã, ia lavar roupa, fazer o serviço da casa, e depois eu ia para a casa da minha filha, trabalhar cuidar dos meus netos pois eles iam trabalhar, eu só chegava em casa à noite, e ~~também~~ também eu cuidava outro Neto aí eu ia fazer as coisas para o outro Neto a minha vida eu sempre trabalhei desde 7 anos que eu trabalhava, em casa de famílias cuidando crianças, e agora estou aqui trancado sem trabalhar, mas se Deus quiser quero eu sair daqui eu vou retomar ao meu trabalho de novo, se Deus quiser senão quiser.

#### 5.4 O pensamento é liberdade?

Tema: Liberdade

Encaminhamento das atividades:

- sugerir que façamos um paralelo no quadro-negro diferenciando a liberdade que tinham antes de serem presas e as diferenças encontradas agora ao estarem presas;
- questionar e refletir se só quando se está cumprindo uma pena de reclusão de liberdade, a pessoa está "presa";
- questionar se a prisão necessariamente aprisiona todos os aspectos de suas vidas, valorizando a questão do sonho enquanto algo que se recusa a clausura;
- dialogar se existem pessoas que estão livres, segundo a justiça, mas ao mesmo tempo sentem-se presas;
- questionar se existem outros tipos de prisão, que não a penitenciária;

- levar reflexões do livro **O pensamento é livre** (2002) para discussão;
- questionar e provocar seus sonhos de liberdade;
- dialogar sobre as práticas de resistência de que se utilizam para enfrentar a reclusão.

Relato do encontro:

Hoje fui até a penitenciária com a intenção de resgatar o tema trabalhado na semana passada, o trabalho. Após este resgate, começarei a trabalhar o tema do encontro de hoje: a liberdade.

Nesta data, cheguei até o presídio e fui informada que o encontro não aconteceria na sala de aula e sim na biblioteca, pois a sala de aula já estaria reservada para uma reunião.

Esperei até às 14h para me deslocar até a sala onde aconteceria o encontro. Ao dirigir-me até o corredor de acesso à biblioteca, as presas estavam se deslocando ao pátio e algumas passaram, cumprimentando-me. Senti certa carência da parte delas e, de repente, até um senso de pertencimento, que todo o ser humano possui, ou seja, a vontade de se sentir bem-quisto por alguém, de se sentir importante para alguém.

Chegamos até a biblioteca, fizemos um círculo e começamos a conversar. Percebi que elas não tinham sido avisadas de que o dia de nossos encontros havia mudado de quinta-feira para segunda-feira. Por isso, muitas não haviam levado o trabalho pendente do encontro anterior. Então dei um tempo para que elas produzissem um texto, uma poesia, ou um desenho etc. Sobre a questão do trabalho, alguma representação que elas possuem a respeito do trabalho.

Todas produziram um texto. Textos extensos, que mostravam a utilidade do trabalho em suas vidas. A lembrança positiva do trabalho não estava só associada ao trabalho enquanto retorno financeiro, mas igualmente a sua recompensa como benéfica a própria condição existencial, de vida, de cidadania das presas.

Elas começaram a falar bastante antes que eu desse início ao tema a ser trabalhado neste encontro. Falaram das dificuldades que enfrentam na penitenciária, da falta de respeito que algumas pessoas têm com elas, da falta de privacidade, da saudade da família e do esquecimento de alguns familiares.

Deixei que elas falassem um pouco, mas tive que adotar uma postura firme para conseguir que o trabalho retornasse ao objetivo que se propunha. Acredito que, se eu as deixasse, elas passavam o tempo inteiro falando, falando de coisas ruins, e este não era o meu objetivo inicial, pois pretendo trabalhar com sonhos, com possibilidades e não com o sofrimento que sentem por estar presas.

Pedi para gravar o encontro e os próximos também. Obtive alguma resistência, pois elas acham que, se algo é mostrado aos funcionários, elas receberão represália depois. Tentei deixar claro que os funcionários devem saber do meu projeto, mas a atividade de pesquisa me dá o respaldo para que seja algo sigiloso. Disse que todas as informações que elas me passariam seriam para a minha atividade de pesquisa e que ninguém ficaria sabendo, pois seus nomes seriam identificados como nomes fictícios, garantindo assim o anonimato e a preservação de suas identidades.

Não gravei este encontro, mas pedi para que pensassem sobre o assunto e me dessem uma resposta na semana seguinte. Deixei claro a elas que receberiam um termo de consentimento a ser assinado e que isso lhes resguardava o sigilo e o anonimato; era a segurança que todas teriam. Elas ficaram de me dar uma resposta a esse respeito na seqüência do trabalho.

Então começamos a conversar sobre o tema deste encontro, a *liberdade*. Neste sentido, perguntei a elas se só quando se está cumprindo uma pena de reclusão de liberdade a pessoa pode ser considerada presa. Elas argumentaram que existem outros tipos de prisão, mas na rua, em liberdade física, as pessoas têm opções, algo que no presídio não acontece. Elas disseram que naquele ambiente a pior repressão não é nem a falta de liberdade física, mas sim a falta de liberdade de expressão.

Ao questioná-las sobre se a cadeia aprisiona todos os aspectos de suas vidas, elas responderam que não, pois acreditam que o pensamento é livre, que as lembranças não são aprisionadas pelas portas de aço e as paredes altas do presídio.

Isso significa que o sonho humano é possibilidade sempre. Não há restrições, barreiras e limitações ao ato de sonhar. Esse é livre, não é condicionado a nenhuma restrição imposta pela sociedade.

Percebi que uma das principais práticas de resistência que elas possuem na prisão é a resignação. Algumas são conscientes que não adianta revidar as brigas, as provocações e afrontar aos maus tratos. Elas “aceitam” essas condições, pois mostrarem-se rebeldes.

Acham que será pior para elas, pois serão colocadas de castigo, perderão a visita dos filhos, da família e dos amigos. Então não vale a pena revidar as brigas, pois o castigo é pior ainda.

Algo interessante, que aconteceu neste dia, foi o fato de uma das presas me dizer algo que eu já havia escutado de outra presa. Ela argumentou que algumas pessoas, que estão presas, parecem que nasceram para aquela condição, enquanto outras resistem e não conseguem se habituar à cadeia, mais precisamente à lógica de convivência daquele ambiente.

Considero interessante este dado, pois de fato a lógica dominante daquele lugar muitas vezes molda o comportamento das pessoas. As pessoas seguem aquele currículo oculto sem se perceberem como fantoches de um sistema que estabelece as regras previamente.

A minha experiência, enquanto aluna, não foi muito diferente. Quero dizer que sempre cumpri as determinações impostas pela escola, sem questionar. As presas também seguem as determinações na penitenciária, sem questionar, sem duvidar, sem corromper. E até se darem conta de quem são e o que estão fazendo, leva algum tempo. Não me refiro somente às regras de disciplina, mas principalmente às regras de convivência baseada, muitas vezes, em princípios competitivos.

E quantas pessoas neste mundo não estão cumprindo as determinações impostas? Quantas escolas, prisões, igrejas, empresas estão imperando a sua lógica, a lógica das instituições sociais sem considerar a lógica humana, do homem ou da mulher. E nesta condição constroem-se os grandes centros, as grandes hegemonias, baseados na lógica capitalista.

Quando as participantes da pesquisa foram questionadas sobre os sonhos de liberdade que possuem, elas argumentaram que gostariam de não fazer mais seus pais ou seus filhos sofrerem. Esse sonho está acima de uma “vida comum”, com trabalho, família etc.

Elas querem que as pessoas que amam parem de sofrer por causa delas; sentem-se culpadas por isso. Muitas vezes preferem sentir saudades e não receber a visita dos filhos e dos pais, pois os mesmos são expostos a uma revista íntima constrangedora, e para não fazer esse ente querido sentir-se constrangido, humilhado, preferem ficar sem receber visitas, aumentando assim o esquecimento e a saudade.

Algo interessante, que também aconteceu neste dia, foi quando eu disse que as liberaria mais cedo para irem para o pátio, aproveitarem o sol. Elas resistiram, disseram que não, que a conversa estava boa e que era para eu ficar mais tempo. Achei engraçado e me senti muito bem com a solicitação, pois percebi que aquela atividade estava sendo boa para elas e para mim também pois percebi o quanto eu posso aprender com as experiências que elas relatam. Antes pensava que o pátio era a coisa mais importante em suas rotinas. Agora eu também me torno importante em suas vidas, pois preferem ficar comigo do que irem para o pátio.

Tinha um entendimento diferente a respeito da hora do pátio, tanto é que em um encontro que aconteceu no pátio, não fui bem recebida, pois estava invadindo o único momento em que elas têm o contato com a rua e o sol. A partir daquele instante, eu era mais importante que o pátio, pelo menos naquele dia, e isto me fazia feliz, além de perceber a responsabilidade de corresponder às expectativas daquelas mulheres.

A maioria das participantes da pesquisa são pessoas que se envolveram emocionalmente com um homem que vivia uma vida ilícita e que, por amor, companheirismo, ou até mesmo a ilusão de uma vida com dinheiro e felicidade, acabaram comprometendo suas próprias vidas, e assim indo parar na prisão.

Enfim, considero que o encontro foi muito positivo para que nós pudéssemos nos conhecer um pouco mais, já que no encontro anterior a atividade foi feita muito rapidamente.

Senti-me feliz por poder participar desta atividade com elas. Considero marcante algumas passagens do encontro, as quais relatei. A passagem mais bonita, no meu entendimento, foi quando elas argumentaram que o maior sonho que possuem é o de fazerem suas famílias pararem de sofrer. O sentimento de amor, de amizade, de afeto está sobreposto a um sentimento egoísta, mesquinho e individualista, que a instituição muitas vezes produz.

Percebi, nesses sentimentos, a articulação com a Educação Ambiental, pois na medida em que as presas sonham em parar de fazer sofrer seus familiares, estão resistindo à lógica da prisão, que é o sofrimento, e reinventando seus valores de solidariedade, companheirismo, alteridade e demais valores e princípios para uma vida melhor, sustentável.

## 5.5 A marca: ex-presidiária!

Tema: Preconceito

Encaminhamento das atividades:

- sugerir que as presas fiquem em silêncio e tentem lembrar de situações preconceituosas que sofreram ou observaram alguém sofrer;
- elencar, no quadro-negro, as respostas obtidas, ressaltando a questão dos diversos tipos de preconceitos (com deficientes, com portadores de HIV, com os presos, com as mulheres, etc.);
- dialogar sobre os preconceitos citados;
- procurar alternativas para a extinção dos diversos tipos de preconceito;
- refletir sobre como seria o mundo e as pessoas se os preconceitos fossem extintos; o que ainda é necessário para que isso aconteça;
- questionar sobre qual é o mundo que elas sonham;
- neste encontro, pedir para que levem fotos, cartas, lembranças de seus entes queridos para o trabalho da próxima semana.

Relato do encontro:

Hoje, ao iniciar o encontro, fiquei feliz em saber que duas participantes do projeto haviam sido soltas. Seriam duas pessoas a menos no projeto, mas em contrapartida duas pessoas fora do presídio e felizes.

Levei para a reunião uma proposta de confecção de um cartaz a respeito do que elas pensam sobre o seu momento atual. Com o trabalho, percebi sorrisos e conversas informais através da ludicidade que a atividade proporcionava.

Além de sorrisos, percebi silêncios, como uma espécie de concentração, uma forma de se concentrarem na atividade a ser realizada. Considero que a proposta foi benéfica para elas, devido aos momentos de descontração proporcionado.

As participantes iniciaram a atividade com rapidez. Começaram desenhando com uma cor só e gradativamente fizeram um colorido no papel. Neste momento, ouvia cantos, na execução dos desenhos, além de conversas sobre suas rotinas.

O chimarrão circulava na sala como uma espécie de confraternização entre elas. Assim, percebendo o momento descontraído, deixei o tempo livre para que desenhassem o que quisessem, no tempo necessário.

Pela primeira vez percebi que existem relações de poder entre as presas. Não percebi entre as participantes inicialmente, mas conforme citação delas, esse tipo de situação é vivenciada cotidianamente, além do próprio preconceito.

Existem as disputas de lugar e poder, pois segundo elas, quando, por exemplo, uma presa é convidada para trabalhar dentro do presídio ou participar de alguma atividade, as outras que não foram convidadas, passam a ter ciúmes e começam a menosprezar aquela.

Nesse sentido, as participantes argumentam que, se estivessem soltas, teriam como alternativa não conviver com as pessoas de que não gostam, mas como estão presas, têm que conviver com qualquer tipo de ser humano.

A relação de poder e o ciúme acontecem igualmente nos dias de visita. Existe sempre aquela que não recebe visita, por isso não recebe nada da rua (comida, bebida, lanche, presente, etc.). Essas coisas que chegam da rua, principalmente a comida, deve ser repartida entre as outras que não receberam nada, senão isso já é motivo para discussão e briga. No presídio, não existe individualidade, nada é de ninguém, tudo é de todos. E quem não divide suas coisas é discriminado, importunado depois.

Mesmo enfrentando tanta dificuldade na prisão, elas ainda acham que a pior dificuldade será enfrentar o preconceito social. Acreditam que, ao sair da penitenciária, saem também como uma marca: EX-PRESIDIÁRIA. Mas pensam também que os filhos e a família são capazes de ajudar a suportar esse problema. A família é o alicerce. E é por medo do enfrentamento do preconceito que muitas sonham em mudar de cidade, já que Rio Grande é uma cidade pequena, do interior, onde muitas pessoas se conhecem.

Muitas participantes da pesquisa estão presas devido à relação afetiva com seus companheiros, já que os mesmos traficavam e acabaram envolvendo-as no mundo do crime direta ou indiretamente. E com relação ao afeto, ao relacionamento despendido a esses homens, elas pensam que, por enquanto, como estão presas, vão levando a relação, mas ao saírem do presídio, se perceberem que os companheiros continuarão na vida do crime, pretendem acabar o relacionamento. Muitas sonham que após a soltura devem ir embora da cidade ou do Estado para começar a vida da estaca zero.

Enfim, com relação ao preconceito social, esse é o sentimento que elas têm mais medo de enfrentar. Por isso sonham em sair da cidade, para não serem discriminadas e apontadas na rua.

O preconceito é vivenciado em todo lugar, em qualquer situação. Mas elas carregarão um preconceito ainda maior, pois são literalmente aquilo que a sociedade expulsou, esqueceu, desvalorizou. Elas são a concretização da lógica do sistema, são a realidade nua e crua daquilo que a sociedade ignorou, menosprezou, excluiu da convivência. São o lixo social, o resto e por isso devem ser abandonadas, se não por suas famílias, pela sociedade e até mesmo por si mesmas, por talvez acreditarem em tudo aquilo que a sociedade disse que elas são e, na prática, muitas vezes, não são, mas se consideram, porque todos apontam e julgam suas vidas a partir da vida dos outros.

## **5.6 Saudade palavra triste**

Tema: Saudade

Encaminhamento das atividades:

- pedir para que mostrem ao grande grupo as fotos, as cartas, os presentes, as lembranças das pessoas queridas (marido, namorado, filhos, mãe, pai, etc.);
- pedir para que falem quem é essa pessoa lembrada e o que ela representa em suas vidas e por quê?
- questionar com relação à pessoa ou ao momento lembrado, e o que as conforta;
- pedir para que a turma confeccione uma carta, ou qualquer outro tipo de “presente”, para entregar a essa pessoa lembrada, ressaltando a importância dela em sua vida.

Relato do encontro

Ao trabalhar este tema, saudade, pedi às presas que trouxessem fotos, cartas e outras lembranças dos entes queridos, que lembrassem com saudades. A maioria delas trouxe essas lembranças, mas como sempre, impressiona-me que a participante Ny não consegue se soltar, sempre se protege e não se expõe. Disse que não tinha foto, mas no

final do encontro mostrou-me em particular, separadamente, uma carta de uma pessoa importante em sua vida. Certamente, toma essa atitude, pois não confia nas colegas. Na verdade, nem são colegas, são apenas companheiras de cela. Ela se sente mais à vontade em falar para mim somente, do que se expor ao grande grupo. Talvez tenha medo de julgamentos ou brincadeiras que possam machucar.

A maioria delas trouxe fotos dos filhos, dos pais, do namorado, enfim, na maioria das vezes, eram fotos de pessoas que tinham algum tipo de laço sangüíneo com elas. Mas houve duas participantes que trouxeram cartas de amigas, o que prova que naquele momento uma pessoa amiga, e não necessariamente um familiar, estava fazendo a diferença na sua passagem pela Penitenciária.

Mas lembrar dos amigos não é comum. Eles geralmente se afastam quando uma pessoa vai presa. Tem que ser muito amigo para continuar a amizade, mesmo depois que alguém vai preso. Como as presas mesmas dizem: *“Na cadeia é que a gente vai ver quem é realmente amigo”*.

Ao lembrarem dos familiares, elas dizem que lembram com muitas saudades e todos os dias, várias vezes, olham aquelas fotos e cartas, e antes de irem dormir, rezam pelos seus entes queridos, pedindo proteção e luz para a vida deles. Ou seja, o amor de mãe, de avó, de filha, não foi sucumbido pela experiência da cadeia. São mães, avós e filhas como as outras que estão livres, ou melhor, do lado de fora da prisão. O amor, a dedicação, a saudade são as mesmas de um cidadão livre. Não existe diferença nos sentimentos humanos, pois todas elas e as pessoas livres são seres humanos, e como tal merecem o respeito e o direito de verem seus filhos, netos e pais.

Os familiares são sempre lembrados pelas presas, quando o assunto é a saudade. Elas lembram dos parentes mais próximos, filhos, pais, netos. Os parentes mais distantes, como primos e tios, acabaram se afastando bastante do contato com elas após serem presas. Os pais continuam sendo aquelas visitas sempre freqüentes, com quem elas realmente podem contar.

Essas lembranças (fotos, cartas, etc.) amenizam a saudade, pois é um momento em que se encontram com seus entes queridos e conseguem ficar um pouco felizes vendo aquela imagem ou lendo aquelas frases.

No decorrer da atividade, solicitei que as detentas confeccionassem um presente com folha de papel e lápis para uma pessoa querida. Todas elas decidiram confeccionar

uma carta, que entregariam para uma pessoa amiga. Colocaram, nesse documento, o porquê de lembrar de tal pessoa, a importância dela em suas vidas e o amor que sentiam por ela.

Após ler todas as cartas, percebi que elas escreveram não só para seus pais, mas também para alguma amiga ou um filho. Às vezes, algumas famílias discriminam-nas por estarem presas, e é nessa hora que uma pessoa amiga faz a diferença, sendo o seu alicerce nas horas difíceis. Principalmente amigas, que estão passando ou já passaram pela mesma situação, pois compartilham da mesma experiência, estar ou ter estado presa.

Uma das participantes colocou em sua carta que o presente que gostaria de dar aos seus pais era a sua liberdade. Isso me marcou muito, pois afinal num mundo tão globalizado como o de hoje, onde as pessoas estão mais preocupadas com bens materiais do que com sentimentos e valores humanos, elas estão pensando em dar a sua liberdade a seus pais, pois não querem mais vê-los sofrer. Considero isso muito bonito e de grande valia.

E não é só porque estão presas que pensam assim, pois poderiam pensar em sair da cadeia e continuar com o mesmo pensamento de quando entraram. É porque muitas estão percebendo que o dinheiro, carros e valores fúteis não levam a nada. Uma vida de aparências não é felicidade. Felicidade é muito mais que ter dinheiro para satisfazer suas necessidades supérfluas, seu orgulho sua vaidade. Felicidade é poder estar livre para compartilhar, com seus entes queridos, principalmente a família, momentos de amor e comunhão.

Neste encontro, uma das presas relatou que não via e nem sabia notícias de seu filho mais velho há seis meses, e essa dor estava sufocando-a, já que nem ao menos sabia notícias de seu querido filho, aquele que a ajudava tanto em todas as horas, principalmente as difíceis.

Ela sente-se culpada por sua condição, já que o filho está na rua, e ela não pode protegê-lo. Assim, através de orações e da fé, essa mãe reza para que *Deus* fique encarregado da condição de proteger o filho, afinal para ela isto não é possível.

Ela relatou que o menino estava sob a guarda da avó paterna (sua sogra), já que o marido também estava preso. Disse que tinha medo de pedir para algum funcionário da penitenciária (assistente social, psicóloga, etc.) para vê-lo, pois já havia ouvido outras presas falarem que, se ela fizesse alguma reivindicação nesse sentido, sua sogra perderia a

guarda provisória de seu filho. E decididamente não era isso que ela queria. Sabia que o menino estava sendo bem cuidado pela avó e não queria que ele fosse retirado dela. Só almejava vê-lo, saber notícias do menino.

Naquele momento, percebi o quanto a situação de estar presa torna as pessoas receosas e amedrontadas, pois a detenta só precisava conversar com alguém que pudesse lhe informar uma maneira de ver seu filho, ou que o menino soubesse que ela precisava vê-lo.

Percebi que elas achavam que qualquer coisa que pedissem iria incomodar os funcionários. Qualquer dúvida ou esclarecimento já seria motivo de represália ou castigo. E certamente seja assim. A estrutura já está organizada e, para mexer, é difícil. As pessoas não querem se mobilizar para nada. Tudo é difícil de resolver, ainda mais quando é do interesse das presas e dos presos.

Logo após essa mãe relatar sua situação muito comovida, uma outra presa compartilhou com ela uma situação parecida que passara em outro momento em que estava presa. Mas, ao contrário da colega, foi procurar seus direitos e falou com as pessoas competentes a lhe dar ajuda.

Na verdade, o que aquela mãe precisava era ouvir uma palavra de incentivo e esclarecimento, como de fato aconteceu. Uma ajudou a outra naquele instante de angústia. Pedi para que elas se unissem e falassem com as pessoas competentes a lhe darem uma informação cabível.

Na semana seguinte, quando cheguei ao nosso encontro, perguntei como tinham resolvido aquele caso e fui informada que o filho tão querido, tão esperado por aquela mãe cheia de saudades, tinha ido visitá-la no final de semana, e ela estava muito feliz por isso.

Tomei esta iniciativa de responsabilizar as duas presas pela resolução do problema, de forma proposital. Minha intenção era de poder propiciar àquelas mulheres um momento de comunhão, de solidariedade, de troca. Tentei fazer com que se ajudassem para perceberem que um outro tipo de relação, mais humana, é possível, mesmo no presídio.

Toda essa conjuntura mostra que o sentimento materno é universal, ou seja, mãe é mãe em qualquer lugar ou situação. Mesmo essa mãe tendo sido condenada, continuou a amar seu filho, a querer vê-lo bem. Ela foi condenada, mas isso não lhe tirou o direito de ser mãe. Está presa, mas continua sendo a mãe tão querida para seus filhos.

Sendo assim, é preciso romper com o estereótipo de que todas as pessoas que estão presas são pessoas de índole má. O senso comum nos faz acreditar nessas premissas, mas é preciso relativizar essa crença, e perceber sensivelmente que aquelas pessoas são como as outras, têm as mesmas necessidades e as mesmas funções sociais.

### 5.7 Todos iguais e tão desiguais!

Tema: Desigualdade

Encaminhamento das atividades:

- pedir às presas que escrevam numa folha de papel o que é desigualdade para elas;
- colocar essas respostas dentro de um saco;
- sortear as respostas, uma de cada vez, e ir dialogando com o grande grupo sobre o que pensam sobre o que diz naquela tira de papel;
- elencar, através de votação, qual o pensamento que mais denota o momento que estão vivendo;
- levar a poesia *Perfeição Imaginária*, de Jaques Marnei de Souza Ribeiro, do livro **O pensamento é livre** (2002) para discussão, transpondo a desigualdade local (a qual estão vivendo) e aprofundando a discussão para uma realidade mais ampla, política e econômica, para entender o porquê das situações de exclusão;
- questionar como seria o sonho de uma sociedade igualitária enquanto oportunidades e que respeitasse as diferenças;
- perguntar se elas gostam de se maquiar e arrumar os cabelos, já que o tema da próxima aula é a questão da valorização pessoal, e penso que as mulheres de maneira geral gostam de se pentear, maquiar.

Relato do encontro:

Ao iniciar o encontro de hoje, resolvi ler e discutir com as participantes alguns tópicos que elas já haviam relatado sobre o que significava para elas a questão da desigualdade.

Em apenas uma ou poucas palavras, elas elencaram algumas opiniões sobre a desigualdade que estão enfrentando. Assim, relatarei a seguir quais foram os sentimentos citados pelas presas: abandono; *a desigualdade que sinto aqui é de não ter nada pra repartir com outras e me chamam de rosto*<sup>7</sup>; preconceito por ser ex-presidiária; rejeição; incompreensão.

Elas relataram, através de discussão em grupo, que a pior dificuldade que enfrentarão será o preconceito da sociedade por serem ex-presidiária. Elas acreditam que mais do que a humilhação de estarem presas, será a humilhação advinda das pessoas da rua ao saberem que são ex-presidiárias. Ali dentro, elas acreditam que são todas iguais, não existe diferença, são todas presidiárias, mas, ao saírem da prisão, têm medo do preconceito, da incompreensão dos demais com relação a sua passagem pela Penitenciária.

Existe o estigma social, ou seja, a pessoa após sair da cadeia estará marcada por ser ex-presidiária e, talvez por isso, acabará recebendo muitas propostas de voltar a participar de alguma situação que possa fazer a pessoa retornar à prisão. Isso vira um círculo vicioso, para muitas pessoas, “uma vez presidiária, sempre presidiária”.

Mas elas ainda acreditam que, se tiverem o apoio da família e se afastarem das pessoas que direta ou indiretamente as levaram para ali, pensam que seguindo esse caminho não enfrentarão tantas dificuldades.

A Sara<sup>8</sup>, uma das participantes da pesquisa, relatou neste encontro que, além de ter medo do preconceito após sair da penitenciária, alguns traficantes já estavam procurando um de seus filhos, porque eles queriam saber se ela serviria de mula<sup>9</sup> para eles após sair da prisão. Essa situação assusta muita a Sara, pois a mesma argumenta que era o marido que traficava, ela não fazia esse tipo de serviço.

Essa situação demonstra que, ser mulher de preso ou ex-presidiário, estigmatiza o olhar que a sociedade vai dar a essa mulher, mesmo que ela não ajude o marido a realizar o mal feito. Sara, como as outras participantes da pesquisa, acreditam que ser mulher de preso ou ex-presidiário, para as pessoas pobres, é condicionante, exceto no caso da cantora Simoni, a qual recebeu apoio da mídia, quando o ex-marido estava preso.

---

<sup>7</sup> Na linguagem carcerária, *rosto* significa pessoa egoísta, que não divide o seu alimento, sua roupa, etc., com as outras pessoas. Na cadeia se pensa que tudo é de todo mundo, não existe individualidade, até porque dentro de uma cela de seis metros quadrados, em que todos fazem suas atividades a vista de todos, não existe privacidade nenhuma, nem mesmo para a realização da higiene pessoal.

<sup>8</sup> Nome fictício dado a fim de preservação da identidade da participante da pesquisa.

<sup>9</sup> Pessoa que transporta a droga.

Penso até que não é a marca ex-presidiário que condiciona e estigmatiza a pessoa. É ser principalmente *POBRE*, porque, se a pessoa é presa, mas rica, tem poder, a situação muda, se inverte. Isso é uma hipocrisia.

As participantes da pesquisa falaram neste encontro, que, por mais que tentassem, não cometerem os mesmos erros ou deslizes. Por mais que não fossem traficantes, ao saírem da prisão levarão essa marca de forma negativa, ser ex-presidiária! E algumas talvez voltem para a prisão, pois como argumentou uma moça que é reincidente, quando a pessoa sai da cadeia, muitas vezes, não tem dinheiro para se sustentar e sustentar a família, e infelizmente acabam voltando a cometer pequenos (ou muitos) delitos, porque não tem condições de comprar comida, pagar as contas, etc. Quando pedem emprego, na maioria das vezes, recebem um *não* como resposta, pois quem irá dar emprego a uma ex-presidiária.

Algo que me marcou muito neste encontro foi o fato de ouvir as participantes conversarem que, muitas vezes, a polícia e as autoridades judiciais são parciais na condenação dos crimes. Uma das participantes, a Jose<sup>10</sup>, argumentou que foi para a cadeia por um crime que nem cometeu, assim como a Sara, a qual argumenta que seu marido era traficante, mas ela não, e outras também alegam o mesmo discurso.

Elas desconfiam que a polícia sempre as veja como presas. Mesmo que estejam em liberdade, uma vez presa, sempre suspeita. E essa situação incomoda, traz angústia e medo.

Após saber dessas circunstâncias, percebi que as autoridades precisam ser mais sensíveis e analisar caso a caso. Não dá para julgar de forma homogênea as pessoas. Cada caso é um caso. Não justifico o tráfico de drogas, o roubo, os assaltos, etc., mas penso que esses crimes, dependendo da situação em que acontecem e como acontecem, podem ser julgados de maneira mais justa, sem necessariamente condenar a pessoa ao regime de reclusão da liberdade, mas a uma pena alternativa, na qual o réu possa ser obrigado a prestar serviços à comunidade.

Esse serviço pode ser até mesmo realizado nas instituições da cidade de Rio Grande como, por exemplo, o orfanato, o asilo de pobres, e outras instituições sociais tão carentes de funcionários e atividades que possam contribuir para a melhoria dessas instituições, para a comunidade local.

---

<sup>10</sup> Nome fictício dado a fim de preservação da identidade da participante da pesquisa.

A Jose, em um momento do encontro, deu o seguinte depoimento, o qual me chamou bastante a atenção e que serve para a reflexão de toda a sociedade civil e as autoridades competentes. Ela disse o seguinte a respeito da sua concepção sobre a cadeia e a massa carcerária:

(...) A cadeia era pra ser assim ó, preso era pra ter um serviço, era pra trabalhar, todos, não ficar comendo e dormindo, escutando rádio todo dia. Cada um era pra ter uma função, trabalhar. Agora muitos bate e volta toda a hora, claro aqui casa e comida. Traficam aqui dentro. O que que adianta, me diz, o que que adianta. Eles vêm pra cá dormi e comê (...), eles saíam daqui com diploma. Se fizesse assim muitos se recuperavam, (...) agora se botassem umas empresa aqui dentro, botasse uns serviço aqui (...) (Diário de Campo, 12/09/05)

Esse relato revoltado da detenta nada mais é do que sua indignação com a política e o sistema penitenciário. Compartilho com ela da mesma indignação, pois também penso que as pessoas trancafiadas num espaço pequeno muitas vezes não têm condições de se “recuperarem” <sup>11</sup>.

Elas ainda reclamam muito do tratamento que lhes é dado pelas autoridades judiciais. Argumentam que aos homens presos lhes são dados maiores e melhores condições e benefícios. Uma das participantes disse que, enquanto duas ou três mulheres são soltas durante um ano, cinco ou seis homens são soltos ao dia.

Elas sofrem muito com o machismo que é imposto na cadeia, até porque a PERG foi inicialmente pensada como um presídio essencialmente masculino, e todo aquele aparato dedicado às mulheres, até mesmo para aquelas que estão grávidas ou que são mães, e de repente precisam amamentar, ver seus filhos pequenos, para que cresçam com a presença da figura materna, não é propiciado. Não se pensa nos benefícios das presas.

Gostariam que algumas autoridades passassem um dia como presidiária para ver o que as presas sofrem e, assim, com essa experiência, muitas autoridades certamente construíssem melhores impressões sobre as presas e, por consequência, dariam melhores decisões aos processos das presas.

Elas relataram, neste encontro também, que algumas presas têm preconceito e inveja das outras e, assim, tomam atitudes para prejudicarem umas às outras, numa relação de poder, exercendo a lógica capitalista.

---

<sup>11</sup> Coloco entre aspas a palavra recuperar, pois acredito que é o próprio sistema que produz essas condições. Sendo assim, não irá acontecer recuperação, se o sistema não modificar? O sistema é que tem que mudar e não admitir mais a existência de penitenciárias.

Na verdade, estou começando a perceber o presídio como uma grande empresa, como qualquer outra, com seus funcionários, horários, leis e lucros. O livro Estação Carandiru, de Drauzio Varella e estes relatos que as participantes da pesquisa trazem estão me fazendo perceber que existem leis explícitas e implícitas no sistema de relações dentro do presídio. As relações de poder, a hierarquia e o lucro fazem parte da lógica de relacionamento entre os presos e as presas, além dos funcionários.

Às vezes, do lado de fora, as pessoas têm uma visão ingênua das pessoas que vivem dentro de uma penitenciária. Eu também tinha esta visão. Mas além das relações mercantis que existem, ou seja, do lucro, da vantagem, também existem relações de fraternidade.

Afirmo isto, pois, ao ler o livro Estação Carandiru, percebi que o tratamento dado pelos presos em geral aos estupradores é horrendo, mas, ao mesmo tempo, existe um espírito de proteção nesse tratamento, proteção às suas mulheres, mães, filhas, filhos, sobrinhas, netos, etc.

Quero dizer que, quando um homem é condenado por atentado ao pudor ou violência sexual e chega até a penitenciária, logo na primeira oportunidade seus colegas de cela o estupram, lhe batem, humilham-no e matam. Ou seja, fazem esse homem sentir a mesma dor que uma criança ou mulher sentiu em suas mãos e, logo em seguida, o matam, para não existir a possibilidade de ele cometer o mesmo ato e, pior, com alguma pessoa da família dos outros presos.

Esse fato, por mais horroroso que possa aparecer em princípio, é um ato de compaixão, de cuidado, de proteção. Proteção dos presos com suas famílias, suas mulheres e crianças.

Nesse caso, quem sou eu e quem são as outras pessoas para julgarem alguém que mata nesse tipo de vingança. Será que eu também não mataria outra pessoa, se a visse fazer mal a minha mãe ou irmã? Será que meu pai não faria o mesmo, se visse uma de suas filhas sendo maltratada por um homem? Certamente, sim. Dificilmente um pai ou uma mãe, nesse caso, agiria com cautela e chamaria a polícia para intervir no caso. Não daria tempo. Daqui que alguma autoridade chegasse, o fato já teria se consumado. Então não me resta julgar e sim compreender e, se possível, me colocar no lugar do outro.

## **5.8 Estética**

Tema: Desvalorização Pessoal

Encaminhamento das atividades:

- levar material de pintura e espelho para o encontro, a fim de elas se maquiarem como se fossem para uma festa;
- tentar resgatar um pouco da beleza exterior delas, a fim de que, a partir daí, comecem a buscar sua beleza interior;
- dialogar sobre o desenho *Mulher Reclusa*, de Keila P. e Silva, do livro **O pensamento é livre** (2002).
- fazer com que elas lembrem de uma passagem da vida em que cometeram um ato solidário, exemplo: ajudar um(a) senhor(a) a atravessar a rua, ceder o lugar no ônibus para idoso, deficiente ou mulher gestante, dar um conselho a uma pessoa amiga, etc.;
- elencar os relatos no quadro e, através destes, dialogar a respeito do valor que elas têm para elas mesmas, para a sociedade e para a família, embora estejam condenadas pela justiça;
- questionar quais são seus sonhos de valorização pessoal, como gostariam que fossem vistas pela sociedade;
- para finalizar este encontro, ler a prosa *O apenado e o juiz*, de Luiz Carlos de Oliveira, do livro *O pensamento é livre* (2002). Uma passagem interessante do livro, que fala de uma juíza que humilhou um preso e o mesmo, por coincidência do destino ou não, acabou salvando sua vida através de uma doação de sangue.

Relato do encontro:

Neste dia, senti dificuldade para entrar no presídio, pois quando os funcionários da segurança mudam, a pessoa que não é funcionário, mas desenvolve algum projeto, como eu, tem que se identificar como se fosse a primeira vez que estivesse chegando naquele local.

Pedi à agente penitenciária para chamar as presas. Assim tive que explicar a ela o motivo da minha presença ali e entregar uma lista de quais presas estavam participando do projeto, já que ela nunca havia me visto antes. A mesma realmente atendeu a minha

solicitação, mas deixou-me esperando uns 20 minutos ou mais, enquanto as presas já me esperavam na sala da biblioteca.

Essa demora no atendimento, a dificuldade em chamar as presas é muito ruim, pois eu tenho que estar sempre esclarecendo a minha história e identificando-me como se fosse inédita a minha presença ali. Concordo que devo deixar meu nome e número de documento, mas explicar sempre a mesma história é um pouco desgastante. Parece que os funcionários não se conhecem e, às vezes, realmente não, pois os agentes trocam de presídio praticamente a cada 15 dias, e o número de funcionários nesse setor intuo que é reduzido.

Assim, nesta tarde um pouco complicada, comecei o meu trabalho, percebendo logo de início que faltava uma presa, a qual foi chamada posteriormente pela agente penitenciária. Isso revela o desconhecimento da funcionária sobre os acontecimentos de seu próprio estabelecimento de trabalho.

Então, com o tema já estipulado a ser trabalhado (desvalorização pessoal), comecei o encontro deste dia pedindo para que as presas colocassem seu material de maquiagem em cima de uma cadeira no centro da sala e comesçassem a se maquiar.

Elas custaram a engrenar na atividade proposta. Algumas não quiseram se arrumar. As mais vaidosas, porém, pintaram a boca, os olhos e as maçãs do rosto. Elas riam enquanto se produziam e se olhavam no espelho com satisfação, pois estavam ficando mais bonitas, *“mais bonitas do que já eram”*, como me disse uma participante da pesquisa.

Uma das participantes, que costuma ser acanhada e quieta, mostrava-se bem interessada e feliz hoje. Ela argumentou que os filhos vieram vê-la depois de seis meses sem saber notícias deles. Ela estava alegre e aquela alegria deu espaço para poder se maquiar e se sentir bonita. Na verdade, a maquiagem só realçou a sua beleza externa, pois seu coração já estava alegre, por ter recebido a visita dos filhos no dia anterior.

Elas argumentaram que, no início, quando entram na cadeia, acabam perdendo um pouco da vaidade, mas depois a vontade de se sentir bonita volta e elas continuam a se maquiar.

Elas argumentaram, neste encontro, sobre a questão da desvalorização pessoal, as seguintes premissas:

- quando chegam à prisão é que vão ver quem são os verdadeiros amigos;

- a prisão propriamente dita causa a desvalorização pessoal frente à sociedade;

- na Penitenciária de Rio Grande as presas não podem vestir, nos dias de visitas, calça justa, sapato com salto alto, blusa justa, brincos, relógio, anéis, bonés, óculos de sombra; suas visitas são revistadas e igualmente não podem entrar com esses acessórios e vestimentas; elas ainda argumentam que as visitas masculinas não são revistadas da mesma forma e que os homens podem andar com seus acessórios (anéis, relógios, etc.);

- uma das presas disse que tem a impressão de que as funcionárias do presídio gostariam que as presas andassem com um uniforme laranja; neste momento muitas delas riram e brincaram, dizendo que o uniforme listrado preto com branco talvez ficasse bem, e ainda mais, se arrastassem uma bola de ferro amarrada ao pé;

- a vaidade é sucumbida pela humilhação da revista (para os visitantes) e pelo constrangimento da conferência diária;

- nas visitas até mesmo quando está muito frio, as pessoas devem retirar seus casacos e ir só com a roupa interna até as celas das presas.

Através destes relatos, percebi que a desvalorização causada pelo ambiente prisional está mais associada à questão das proibições, ou seja, há retrições de vestimenta, horários, rotinas que devem ser cumpridas à risca dentro desse ambiente. Sendo assim, as presas não têm nenhuma autonomia para guiarem suas vidas, seus horários, seus mundos.

Isso as desvaloriza, pois não podem fazer nada que esteja fora das regras impostas, senão serão castigadas por isso. São comandadas, e isso se apresenta de forma invasiva, pois antes eram elas que comandavam suas próprias vidas, e hoje, presas, são outras pessoas, que talvez nunca viram antes, que dizem o que devem e o que não devem fazer.

Mas em contrapartida a toda essa situação negativa, um ponto significativo que resiste à prisão é o pensamento. Ou seja, o pensamento na prisão atua como possibilidade de resistência.

O pensamento é capaz de tirar a pessoas presa do presídio, e levá-la aonde ela quiser. As participantes desta pesquisa preferem viajar através da imaginação a ficar enclausuradas na cela, limitadas às paredes, aos muros e às grades da PERG.

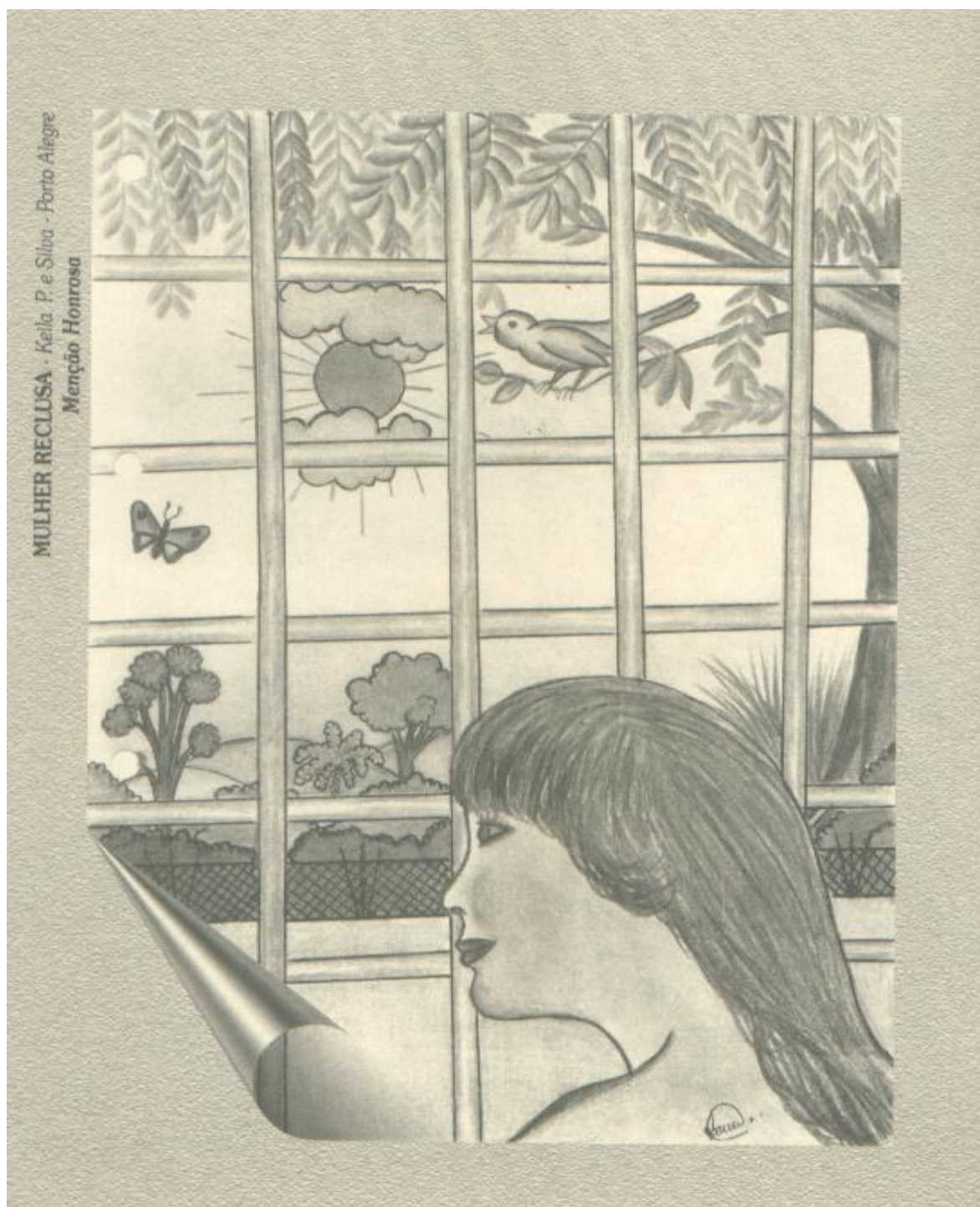
Elas, muitas vezes, como forma de resistência, encaram o presídio como uma passagem de suas vidas. Sabem que, por mais que o tempo seja longo, elas vão sair daquele lugar. Então, para não sucumbir, encaram a prisão como um colégio interno.

Particularmente, admiro essa forma de resistência das presas. Devem ter paciência para esperar a liberdade, e enquanto ela não vem, as detentas vão reinventando a vida, sua história, seus objetivos, suas paixões.

Neste dia ainda levei um desenho, que uma das autoras do livro *O Pensamento é Livre* desenhou. Essa representação retrata a imagem de uma mulher olhando de sua janela gradeada para a rua. A mesma enxerga pássaros, borboletas, grama, sol brilhante. Era uma imagem de uma natureza bela e harmoniosa.

Passei para as participantes visualizarem e obtive os seguintes relatos:

- Elas compararam aquela paisagem, vista pela mulher através das grades, com o que vêem através das janelas de suas celas. A primeira comparação irônica e engraçada enunciada foi quando disseram que das suas janelas elas enxergam enormes ratos e corujas.
- Sara argumentou que a imagem daquela mulher, avistando a rua através de sua janela, é uma imagem conformada dentro do presídio, resignada.
- As participantes acreditam que aquela mulher do desenho tem uma visão positiva da vida, do futuro, por isso imagina aquela imagem através das grades da janela de sua cela.
- Quando as participantes foram questionadas sobre o que enxergam através de suas grades, elas responderam: a casinha do guarda, o cheiro de churrasco, a cadeia, as galerias, a cozinha, o céu, os arames farpados que circundam o prédio da prisão, as falas dos presos dizendo *Bom Dia*.



Jeni, uma das participantes, disse que não fica pensando muito na rua. Pensa mais no seu momento, e tenta encará-lo de forma pacífica, imaginando a prisão como uma passagem e que deve aprender com isso. Mas Jeni e Vitória concordam que sentem saudades da rua.

Neste momento, Ny intervém e diz que, para sobreviver à cadeia, se imagina fora dela. Diz que passeia imaginariamente até o Cassino, o Parque Marinha, até a casa de sua

mãe, através do pensamento, pois esse é capaz de fazê-la feliz, afinal irá viver o que gosta, do seu jeito, com as pessoas com quem quer conviver.

Ny diz que, às vezes, fica imaginando a Rua Presidente Vargas, a iluminação dessa rua, de sua rotina, quando ia comprar o pão e, nesse caminho, enxergava o açougue, depois passava na padaria. Enquanto ela lembrava dessas imagens, as outras também iam lembrando de suas rotinas, do mercado, da casa, etc.

Neste momento, Ny argumentou que não quer ficar pensando no corredor, nas celas, na cadeia e, sim, quer pensar em um lugar onde vai gostar de estar, e através do pensamento viaja pelos bairros de nossa cidade, nas casas de seus familiares, etc. Vive o seu momento, a sua situação, o seu sonho, o seu devaneio, mesmo na prisão. Resiste a ela de forma densa, para que a lógica prisional não corrompa seus pensamentos e suas imagens utópicas.

Enquanto Ny discorria este relato belíssimo, as outras participantes iam se dando conta o quanto seria bom fazer esse tipo de coisa, ou seja, negar o ambiente prisional em pensamento, e viajar para onde quisessem ir através da imaginação.

Em seguida, Vitória e Jeni relataram que faziam caminhadas no pátio do presídio diariamente. Neste momento, pensei se não ficavam tontas em andar em movimento circular em um pequeno espaço. Mas, ao mesmo tempo, pensei que, para aquele tempo vivido naquelas condições, o maior esforço era suportar o ambiente negativo da prisão e não as caminhadas ou a possível tontura.

Elas revelaram que na cadeia ficam desatualizadas com relação ao mundo da rua. Perdem a noção do preço das coisas, e ainda dizem que na cadeia o seu dinheiro rende, já que não gastam com alimentação, e não podem escolher roupas de seus agrados, pois devem andar de tênis, calça e moletom de preferência, pois certas vestimentas são proibidas. Nesse sentido, tentam se atualizar através dos anúncios das propagandas de supermercados, com jornais e folhetos informativos.

Quando pedi para que lembrassem de passagens de suas vidas onde ajudaram alguém, elas logo lembraram de várias situações, como:

- socorrer as vítimas de um acidente;
- entregar um objeto perdido ao seu dono;
- recolher animais feridos na rua;

- encaminhar uma mulher grávida e sozinha ao hospital;
- encaminhar um menino sozinho ao hospital devido a um corte no pé, fazendo-se passar de mãe dele até que a mãe verdadeira chegasse;
- cuidar de sua cachorrinha acidentada;
- aplicar injeção em seus vizinhos e não cobrar nada por isso, mesmo tendo que levantar cedo para essa aplicação;
- socorrer uma criança com convulsões, tendo que aspirar o nariz dela para que a mesma não morresse;
- fazer curativos nos vizinhos.

A intenção de que relatassem essas atitudes foi para ressaltar que elas não são um perigo social, mesmo que a juíza coloque isso em seus processos. Naquele instante, com tantos relatos bonitos sendo expostos, em que fizeram o bem para algumas pessoas, diante daqueles fatos, como poderíamos julgá-las de perigosas, criminosas, se tinham até salvado a vida de algumas pessoas.

Sara lembrou, após conversarmos sobre essas atitudes solidárias, que, quando algumas funcionárias gritam e a tratam mal dentro da prisão, ela chora porque não pode revidar ao tratamento desprezível, já que está presa e “têm” que ser humilhada, desprezada, desvalorizada pelo sistema prisional.

Durante a conversa, elas lembraram de um dia em que algumas presas (que não eram as participantes da pesquisa) estavam “latindo” e “miando” dentro de suas celas. Essa atitude incomodou algumas agentes penitenciárias, as quais repreenderam uma das presas. Mas a presa repreendida, Dona Mazé (uma das participantes da pesquisa), argumenta que não estava tomando tais atitudes e, mesmo justificando-se, foi agredida verbalmente pelas funcionárias, escutando reclamações sem ter feito absolutamente nada. Desse modo, percebe-se que a proposta do presídio é desvalorizar e não *ressocializar*.

Após essa conversa, resolvi ler uma passagem do livro *O Pensamento é Livre*, a prosa *O Apenado e o Juiz*. Percebi que elas gostaram muito do texto, pois fala da relação que o autor tivera com a juíza que o condenou. Essa juíza era rude com ele, e uma vez dissera a seguinte frase ao preso após um pedido feito por ele: “*Por mais que um preso se mostre confiável, seu bom coração é como uma pedra e nem o sangue presta*”.

Final da história: a juíza sofreu um grave acidente e perdeu muito sangue. Por coincidência ou não, o apenado resolveu fazer a doação de sangue sem saber a quem seu sangue seria doado. Assim, foi levado ao hospital e seu sangue, após alguns testes necessários, foi diretamente introduzido de sua veia até a veia da juíza. Quando a juíza acordou, percebeu que foi salva pelo preso que ela havia condenado e humilhado, e dito que nem seu sangue prestava. Frente àquela situação constrangedora, ela pediu-lhe desculpas. O apenado recusou o pedido e disse que não queria que seu sangue pagasse sua liberdade, gostaria de ser merecedor dela.

Nesse caso, fica a reflexão de como a juíza, em seu suposto grau superior, condenou e humilhou o preso, dizendo que nem seu sangue prestava, e um dia precisou desse mesmo sangue para salvar sua própria vida.

Após ler essa história, percebi que as participantes ficaram bem entusiasmadas e, brincando, pediram para que eu tirasse uma cópia da prosa e entregasse à juíza que as condenou, pois elas argumentam que a meritíssima não tem atitudes muito diferentes daquilo que o texto revelara.

A prosa mostra mais uma vez que somos todos humanos, ninguém é melhor do outro e por isso devemos nos respeitar. Hoje são aquelas mulheres que estão presas, amanhã pode ser eu, ou você. Ninguém está livre! Estamos todos *presos*, presos a esse sistema e, mesmo assim, alguns julgam-se melhores que outros.

## **5.9 As lembranças das esquecidas**

Tema: Esquecimento da família e dos amigos

Encaminhamento das atividades:

- pedir para que as presas falem sobre as pessoas que as visitam, quem são e qual o grau de parentesco que possuem com essas pessoas;
- perguntar de quem lembram com saudades e a quem não vêem há algum tempo;
- questionar quais são os pesadelos referentes ao esquecimento;

- ler ou pedir para que alguém leia a prosa *Alicerce*, de Ben Hur Ribeiro dos Santos do livro **O pensamento é livre** (2002, p.101), para que possamos refletir sobre o conteúdo da obra;
- valorizar a importância das pessoas que as visitam; talvez não sejam todas aquelas que gostariam, mas com certeza são pessoas de quem verdadeiramente sentem saudades, e as amam independente da situação em que estiverem.

#### Relato do encontro:

Neste dia, algo me chateou um pouco na dinâmica da instituição. Quero dizer que, desde o mês de julho, estou indo ao presídio e desenvolvendo o meu trabalho. E como era de se esperar, a sala em que eu trabalho estava suja, e a agente penitenciária pediu para que eu esperasse um pouco, pois mandaria alguém limpar.

Algo que deixa um pouco triste é essa situação, pois já faz mais ou menos uns dois meses que eu estou trabalhando lá e parece que é sempre o primeiro dia. Em primeiro lugar, tem toda a problemática da falta de funcionários, pois de quinze em quinze dias os agentes penitenciários mudam de presídio, então não se forma um vínculo entre as pessoas. Outra situação que me aborrece é falar sempre a mesma história, ou seja, identificar-me e dizer o porquê estou ali, qual o trabalho que estou desenvolvendo, etc. Isso cansa bastante.

Até mesmo outros funcionários do presídio, como o pessoal do setor técnico, já compartilharam essa insatisfação comigo, pois quando se pensa que o vínculo e a empatia estão formados, aí mesmo é que a casa muda seus funcionários (agentes penitenciários) e fica um pouco difícil trabalhar com as pessoas sempre se conhecendo. O vínculo é essencial num ambiente de trabalho.

Então esperei até que a sala fosse limpa. Isso durou uns quarenta minutos em média, e dirigi-me até a sala de aula, onde aconteceria o encontro com as participantes da pesquisa.

O tema do encontro desta data era a questão do esquecimento da família e dos amigos, e também já introduzi brevemente a questão do ócio. Ao serem questionadas sobre

o tema, uma das participantes, a Luana<sup>12</sup>, não hesitou em responder dizendo que há seis meses estava esquecida pela família naquele lugar.

Uma outra participante, a Mariana<sup>13</sup>, lembrou que está com muitas saudades de sua filha mais nova. Seu marido ficou de levar a menina no próximo dia de visita de crianças, pois a mãe está com muitas saudades.

Mariana contou que sua filha sabe que a mãe está presa, mas quando a menina é questionada sobre o paradeiro de sua mãe, ela responde que a mãe está no médico. Interessante este relato, pois, segundo a mãe, ninguém disse a sua filha que ela estava no médico. A menina inventou essa história, talvez para se proteger da saudade.

Já a participante Sara está passando por um problema parecido com o de Mariana. A diferença é que sua filha, que ainda não tem um ano de idade, está no orfanato e Sara não sabe notícias da menina. Quer vê-la e já recorreu a uma série de profissionais a fim de que resolvam o seu problema. A última pessoa com quem falou garantiu-lhe retorno. Sara está esperando muito por isso, pois desde que entrou no presídio, há mais ou menos uns quatro meses, não vê seu bebezinho.

Neste encontro, Sara ainda me trouxe um texto que fez sobre a liberdade. Ela é uma participante bem ativa nos encontros, além de ter uma sensibilidade bem aguçada e poética. Faz textos com muita carga poética.

Neste dia, eu li para elas uma passagem do livro **O pensamento é livre**, que fala de um rapaz que foi preso e cujo pai ia sempre visitá-lo na prisão. O autor coloca que seu pai é seu alicerce, uma pessoa muito importante em sua vida, aquele que está sempre do seu lado em todos os momentos.

Mas esse pai estava demonstrando sinais de cansaço ao ver o filho preso. Ia sempre visitar o filho na cadeia, mas sua aparência cansada não era fácil de ser disfarçada, e o filho estava notando a angústia do pai tão querido. Ao ver seu pai triste e cansado, ia sentido um remorso muito grande, por não tê-lo poupado dessa dor tão profunda. E é com esse sentimento de culpa e de carinho pelo pai que o autor da prosa escreve palavras tão bonitas no livro.

---

<sup>12</sup> Nome fictício dado a participante da pesquisa a fim de que seja preservada a sua imagem.

<sup>13</sup> Idem.

Li esse trecho do livro para as presas e, ao término da leitura, muitas das participantes da pesquisa emocionaram-se, assim como eu. Uma delas não conseguiu conter as lágrimas, pois lembrava de seus pais com muitas saudades, e se arrepende de não tê-los ouvido quando a aconselhavam. Talvez, se tivesse ouvido seus pais alertarem dos perigos da vida, não estivesse presa hoje. O sentimento de que o autor do texto falava era o mesmo que as presas sentiam: remorso e culpa por fazerem os pais sofrerem.

Então, como proposta de trabalho, pedi para que as participantes desenhassem ou escrevessem numa folha de papel o que e como aquela leitura mexeu com elas. De que forma aquelas palavras tocaram-nas, e que esse sentimento fosse passado para o papel através de uma forma de linguagem.

Elas lembraram mais dos familiares, da mãe-avó, da filha adotiva, dos filhos, do filho mais velho. Uma das participantes, a Sara, chegou a mencionar que a cruz que ela carrega é tão pesada quanto a cruz que Cristo carregou. A cruz que ela carrega é tão pesada que mil homens não conseguiriam levá-la. Isso demonstra o sofrimento que sentem, a dor e a culpa que carregam por fazerem os pais e os filhos sofrerem.

E para finalizar a atividade, questionei sobre o que achavam sobre o ócio no presídio. As participantes acreditam que o ócio no presídio é um castigo, uma punição, e que para passar o tempo elas acabam dormindo, lendo um livro, fazendo um tricô ou crochê. Arrumam uma atividade para fazer, a fim de que o tempo passe mais rápido.

O ócio no presídio é uma espécie de punição. Faz parte de todo o aparato institucional de reclusão física e psicológica. O estado de não fazer nada todos os dias é enlouquecedor e angustiante. Por isso, algumas presas acabam muitas vezes brigando, inventando fofocas, porque não têm o que fazer e se apegam às menores e piores situações para reinventar a prisão. E essa é a maneira menos criativa e solidária de se reinventar o presídio.

Algumas presas ainda inventam o seu passatempo. Criam e recriam coisas para fazer, para passar o tempo mais rápido, pois a espera pela liberdade é quase eterna.

Muitas vezes, para encarar o ócio e o esquecimento do ambiente prisional, as presas que possuem mais habilidades com as palavras, compõem poesias. Essas denunciam os seus mundos e exploram seus sentimentos mais profundos. As poetisas da prisão geralmente encaram a poesia como uma possibilidade de esquecer as saudades e reinventar o tempo, que não passa.

Nesse contexto de tanta exclusão, espero estar proporcionando momentos mais criativos, pois tento não trabalhar com fofocas e brigas e, sim, com imagens que possam reinventar e criar uma nova percepção para as presas. Sonho com a possibilidade de estar colaborando com a vida delas de forma positiva.


O meu alisargo e 03/10/2005

minha filha ela vem nos  
 visitar sempre que da porque  
 fica difícil e eu e meu filho  
 que estamos preso - ela nos da força  
 para sobreviver aqui nesse lugar  
 onde as pessoas são esquecidas pelos  
 parentes - a distancia permite a saudade mas  
~~minha saudade~~ ~~minha~~ esquecimento  
 da qui quero voltar minha vida  
 normal com minha familia e tentar  
 esquecer que um dia estive aqui sem  
 minha liberdade.



 Maria Elena.

03/10/2005

O meu alicerce.

O meu alicerce é meu filho Douglas, Tenho quatro filhos, mas o meu alicerce é Douglas pois ele é filho que apesar de tão pouca idade tem me apoiado em várias momentos difíceis da minha vida. Hoje ele está lá na rua sofrendo a saudade minha e do pai e é por ele que eu preciso ser forte nesse lugar e encontrar forças para chegar ao fim da minha caminhada.

Tenho certeza que essa caminhada é menor do que eu pensava e logo em breve estarei junto dele, aliviando-o de todo e qual quer sofrimento.

E juntos ficaremos todos nós e jamais vamos nos separar.

Tenho muito orgulho de você filho!

Te amo!

Tua mãe

Angela.

03.10.2005

Meus filhos!

Deus me deu o dom de ser  
mãe e meus filhos são a minha  
riqueza, sem eles a vida seria  
monótona, não tive carinho de  
pai e mãe mais não é por isso  
que meu coração empedrou e  
Tenho muito Amor para dar a  
eles porque passei muita dificuldade  
de na vida mais nunca me separei  
deles.

Hoje a realidade é outra não  
Tenho meus filhos ao meu lado  
mais com muita esperança no meu  
coração. Um dia vamos recuperar  
Todo o Tempo perdido.

Porque o Tempo não  
passa.

Mas o Amor de mãe é

Eterno!

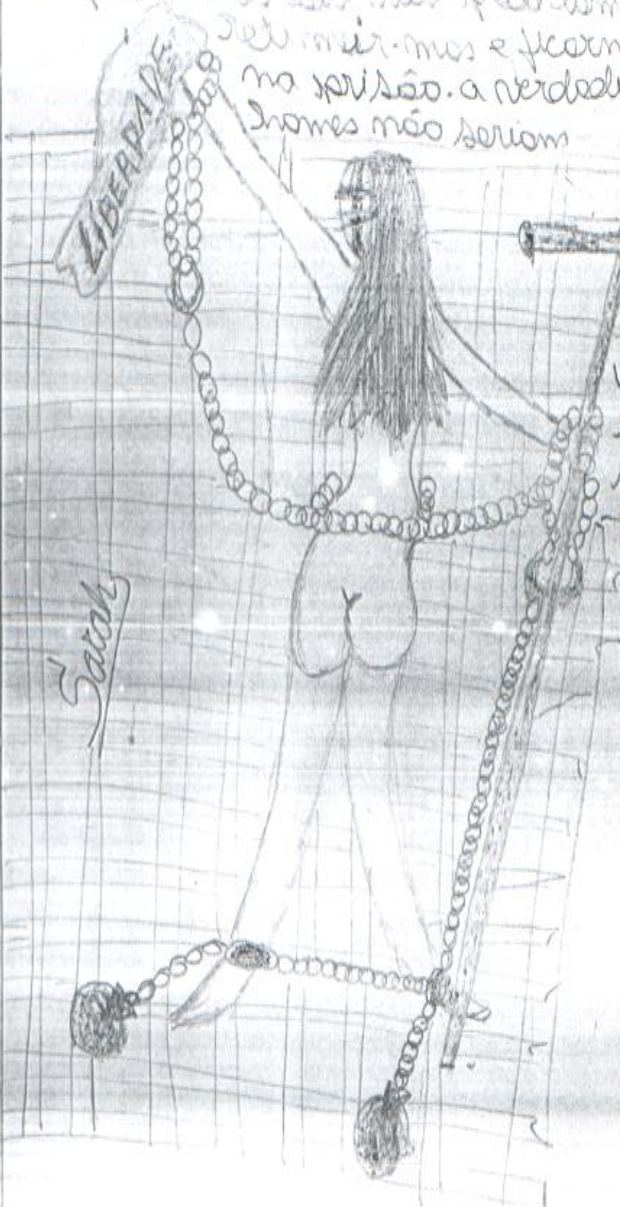
Minha Mãe!

Minha Mãe, me escrevi datu que tinha 5 meses  
ela é minha mãe, uma mãe que sempre  
fez todas minhas vontades e ela que muitas  
vezes foi engratada, não valorizava como deveria  
e que ela sempre fez por mim, depois de já ter  
os filhos aliada, passou por muito mal de vida  
para cuidar de sua mais nova filha, sempre  
me deu bons conselhos, graças a Deus posso dizer  
que minha família é bem estruturada, sempre  
me deram ~~bons conselhos~~ boa educação, nunca passei  
fome, nunca passei frio, mas meu coração mudou  
totalmente minha vida, não quis mais exaltar  
as coisas que se queriam me mostrar prestígio  
das coisas do mundo, meus pais sempre me  
amaram demais e o único erro que eles cometeram  
foi que eles cometeram algum erro, foi de não me  
dizer a palavra "não" foi a falta de um castigo  
rigido, o amor deles sempre foi tanto que acharam  
que se me dolessem não poderiam me machucar, mas  
me sabendo que a falta de um não poderia trazer pro-  
blemas maiores. Mas eu como já era uma mulher  
maior de idade achava que tudo sabia e que minha  
vida quem comandava era eu. Hoje a todo momento  
peço perdão pra minha Mãe, pois sempre me alio a  
ela, eu que me achava a dona da verdade, foi o amor e  
o amor que não a vejo e hoje dá demais ela tem 81 anos  
e não quero que ela me veja neste lugar não terá bom  
nem pra mim nem pra ela, mas quero que ela sempre  
saiba que é tudo pra mim, meu coração, minha vida  
e com certeza ainda terá muito orgulho da filha que  
ela muito ama, peço a Deus que não seja tarde  
demais! Te amo mãe!

Janaína Leres

Nos presídios, cortegomo o peso da pã, que carromos  
 nossa própria vida, ela é tão pesada quanto a cruz que  
 Jesus carregou tão humilhante quanto as correntes que  
 escravizaram os escravos. tão pesada que mil homens não  
 conseguiriam levantar, tão pesada quando o feto do escr-  
 mo, que necessita usar máscara e colar no peito para não  
 se ferir, mas esta vida pede também ser sacrosanto. Se nos  
 deitarmos e ficarmos em comunhão com Deus  
 na prisão, a verdade é tão pesada que mil  
 homens não seriam

capaz de aceitar a pã  
 mentiro e tão leve que  
 mil homens nela  
 flutuam, mas quando caem  
 é horrendo, sangrento, a  
 verdade por mais pesada que  
 seja e bem mais dura para  
 se carregar porque se cair-  
 mos é mais fácil levantar.



## 5.10 O último e eterno encontro

Tema: Representação e imaginação

Encaminhamento das atividades:

- ler a passagem do livro de Bachelard (1993, p.158), que fala da imaginação miniaturizadora, pela qual um preso foge de sua cela através de uma imagem pintada na parede;
- realçar a importância da imaginação criadora e o quanto ela domina a representação que temos do real, se for trabalhada;
- discutir sobre a possibilidade de corromper a lógica do presídio, a fim de construir valores que inundem a vida de imagens sadias e felizes;
- avaliar o projeto, considerando seus aspectos positivos e negativos;
- discutir as mudanças pessoais ocorridas durante o trabalho;
- pedir para que as presas construam um texto sobre seus sonhos, o mundo que imaginam e a vida que sonham.

Relato do Encontro:

Hoje, ao entrar na Penitenciária, fiz a mesma rotina diária, ou seja, identifiquei-me ao soldado da Brigada Militar do primeiro portão de acesso à PERG com meu crachá feito pelo administrador do presídio. Este documento, criado para a minha entrada no presídio, foi muito bem pensado, pois quando ainda não o utilizava, sempre tinha que identificar-me contando a mesma história, que era aluna do mestrado e que estava ali para desenvolver um projeto com as presidiárias.

Ao chegar até porta de acesso à administração do presídio, deparei-me com uma agente penitenciária que ainda não conhecia, pois o pessoal está seguidamente modificando. Ela disse-me que eu deveria esperar um pouco na sala do setor técnico, pois o presídio estava com alguns “problemas”. Senti certa insegurança nesta hora, pois, ao entrar na cadeia, havia escutado alguns gritos vindos dos pavilhões, e achei que pudesse estar havendo alguma reivindicação por parte dos presos, podendo isso ser transformado em um motim. Acho que a minha angústia foi natural num lugar como esse, e também me lembrei das pessoas que me diziam: “*Cuidado para não ser refém de preso no presídio*”.

Logo após esperar este tempo solicitado pela funcionária, pedi para que uma das agentes fosse buscar as presas e as levasse para a sala de aula ou para a biblioteca. Ela me confirmou que, logo após reunir todas na sala, me avisaria. Esperei trinta minutos. A funcionária não me chamou. Pensei que estivesse esquecida de mim, e pensei certo, pois as presas já estavam me esperando na sala de aula há alguns minutos, talvez os mesmos trinta minutos que eu esperava o retorno da funcionária.

Quando cheguei à sala de aula, a mesma estava muito molhada, com poças d'água. Pedi para a agente penitenciária que fôssemos transferidas até a biblioteca. Locomovemo-nos até a biblioteca e o trabalho iniciou com mais tranquilidade e aconchego.

Algo que me chamou bastante atenção enquanto nos deslocávamos da sala de aula até a biblioteca foi quando uma das agentes gritou com uma presa, porque ela não tinha pego uma cadeira para se sentar e pediu para ir buscá-la. A funcionária não gostou da atitude da presa, que não seguiu as ordens expressas. Acredito que esta funcionária tenha ficado chateada com razão. Mas um motivo tão banal necessitaria daquela atitude agressiva? Penso que não!

Com essa situação colocada, até eu mesma fiquei chateada. Fiquei me sentindo mal, com medo. Está certo que a presa poderia ter levado a cadeira inicialmente quando solicitado, mas penso que aquela atitude agressiva da funcionária não se justifica por um motivo tão simples.

O sistema prisional parece ser desumanizante a todos que por ali transitam cotidianamente. Não só os presidiários sentem-se confinados, mas os funcionários, principalmente os agentes, estão presos também e adotam uma postura rígida de forma geral. Sei que esse ambiente não é de muitas amizades. Existe a necessidade da segurança que deve ser exercida pelos (as) agentes, mas percebo que aquela rotina de enjaular e desenjaular as pessoas nas celas acaba desumanizando os próprios funcionários, pois acabam identificando os presos somente como “criminosos”, sendo que esses são também pais e mães de famílias, filhos adorados pelos seus pais, estudantes interessados, esforçados, criativos, etc.

Aquelas pessoas que ali estão não devem ser reduzidas a um ato, a um erro cometido em suas vidas (se é que erraram, se é que a justiça foi justa: E quem não erra...), devem ser sim analisadas caso a caso, pois nem todos roubam ou traficam por ambição, prazer e poder. Alguns precisam sustentar suas famílias e vêm as maneiras ilícitas de se

conseguir dinheiro como a melhor alternativa. Certamente seja a maneira mais rápida, mas não a mais segura e tranqüila. Já os casos de estupro e assassinatos devem ser analisados com muita cautela, pois certamente essas pessoas possuem algum distúrbio psicológico e precisam ser tratadas por profissionais competentes.

Não que eu pense que as pessoas devem ser absolvidas com facilidade. Devem cumprir uma pena, sim, a fim de responsabilizarem-se pelo seu “erro” com a sociedade. Mas será que as pessoas que cometeram os mais diversos tipos de crimes devem ficar juntas, dividindo suas angústias e sofrimentos em uma cela? Será que não existe uma outra forma de condenar, que não seja exclusivamente a reclusão da liberdade dentro de um presídio?

Penso que sim. Existem outras maneiras de se fazer valer a justiça. Mas esta reflexão serviu apenas para elucidar e fazer pensar sobre o sistema prisional, pois não é meu objetivo julgar as pessoas que lá estão ou absolvê-las. Não sou juíza, nem advogada. Sou pedagoga e mestranda em Educação Ambiental, e quero discutir sim sobre as possibilidades do sonho na prisão, percebendo nestes sonhos os princípios e valores da Educação Ambiental.

Então, falando da atividade propriamente dita, nos reunimos na biblioteca em círculo e começamos a dialogar. Levei uns artigos de jornais que falavam sobre a vida no cárcere, sobre os projetos educacionais e a possibilidade de se fazer poesias na cadeia.

Elas adoraram as reportagens, pois se identificaram muito com os textos em geral. Em seguida, li um fragmento do livro de Bachelard (1993, p. 158), que discorre sobre uma pintura feita na parede de uma cela, em que um trenzinho serve de fuga a um presidiário. Este viaja na pintura, evadindo-se da prisão por alguns instantes através da imaginação. Neste momento lembrei de Ny, uma presa que dizia, em um encontro anterior, que não queria ficar limitada à cela, aos corredores, à prisão. De vez em quando saía daquele ambiente, através da imaginação, e ia no Cassino, no Parque Marinha, na casa de sua mãe, enfim, percorria várias localidades da cidade através da imaginação, assim como o presidiário que embarcava no trenzinho.

Tentei com esta imagem fazê-las refletir que, mesmo estando presas, a possibilidade do sonho não precisa ser sucumbida. Aí mesmo é que o sonho, o devaneio deve aparecer e mostrar-se presente no dia-a-dia, como uma prática de resistência para se evitar a lógica prisional, que é desumanizante.

Pedi, após a leitura do texto, que elas escrevessem numa folha de papel o que acharam do projeto, se nossos encontros foram bons ou ruins, e o que estes acrescentaram nelas. Enfim, pedi para que fizessem um retrospecto das atividades, questionando quais são seus sonhos futuramente.

A maioria escreveu palavras de carinho para comigo, o que me deixa muito feliz, pois percebi que pude levar um pouquinho de esperança, confiança e amizade até elas. Nos escritos, elas colocaram que nunca ninguém se preocupara com elas, e através dos nossos encontros puderam dar mais valor às suas vidas.

Elas pediram para que eu continuasse indo uma vez por semana, quinzena ou mês até o presídio a fim de que continuássemos nos encontrando, pois o que as participantes realmente não querem é perder a oportunidade de conversar, de se expor, de compartilhar e de sair da rotina da cadeia, que é muito entediante e necrófila.

Neste dia fiquei muito feliz e com sentimento de dever cumprido, pois pude perceber que proporcionei a algumas pessoas a possibilidade de tentar corromper uma lógica necrófila que é a do sistema prisional. Elas sentiram-se melhores, mais valorizadas com nossos encontros e puderam perceber que devem sonhar, sim, acreditar e esperar em suas vidas.

A seguir exponho algumas imagens produzidas nesta data.

50/05/05  
/ Os encontros para mim estão sendo muito bom  
Porque agente tem tam pouco espaço.  
Apesar de sermos mulheres.  
tudo para nós e negado.  
Mais o meu maior sonho e sair  
daqui e recomesar de novo. tudo  
outra vez. viver junto com o meu  
filho. e ter um nora rica. tudo  
diferente de antes.  
Ass: P.L

Pico grande 20 de setembro 2005.

Tivemos a oportunidade de receber aqui neste triste  
lugar a presença de uma moça, humilde, sincera  
me parecia já ter tido contato com nós, pois  
nós do grupo sendo apenas pessoas não intimidamos  
a pessoa dela. Ela sempre com olhar sincero e  
dizendo palavras que só coragem nos passou, acredito  
que será uma ótima profissional pois se agora  
se mostra assim com certeza no futuro só fará  
o bem as pessoas. Pois em um lugar deste  
que se vive oprimida, reduzidas a nada  
nos momentos que passamos com ela eu pelo  
menos expresse minhas emoções sem medo  
nenhum. Obrigado amiga se assim posso  
lhe chamar e no futuro talvez eu possa  
lhe encontrar e lhe abraçar pois nunca  
nos tratastes como pessoas fríguas, coisa  
que aqui fazem questão de te fazer lembrar  
a todo momento, neste momento só  
posso te dizer obrigado por aqui, e  
atuar pessoas problemáticas, tristes, angustiadas  
sem presença nenhuma.  
Nunca te esquecerei

10-10-85.

Gottu!

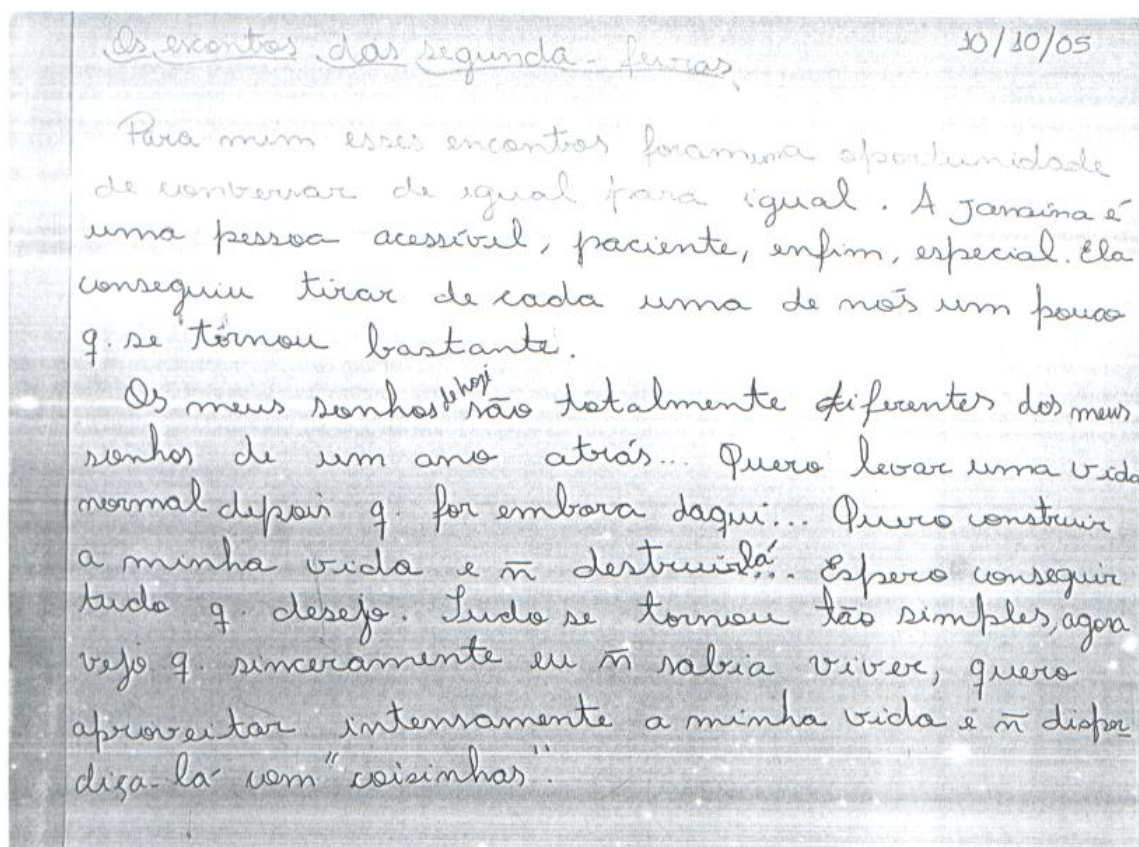
Eu cuto um monte ~~de~~ de encontros, neste  
lugar aprendemos a valer-se as coisas boas, Jomama  
tu és a única que não ficou na promessa, realmente  
tu lembraste-te por nós, em ~~uma~~ aqui tu toda paciên-  
cia para me ouvir, ouvir meus medos, minhas esperanças  
tu um sorriso, uma palavra amiga para me confortar.

Eu gostaria que tivesse mais pessoas como tu em  
todos lugares do mundo, pois é bom saber que alguém  
quer me ouvir sem me julgar, é bom ter este apoio  
ligado.

Eu Sei Deus Andar estar saindo daqui e indo  
encarar um curso de Radiologia, hoje vejo a vida  
com outros olhos, hoje sou outra pessoa, hoje confio  
mais do que nunca em mim, e é que por este neste  
lugar se fortaleceu meu espírito, pois pude superar  
meus medos e não quero comê-lo - ler de volta, posso  
daqui uma nova pessoa, a cada dia que passa agradeço  
deus a Deus pela força, pela fé, pelos obstáculos, pelos  
meus cicatrizes que me fazem triunfar a cada nova  
batalha.

Obrigado, por me ouvir, por me lembrar e  
por ter me dado a chance de falar um pouco de  
mim!

Jomama



### 5.11 Depois do estágio docência

Sentimento de dever cumprido!

Cumpri minhas 20 horas de execução do estágio docência conforme solicitação do Mestrado e da CAPES, e agora deveria realizar o relatório final para entregar à coordenadora do curso, assim cumprindo minha atividade de 60 horas de estágio docência e desempenhando umas das minhas atividades como bolsista e mestranda.

Dever cumprido! Que nada! As presas pediram para que eu não as deixasse, para que eu as visitasse pelo menos uma vez ao mês. Já que elas haviam conquistado aquele espaço, não queriam perder, pois toda a atividade era bem vinda para elas.

Assim, deveria realizar uma nova proposta de intervenção e levar até aquelas mulheres sedentas de conhecimento, de atividade laboral, sem esquecer que a atividade deveria estar relacionada às suas expectativas.

Como já havia feito a coleta de dados a partir dos encontros semanais, não queria mais falar de sonhos, pois já sabia quais eram os seus sonhos. Tornar-me-ia repetitiva, se continuasse perguntando às presas quais eram os seus sonhos.

Então conversei com meu orientador e fui orientada a continuar as atividades, mas mudando um pouco o referencial a ser trabalhado. O professor Victor me sugeriu que, como a época era de Natal, que realizássemos uma ceia natalina com as presidiárias.

Eu, logicamente aceitei a idéia! Achei muito legal! E conversando com uma amiga do Mestrado, a Joice, trocando *figurinhas* sobre nossos trabalhos, ela sugeriu que montássemos uma árvore de Natal também, além da ceia, colocando nas bolinhas e enfeites da árvore os sonhos delas.

Achei a idéia do professor Victor Hugo e da Joice muito boa! Resolvi seguir as sugestões. Mas antes pensava que deveria levar um advogado para conversar com elas e esclarecer as dúvidas que tinham a respeito de seus processos e que eu não conseguia sanar.

Eu me sentia um pouco incomodada quando elas perguntavam muitas coisas sobre o andamento de seus processos, me faziam perguntas muito técnicas, coisas que eu desconhecia, pois sou Pedagoga e não advogada. Não me sentia incomodada em escutar as dúvidas, mas sim em não poder saná-las.

Assim, depois da realização do estágio docência, fiquei mais ou menos um mês afastada dos encontros com as presidiárias. Um dos motivos era de ordem pessoal, pois tinha feito na época uma pequena cirurgia e deveria ficar em repouso durante uma ou duas semanas.

Outro motivo foi quando uma vez liguei para a PERG e falei ao telefone com a psicóloga. Ela me disse que estava acontecendo uma mostra no presídio e por isso, deveria deixar o encontro para outra semana.

Na semana seguinte não pude ir ao presídio, pois alguns funcionários haviam encontrado drogas e armas artesanais na ala masculina da PERG, por isso o local estava em alerta, até mesmo os funcionários estavam apreensivos, pois alguns presos estavam revoltados e reivindicando seus direitos. Então fui orientada mais uma vez pela psicóloga que deveria deixar o encontro para a semana seguinte.

Logo chegou o dia de retornar à penitenciária. Já estávamos no dia 21 de novembro e nesta data pude retornar aos meus afazeres enquanto pesquisadora. A seguir coloco o relato deste encontro.

### **5.12 Recomeçar**

O título utilizado para esboçar este encontro com as presas foi criado com a intenção de ratificar a idéia de que os encontros realizados com as detentas ainda não acabaram, pois elas pediram para que eu continuasse indo até o presídio para conversar com elas e propor atividades diferenciadas daquela rotina, que elas costumam vivenciar cotidianamente.

Este encontro foi muito emocionante, pois algumas delas me esperavam na sala com um olhar tão bonito de saudade. Eu também senti saudades delas, e quando cheguei abracei-as de maneira forte, de forma a sanar aquele sentimento que antes era de nostalgia e agora de alegria por ver que elas estavam ali me aguardando como sempre, com expectativa e entusiasmo, esperando uma palavra amiga, um conselho, um consolo, uma palavra de esperança, ou simplesmente alguém que acreditava nelas.

Esperança, um bom termo que poderia caracterizar o encontro desta data. Afirmo isto porque prometi às presas que levaria um advogado, amigo meu, para conversar com elas, a fim de que ele pudesse sanar as dúvidas que elas possuíam no que se refere aos seus processos, benefícios, direitos e etc.

Elas, em todos os encontros, me fizeram perguntas com relação à parte jurídica do Direito e eu, como pedagoga, não tenho a formação e a informação necessária para satisfazer as dúvidas que elas tinham. Então resolvi falar com um advogado para que ele pudesse me acompanhar até o presídio e conversar com aquelas mulheres.

Assim, através de uma grande amiga, fui encaminhada a falar com um advogado amigo seu. Ele atendeu-me com muita simpatia e disponibilidade no primeiro encontro que tivemos. Dispôs-se, na mesma hora do meu convite, a marcar uma data para acompanhar-me até a PERG, a fim de que pudesse conversar com as presas. Adiantei alguns casos e problemas para ele se instrumentalizar com antecedência.

Então, quando retornei ao presídio e me encontrei com as presas depois desta conversa inicial com o advogado, dei a notícia a elas. As mesmas ficaram muito felizes,

perguntaram-me até se ele resolveria o problema delas, ou seja, tirá-las da prisão. Esse, acredito que é o maior e o pior problema que elas possuem, estarem presas.

Logo, pedi para que elas pensassem nas perguntas que gostariam de fazer ao advogado com antecedência, que aproveitassem este momento único para esclarecer seus questionamentos com bastante precisão.

Ainda neste dia, além de dar esta ótima notícia a elas, pedi para que pensássemos como seria nossa festa de final de ano. Elas ficaram surpresas e felizes por poderem ter uma festa de Natal no mês de dezembro.

Pensamos nos preparativos da festa, na ceia, na árvore de Natal, nas lembranças que entregaríamos aos familiares no amigo secreto, enfim, pensamos em muitas coisas legais para enriquecer a época de Natal, para que, ao invés de ficarem tristes, com saudades da família, pudessem lembrar que tiveram uma festa no presídio, certamente não a festa dos seus sonhos, mas a festa que seria possível realizar.

Logo após o término deste encontro, dirigi-me até um dos administradores do presídio a fim de pedir-lhe autorização para levar o advogado ao encontro das presas em uma próxima oportunidade.

Ao fazer o pedido ao funcionário, senti certa resistência na sua postura. Eu disse a ele que gostaria de convidar um colega advogado para conversar com as presas, pois elas tinham dúvidas que eu não conseguia sanar devido a minha formação não ser a área jurídica e sim a educacional. Disse ainda que me sentia na obrigação de dar este retorno às presas, pois já que elas haviam contribuído para a minha pesquisa, acreditava que mereciam algum retorno da minha parte, pois não as percebia como ratos de pesquisa de laboratório e sim como pessoas que possuem sentimentos.

O funcionário ainda assim resistiu duas vezes ao meu pedido, dizendo-me que elas sabiam tudo sobre seus processos, e que o advogado da casa estava sempre à disposição, sendo a minha intenção desnecessária.

Após muita insistência da minha parte, consegui escutar um sim como resposta do funcionário. Ele autorizou a possibilidade do encontro das presas com o advogado, desde que ele levasse a carteirinha da OAB, identificando-se.

Foi difícil convencer o funcionário, e quando o convenci fiquei feliz. Desta situação tirei uma lição interessante. Penso que estou começando a incomodar a estrutura do

presídio. Estou começando a incomodar algumas pessoas, além de estar desenvolvendo um trabalho belíssimo com as mulheres, pois a relação que está se estabelecendo é de confiança e amizade, muito mais que uma situação esporádica de pesquisa.

Sei que um dia esta pequena intervenção terá fim, e o ideal é que as coisas continuassem acontecendo sem a necessidade da minha presença, pois isto provaria que as pessoas que lá vivem e trabalham começariam a ter outros referenciais de conduta e relação humana. Mesmo assim, penso ser um pouco difícil esta proposta, pois, para que isso possa acontecer, todo o sistema prisional deveria mudar a sua filosofia ou, quem sabe, nem existir, e sim existirem outras formas de penalidade.

### **5.13 O encontro com o advogado**

Com a autorização do administrador da Penitenciária, neste dia, eu e o meu amigo advogado fomos até o presídio, com a intenção de conversar com as presas. Mais precisamente ele conversar com elas.

O advogado deixou as presas bem à vontade, contando brevemente um pouco da sua história de vida. Falou com tranquilidade a respeito do crime, sua visão nada preconceituosa a esse respeito.

Enquanto falava suas primeiras palavras, uma das detentas, a Ny, interrompeu o advogado já querendo esclarecer suas dúvidas. Então, pedimos para que ela o deixasse primeiro falar para depois esclarecer as dúvidas que pudesse ter.

Ny falou com indignação sobre seu processo / condenação. Ela se considera como bode-expiatório, diz que não cometeu o crime que a acusaram de cometer e pelo qual foi condenada. Esse caso é um dos mais diversos casos na PERG. Por mais que pensemos que todas fizeram alguma coisa para estarem lá, acredito que essa afirmação não seja tão real, pois percebo na fala de algumas presas que não foram as reais responsáveis pelo crime que foram julgadas, mas mesmo assim estão cumprindo a pena. Não pensava desta forma antes de entrar em contato com elas.

Fiquei feliz por elas se mostrarem falantes neste encontro e estarem contando sobre suas histórias. Certamente revoltadas pelas suas condições, mas acredito que o advogado contribuiu muito com sua argumentação.

Percebi, no decorrer da conversa, que vários funcionários passavam pelo lado de fora da sala onde estávamos, e nos olhavam atentamente através de uma janela envidraçada. Senti certa insegurança por parte destes funcionários. Pareciam estar vigiando o que estávamos fazendo. Eles certamente se incomodaram com a nossa presença.

Já perto de acabar o encontro, fui chamada por um funcionário e ele me perguntou se o advogado que ali estava faria alguma petição. Eu nem sei o que significa essa palavra para o ramo do Direito, e ele veio perguntar isso logo para mim?!

Disse a ele que nem eu nem o advogado faríamos nada, pois o advogado apenas estava esclarecendo algumas dúvidas das presas e casualmente uma delas era cliente dele. Assegurei o funcionário que o advogado que me acompanhava não passaria por cima da autoridade do advogado da PERG, mas sim esclareceria algumas dúvidas das presas e o que estivesse ao alcance dele, ele faria, mas sem desacatar nenhuma autoridade da instituição.

O funcionário, após escutar meu depoimento, parecia mais tranqüilo, sorriu-me um sorriso *amarelo* no canto da boca e tranqüilizou-se. Nunca pensei que pudesse chamar tanto a atenção daquela pessoa. Ele, que praticamente não me conhecia, a partir daquela data, sabia até o meu nome.

Percebi muita resistência e medo por parte de alguns funcionários. Parece que nesta data eu e meu amigo mobilizamos o presídio.

Hoje ao lembrar daquele funcionário experiente e de suas atitudes inseguras frente a minha pessoa, tenho vontade de rir. Eu, uma simples mortal, que passava despercebida por muitos, estava chamando a atenção e me tornando *perigosa* para algumas pessoas.

Ao mesmo tempo em que os funcionários ficaram com medo de alguma reivindicação, percebi certa hipocrisia no ar. Afirmo isto, pois senti que só porque eu estava acompanhada por um advogado, algumas pessoas começaram a me ver de forma diferente. Começaram a me tratar muito bem, até com sorrisos, coisa que nunca havia acontecido. Sabiam até meu nome, algo que pensei nunca terem se preocupado em saber. Chega ser até engraçado!

Penso que o advogado cumpriu muito bem o seu papel. Conversou com as presas por bastante tempo, sendo bem sincero com elas. Prometeu dar retorno de algumas coisas para algumas delas e se colocou à disposição.

Foi bem interessante este momento do trabalho, pois pude reivindicar por alguns direitos das presas, principalmente o direito delas saberem quais são os seus direitos. Isto me deixou muito feliz como pessoa.

O advogado ficou de resolver o caso de uma mãe que está presa, a Sara. Ela não vê sua filha há muitos meses, desde que entrou na prisão. Ficaria muito feliz se pudesse presentear essa mãe com a visita de sua filha.

Enfim, o encontro deste dia foi muito bom, pois as presas puderam conversar e desabafar todas as suas angústias com o advogado que levei até elas.

#### **5.14 Os preparativos para o natal**

Hoje notei que algumas dúvidas foram bem resolvidas pelo advogado. Digo isto, pois as participantes da pesquisa não reclamaram nada sobre o tratamento da penitenciária. Parece que já sabem quais são as atitudes certas e as que não estão corretas dentro do relacionamento entre as pessoas que moram e trabalham numa penitenciária.

Propus que fizéssemos, neste dia, uma atividade de confecção de cartões de Natal, conforme elas mesmas haviam sugerido, para entregarem a suas famílias, companheiros, amigos, etc.

Elas pareciam bem concentradas na atividade. Percebi que a atividade manual gera um clima harmonioso na sala. Elas se concentram e parecem que esquecem pelo menos por alguns instantes a condição de presidiárias.

Para a confecção desses cartões pedi que as presas se concentrassem e fizessem algo muito bonito e especial para presentear um ente querido. Elas ainda se mostraram interessadas e entusiasmadas com a ceia de Natal, que combinamos de realizar no dia 19 de dezembro.

Algumas presas aproveitam esse espaço para conversarem com algumas pessoas dos outros pavilhões que passavam pelo corredor de acesso ao pátio, principalmente seus namorados. Eu fico com medo dessa situação, pois algum funcionário pode ver e impedir que o projeto continue devido essa situação.

Mas, ao mesmo tempo, se proibir, sinto-me estranha, em contradição, ao dificultar essas conversas paralelas que são geralmente muito rápidas. Digo isto, pois como o meu trabalho enfatiza os sonhos, como posso me tornar alguém que impossibilita manifestações

de alegrias, de prazer? Então frente a esta dúvida, peço que elas sejam breves ao conversarem com seus namorados no corredor, pois algum funcionário pode ver e não gostar e, por isso, impedir que o projeto continue, algo que seria ruim para mim e para elas.

Algo que está me angustiando nos últimos dias é a possibilidade de ir presa. Isso mesmo! Afirmo isto, pois, ao contrário do que eu imaginava no início do projeto, existem pessoas realmente inocentes no presídio. Cheguei a esta conclusão quando uma presa me contou sua história. Ela alegou que realmente não traficava, e para incriminá-la fizeram uma fita cheia de montagens. Até mesmo o advogado que levei até a PERG confirmou que acompanhou o início de seu processo e que a tal fita era no mínimo de interpretação duvidosa.

Então, fico pensando: Será que alguém, algum dia possa fazer algo assim comigo? Fico com medo não só de alguns funcionários, que podem estar começando a se preocupar comigo, devido a minha inserção. Mas será que algum dia alguém possa fazer tamanha maldade comigo, pois até mesmo dentro de um ônibus alguém pode colocar droga na minha bolsa sem eu perceber, e até eu provar que a droga não é minha, a polícia no mínimo irá me apreender.

Quantas injustiças nesse mundo são capazes de acontecer! Quantas interpretações equivocadas e a quantas maldades estamos sujeitos nesse mundo. Mas não é por estes medos que devo parar. Devo sim ter olhos mais abertos, ser menos ingênua, e continuar a caminhada que defini neste momento para a minha vida acadêmica e até mesmo pessoal, pois os conhecimentos e os sentimentos que estou adquirindo é para uma vida inteira.

### **5.15 A nossa árvore de natal**

Nesta data, dia 05 de dezembro, fui até a casa dos pais de uma presa, pois a mesma tinha oferecido a sua árvore de Natal para nos emprestar, a fim de montarmos a nossa árvore de Natal no presídio.

Então fui até a casa desse casal e pedi a árvore emprestada. Logo após dirigi-me até uma casa comercial da cidade para comprar as bolinhas e alguns enfeites de Natal.

Fui até o presídio com todo o material para a confecção da árvore natalina. Então, enfeitamos a árvore com cartões, bolinhas e outros enfeites.

Até eu recebi um cartão de uma presa, que me parabenizava pelo trabalho desenvolvido. Foi interessante confeccionar a árvore e trabalhar com os preparativos para o Natal.

A maioria das presas participantes do projeto passará as festas de final de ano na penitenciária. Para muitas, é o primeiro Natal e *reveillon* que passam numa penitenciária!

Então, para poder deixar uma lembrança minha, resolvi, além da confecção da árvore e da ceia de Natal (que iremos fazer em outra data), fazer um amigo secreto. Trocaremos lembranças e abraços no próximo encontro, comemorando a passagem do Natal, algo que na nossa sociedade é comemorado fielmente!

Assim, no próximo encontro ficaram as lembranças a respeito da nossa festa de Natal.

#### **5.16 A ceia de natal**

No dia dezenove de dezembro eu havia combinado com meu orientador e com as presas que faríamos uma ceia de Natal. Essa sugestão foi indicada pelo orientador, já que em outro momento de sua vida havia realizado uma ceia de Natal com seus alunos presidiários, e tal experiência, segundo ele, havia marcado sua vida profundamente, além de proporcionar um momento extremamente alegre e feliz aos seus alunos.

Aceitei a sugestão do Victor e marquei a ceia. Combinamos, eu e meu Orientador, de comprarmos os produtos que fariam parte da festa. Elas, as presas, não arcariam com nada, pois a ceia seria para elas. Há quanto tempo não participavam de uma festa!

Então eu e o Victor ficamos de ir ao presídio por volta das 14 horas. Ele, como era de se esperar, havia marcado alguns compromissos antes e não me encontrou pontualmente às 14 horas. Assim, devido a essa agenda lotada de compromissos importantes, de interesse pessoal e do próprio Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, eu e o Victor chegamos ao presídio às 16h e 30min.

Para mim, aquela espera era interminável, mas não podia falhar com elas. São iguais às crianças. Não se pode prometer nada a uma presidiária se não puder cumprir. Então, ao chegarmos ao presídio, eu, o Victor e sua irmã (que quis nos acompanhar até lá) entramos em contato com o administrador, o qual autorizou a ceia.

Como a sala onde aconteciam nossos encontros estava ocupada pela assistente social, esperamos até as 18h para dar início à ceia.

Chegamos na sala, arrumamos a mesa e esperamos as presas chegarem. Elas mostravam uma fisionomia muito alegre, feliz, de contentamento, e isso me fazia pensar o quanto aquele momento estava sendo bom para elas e principalmente para mim, pois na medida em que visualizava aqueles rostos sedentos de felicidade, percebia que o papel do pesquisador é não só conseguir informações para sua pesquisa, mas principalmente após coletar os dados, proporcionar aquilo que chamamos de retorno à sociedade.

E aquela pequena comunidade estava feliz por aquele momento, e essa experiência deixava-me mais feliz ainda, por perceber que com uma pequena iniciativa da minha parte e do meu orientador, podemos fazer algumas pessoas felizes naquele dia.

O encontro foi muito bonito! Ainda, fizemos a revelação de um amigo secreto, o que deixou o clima bem descontraído.

Para animar ainda mais o encontro, as presas começaram a perceber a figura exótico que é o professor Victor Hugo. Imaginavam um professor de terno e gravata, ou um homem mais velho, careca e barrigudo. E todos esses estereótipos foram quebrados por verem que aquele professor universitário tinha tatuagens como elas, vestia-se de forma comum, como elas, e gostava de doces, também como elas. Ele era uma pessoa simples, como elas também.

Foram muito bonitas todas as conversas que surgiram a partir daquele encontro. Uma das presas, a Vitória, chegou a dizer algo que me marcou muito, que me deixou muito feliz. Ela disse o seguinte: *“A Janaina nunca falhou com a gente, sempre quando não pôde vir avisou com antecedência. Nós pensávamos até pela tua demora que alguém não teria deixado tu entrar. Não passou pela nossa cabeça que tu não virias”*.

Esta revelação me trouxe muita alegria, pois pude notar que se travou uma relação de segurança, de empatia e amizade entre eu e elas. A experiência da pesquisa pode me trazer muito amadurecimento, além de uma outra leitura do ambiente prisional, uma leitura que permite perceber as presas como pessoas, valorizando as suas particularidades, e não com olhar de julgamento.

Nunca as julguei, discriminei ou condenei. Percebi-as enquanto mulheres, mães, filhas e momentaneamente presas, com interesses de sua classe, que precisam de horas de sol, de visitas, de alimento, de higiene, etc.

Então, posso revelar que a experiência da ceia de Natal foi muito bonita, pois muitas presas há algum tempo não tinham contato com os alimentos que levamos, já que muitas vezes a comida é repetida, e as frutas também.

De forma geral, eu me despeço desta experiência de vida, e não só de pesquisa, com lembranças muito positivas, com saudades e com a sensação de “dever cumprido”. Se eu morresse hoje, teria a sensação de poder fazer algo pela sociedade e pelo mundo. Por isso, a seguir exponho as minhas despedidas para com esta pesquisa.

### **PARA FINALIZAR, SEM CONCLUIR...**

Ao ler o trabalho de dissertação de uma amiga do Mestrado em Educação Ambiental, a educadora Márcia Madeira, percebi de forma curiosa, interessante e autêntica que ela em suas considerações finais intitula-o capítulo como Considerações Atuais.

Considero muito importante esta ruptura nos trabalhos acadêmicos. Nada é “final”, tudo é processo, é transformação. E a minha dissertação, assim como a da Márcia e de outros, não acaba no último sinal de pontuação da escrita, ela vai estar permanentemente sendo refletida e reescrita pelo seu autor, e (re)visitada por aqueles que sentirem interesse em ler ou mesmo manusear o documento, seja por curiosidade ou interesse de pesquisa.

Com esta dissertação, deixo marcada na História, através de um documento formal, mas nem por isto menos poético, libertador e esperançoso, um pouco da minha experiência terrena, e gostaria que os leitores se sensibilizassem com as questões e reflexões que tentei propor.

Muito mais que “concluir” o que e como aconteceu a pesquisa, de forma descritiva, gostaria de deixar, neste espaço, as minhas transformações, a metamorfose ocorrida durante o processo.

Quero lembrar principalmente do dia em que eu e o Victor nos desentendemos e logo nos acertamos novamente. Lembrar do dia em que ele me disse que só gostaria de me

ver de novo, quando eu dissesse a ele que estava enlouquecendo, com um turbilhão de idéias na cabeça. Coisas de orientador maluco! Maluco para produzir idéias e referenciais inovadores e libertadores.

Questionei, quando refleti sobre o que os meus professores da graduação queriam dizer, quando me diziam para ser crítica e criativa. Duvidei se eles mesmos sabiam o que era isso, e hoje, ao terminar esta dissertação, penso que o Victor, sim, proporcionou em mim a possibilidade da criatividade e da criticidade, através do exercício da minha própria palavra, valorizando os meus entendimentos, as minhas idéias e a minha autenticidade.

Levo, desta experiência do Mestrado, boas recordações e um conhecimento não só acadêmico, mas conhecimento de vida, de almas que se encontram na busca de um objetivo comum, o encontro, a felicidade, a libertação. Estas recordações são de amizades, conflitos, decepções e esperanças.

Assim, a partir da vivência junto à prisão, pude perceber e principalmente aprender com as presas da Penitenciária Estadual de Rio Grande. Percebi que elas não são só presas, são mães, filhas, irmãs, trabalhadoras e cidadãs, sim, embora tenham perdido temporariamente seus direitos, como, por exemplo, o direito de votar. São cidadãs na medida em que fazem história, pensam e continuam sendo gente, seres humanos que são capazes de sonhar, de inventar a vida e ressignificá-la com as aprendizagens proporcionadas pela experiência prisional.

Aprendi muito com estas mães, avós, trabalhadoras, filhas e presas. Não me propunha julgá-las, mas sim entendê-las a compartilhar sentimentos pró-sociais, que enaltecem a vida, a esperança e os sonhos.

Estes sonhos, durante a trajetória do trabalho, foram sempre observados com caráter qualitativo, como possibilidade de resistência à lógica penal, que é de sofrimento, como o próprio nome diz, penitenciária lembra penitência, castigo, punição. Essa instituição burocraticamente não é um lugar de se fazer amizades, de partilha, de comunhão, é um lugar de sobreposição, de hierarquias, de humilhação e de esquecimento perante a sociedade.

E foi nesse lugar necrófilo, que lembra a morte, se não física, mental, psicológica e afetiva, que fui tentar aprender a ser mais qualitativamente humana. Não só ensinei as presas, conforme seus relatos, mas principalmente pude aprender um pouco da pedagogia delas, do valor que elas dão às pequenas coisas, já que estão alheias de tudo e de todos.

Parece que a falta do convívio social faz com que essas pessoas dêem mais valor às pequenas coisas da vida, que fazem muita diferença nos momentos solitários.

E eu aprendi muito com isto. Às vezes nós, sujeitos livres, damos mais valor ao dinheiro, ao trabalho e aos bens materiais, do que a nossas mães, nossos pais, nossa família. Dinheiro e um bom trabalho são muito importantes na vida. É um direito de todos, mas não é tudo. Tudo, são as pessoas que nos apóiam e nos incentivam a sermos melhores a cada dia.

Na tentativa de resgatar os sonhos como resistência à lógica da prisão, tanto elas como principalmente eu, aprendemos que é possível sonhar dentro de uma instituição penal. O sonho pode estar em qualquer lugar, basta se dispor à oportunidade de sonhar.

A penitenciária é capaz de afastar essas pessoas do seu trabalho, dos seus laços familiares, de suas vidas, mas não é capaz de subverter a lógica onírica dos indivíduos, pois todos os seres humanos sonham, e é esse sonho que os potencializa, os caracteriza e os diferencia enquanto espécie.

Logo, os sonhos na prisão não são só possíveis como necessários. E devem ser exercidos no ambiente prisional para que o(a) preso(a) não seja sucumbido(a) pela lógica do sistema.

Enfim, a experiência junto às detentas da PERG teve e tem para mim o sentido de uma libertação. Libertei-me do que meus pais diziam sobre a prisão e seus detentos. Libertei-me do que a escola dizia sobre o que era o presídio. Libertei-me do que a sociedade e a cultura me fizeram acreditar e defender como verdades, os discursos sobre a prisão. Mas, por fim, a minha libertação maior foi a que fiz e tenho feito de mim mesma, de quem eu era, de quem pensava que era e do que pensavam de mim.

Hoje sou uma nova pessoa, transformada e em transformação. Afasto-me de mim mesma e vejo quem era a Janaina antes da experiência do Mestrado com a pesquisa com as presidiárias. Reflito quem era e percebo transformações nos dias atuais, de uma pessoa que está sendo. Foi no presídio, um local de exclusão e esquecimento social, que fui compartilhar sentimentos e valores mais humanos, valores que transformam a vida das pessoas, pois aprendi a dar mais valor aos pequenos momentos que são grandes em termos de felicidade. Foi no presídio que fui tentar ser um pouquinho mais feliz, na tentativa de fazer outras pessoas felizes.

Foi no presídio e no contato com as presas que fui perceber o valor da Educação Não Formal, mais especificamente da Educação Ambiental Não Formal. Digo isto, pois percebi que todos aqueles princípios defendidos pela Educação Ambiental durante décadas, através de grandes simpósios, congressos e eventos, que são solidariedade, coletividade, sustentabilidade, alteridade, altruísmo, etc., são vivenciados também no presídio.

Não quero, neste momento, passar a idéia de que estes valores são identificados de forma harmônica e ingênua. Dentro do presídio, assim como fora dele, as relações acontecem de maneira tensa e conflituosa. Pretendo expor que, assim como na sociedade, no presídio estes valores igualmente estão presentes, pois quando as presas dizem sentir falta do trabalho, querem simplesmente exercer a sua cidadania e dignidade. Quando dizem que sentem saudades dos filhos e da família, estão falando de amor e sustentabilidade familiar. Logo, por estes motivos, afirmo que os sonhos no presídio são permeados pelos princípios da Educação Ambiental.

Com esta experiência, sinto-me feliz em poder compartilhar em um espaço acadêmico que, conforme o protocolo, é algo que deve ser rígido, onde se produz o conhecimento dos grandes sábios da ciência, algo tão bonito e não menos científico que foi a vivência com as presas. Quero quebrar a norma de que o conhecimento válido não precisa ser frio, pode e deve servir ao social, pois se não, no meu entendimento, não tem valor, já que é a sociedade que, através do pagamento de seus impostos, sustenta o ensino público. Nada mais justo que falar desta sociedade e servir a estas pessoas com o conhecimento que se produz na academia.

Por meio desta experiência, inicialmente de pesquisa, reaprendi a sonhar com as presas e como as presas, que são extremamente esperançosas. Posso dizer que este processo aconteceu, como diria Freire, pois eu não *as eduquei*, nem elas hierarquicamente me *educaram*, nós ensinamos e aprendemos juntas, mediatizadas pelas relações sociais, pelo presídio. Por isto, sinto um sentimento de gratidão para com elas, pois ao despertar os sonhos delas, ao propor educabilidades sonhadoras, despertei os meus sonhos também. Descobri o quanto a minha potencialidade sonhadora e criativa estava adormecida e foi instigada pelo convívio com as presidiárias.

Eu que me acreditava livre fora do presídio, percebi-me apegada a uma série de preconceitos e ranços legados pela nossa sociedade excludente e preconceituosa. Contudo, ironicamente, foi com o contato com as presas e as orientações do professor Victor Hugo

que me tornei um pouco mais livre, livre de mim mesma, da antiga Janaina, que se recusava a fazer as coisas que seu orientador pedia. Quando, porém, se dispôs a enfrentar o problema de pesquisa, não quis mais parar e levou o aprendizado do Mestrado para a sua vida pessoal e as relações com seus pares.

Assim, finalizo este trabalho sem concluir. Logicamente, ele será permeável às críticas e as suas próprias superações. Mas certamente algo sou capaz de explicar com total certeza. Não sou mais a mesma pessoa que era antes e, por isto, acredito que esta caminhada já valeu a pena, pois fui capaz de me perceber, criticar e superar.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALBERGARIA, Jason. **Manual de direito penitenciário**. Rio de Janeiro: Aide Ed., 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**; Trad. Luís Antero reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, edições 70, 1977.

BRASIL, **Lei no 9.795**, de 27 de abril de 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Leis 9394 e 9395 de 20 de dezembro de 1996.

CRAIDY, Carmem Maria; GONÇALVES, Liana Lemos. **Medidas sócio educativas: da repressão à educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1997.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. **Manual de execução penal**: benefícios na execução da pena Privativa de Liberdade. Editora da Universidade Católica de Pelotas: EDUCAT, 1997.

CÓDIGO PENAL. **Lei de Execução Penal**: Lei nº 7.210 de 11 -07-1984. Editora Atlas. São Paulo, 1984.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. *IN: Cadernos de Sociologia*/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.

CONCURSO LITERÁRIO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO RS. **O pensamento é livre**: prosa, poesia, desenho. Governo do estado do Rio Grande do Sul: Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Porto Alegre, RS, 2002.

CURY, Augusto Jorge, **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1998.

FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRA, Vera Lúcia. **Utopia: a força do sonho**. São José dos Campos: UNIVAP, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: 10ª ed. Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GALEANO, Eduardo. **De pernas para o ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GENTILI Pablo; ALENCAR Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

GHIGGI, Gomercindo. A cultura da investigação científica: dos modelos dogmáticos a importância política a epistemológica da proposta de Paulo Freire. *IN: ANDREOLA, Antonio (et. al.) Educação, cultura e resistência: uma abordagem terciomundista*. Santa Maria: Ed. Pallotti/ITEPA/EST, 2002.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LEFF, Enrique. Pensar a complexidade ambiental. *IN: LEFF, Enrique (coord.) A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003

\_\_\_\_\_. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MADEIRA, Márcia Cristina Souza. **A história de Carla, uma educadora ambiental**. Rio Grande: FURG, 2004.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto**. Porto Alegre: Ed. Ísis; Diálogo-Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA-Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. IN: GALIAZZI, Maria do Carmo, FREITAS, José Vicente de (Orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

PARAMOUNT PICTURES. **Fuga de Alcatraz**, direção e produção Don Siegel, 1979.

PARIS FILME. **Papillon**, dirigido por Franklin J. Schaffner, 1969.

PIRES, Marisa Barreto. **Educação ambiental e mulheres encarceradas**: uma proposta. Rio Grande: FURG, 2002.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. **Por uma filosofia do espanto imaginário**: uma tentativa de reconstrução através das imagens poéticas – da formação do filósofo-sonhador dentro de uma perspectiva bachelardiana. São Paulo: s.n., il, 1999.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

STANIESKI, Nilda Margarete. **Educação no cárcere**. Possibilidades e limites para a inclusão/libertação social do apenado: refletindo como Presídio Regional de Pelotas. Pelotas, 2005, no prelo.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WARNER BROS. **À espera de um milagre**, dirigido por David Valdes e Frank Darabont, 1999.

WARNER HOME VÍDEO. **Um sonho de liberdade**, dirigido por, Frank Darabont, produzido por Kiki Marvin, 1994.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. Companhia das Letras. São Paulo, 2005